

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**A SEXUALIDADE NO DISCURSO DE ADOLESCENTES: UM ESTUDO NUMA
ESCOLA PÚBLICA DE PORTO VELHO/RO**

Adegemauro de Brito Faria

**PORTO VELHO
2012**

ADEGEMAURO DE BRITO FARIA

**A SEXUALIDADE NO DISCURSO DE ADOLESCENTES: UM ESTUDO NUMA
ESCOLA PÚBLICA DE PORTO VELHO/RO**

Dissertação apresentada por Adegemauro de Brito Faria, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – MAPSI, Área de Concentração: Linha 1 – Psicologia Escolar e Processos Educativos, da Universidade Federal de Rondônia, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador(a):

Prof(a). Dr(a).: Neusa dos Santos Tezzari.

Porto Velho

2012

FICHA CATALOGRÁFICA
BIBLIOTECA CENTRAL PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

F224s

Faria, Adegemauro de Brito.

A sexualidade no discurso de adolescentes: um estudo numa escola pública de Porto Velho/RO. / Adegemauro de Brito Faria. Porto Velho, Rondônia, 2012.
124f.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Núcleo de Saúde (NUSAU), Mestrado Acadêmico em Psicologia, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2012.

Orientadora: Profa. Dra. Neusa dos Santos Tezzari.

1. Adolescentes. 2. Sexualidade. 3. Psicologia Histórico-Cultural. I. Título.

CDU: 159.922.8(811.1)

Bibliotecária Responsável: Eliane Gemaque / CRB 11-549

ADEGEMAURO DE BRITO FARIA

A sexualidade no discurso de adolescentes: um estudo numa escola pública de Porto Velho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – MAPSI da Universidade Federal de Rondônia para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Linha 1 – Psicologia Escolar e Processos Educativos.
Orientador(a): Prof(a). Dr(a).: Neusa dos Santos Tezzari.

Aprovada em: 30 / 07 / 2012

Banca Examinadora

Neusa dos Santos Tezzari

Prof.^a Dra. Neusa dos Santos Tezzari – Presidente da Banca

Iracema Neno Cecílio Tada

Prof.^a Dra. Iracema Neno Cecílio Tada – Membro da Banca

Lúcia Rejane Gomes da Silva

Prof.^a Dra. Lúcia Rejane Gomes da Silva – Membro da Banca

DEDICATÓRIA

Àqueles que não têm voz, nem vez.
E aos que aqui, fizeram ecoar sua voz para que outros sejam alcançados.
À uma geração que clama por justiça, amor e paz.
E como digo, à Juventude Viva de Porto Velho e das nações da Terra.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Jesus, o Mestre por excelência, aquele que me inspira cada dia.

Aos alunos e docentes preciosos da escola que nos acolheu.

Aos meus familiares tão preciosos que me amaram e apoiaram.

A minha preciosa Mãe e a minha querida vó Maura,
elas me ensinaram valores e principalmente a amar a Deus acima de todas as
coisas.

Aos meus líderes e discípulos amados da Igreja Shalon, pelo encorajamento e
compreensão.

Aos professores do Programa MAPSI e de outros estados,
que tanto nos acrescentaram com suas contribuições.

Aos colegas (fubazada) MAPSI, pelo aprendizado e companheirismo.

Às queridas professoras Dra. Iracema Tada e Dra. Rejane Silva, por suas ricas
contribuições.

À minha querida orientadora, Dra. Neusa Tezzari, pelo esforço e incentivo
na construção dessa pesquisa. Dela eu sempre ouvia: Vai passar! Vai ser feliz!

À minha amada Monique, pelo apoio e motivação.

Presente e cumprimento das promessas de Deus!

Enfim, a todos que comigo acreditaram.

“Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais venhas a dizer: Não tenho neles contentamento”
Eclesiastes 12.1

RESUMO

FARIA, A. B. **A SEXUALIDADE NO DISCURSO DE ADOLESCENTES: UM ESTUDO NUMA ESCOLA PÚBLICA DE PORTO VELHO/RO.** 2012. 120 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2012.

Esta pesquisa tem, como objetivo principal, analisar, a partir do ponto de vista dos adolescentes, de que modo a escola tem lidado com a temática sobre sexualidade. Partindo de experiências pessoais e da graduação, no convívio com adolescentes e na escola. No Mestrado, avançamos nesse conhecimento, passando a ter uma nova perspectiva de adolescência e da dinâmica escolar. O estudo ocorreu numa escola pública da zona sul de Porto Velho/RO com adolescentes, alunos dos últimos anos do Ensino Fundamental - 7º, 8º e 9º anos e 1º e 2º anos do Ensino Médio, da faixa etária de 14 a 18 anos. Para tanto, desenvolvemos as seguintes seções: quadro teórico - dividido em dois blocos: um que aborda a adolescência e sexualidade, a fim de contextualizar o tema, o outro bloco aborda a relação da Psicologia com a sexualidade e a adolescência, numa perspectiva da adolescência, com base na abordagem teórica da Psicologia Histórico-Cultural, a partir de estudos de Vigotski, que pressupõe que cada homem é um ser social e histórico ativo, rompendo com a visão da Psicologia tradicional que compreende o desenvolvimento humano de uma forma naturalista e biologicista. Para o aporte metodológico, optamos por um estudo qualitativo e fizemos uso dos Grupos Focais para coleta de dados, que nos permitiu um ambiente favorável à expressão e participação dos adolescentes. Para a análise dos dados utilizamos a Análise do Conteúdo, com base nos estudos de Bardin (2011), que nos permitiu elencar categorias que perpassam o tema e, assim, norteiam a análise. Finalizamos trazendo dados, que possam subsidiar a escola ao lidar com a sexualidade dos adolescentes, dentre os quais a omissão e o silenciamento da escola com relação à sexualidade. Nos seus discursos os adolescentes denunciavam que as ações da escola são pontuais, parciais e carecem de clareza.

Palavras-chave: Adolescentes, Sexualidade, Psicologia Histórico-Cultural.

ABSTRACT

FARIA, A. B. SEXUALITY IN ADOLESCENTS' SPEECH: A STUDY CARRIED OUT IN A PUBLIC SCHOOL IN PORTO VELHO/RO. 2012. 120 p. Dissertation (Master) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2012.

This research has, as its main objective, to analyze, from the adolescents' point of view, how schools have been dealing with sexuality matters, taking into consideration the researcher's personal experience, educational background, and living with adolescents and in schools. In the Master course, we have progressed in this knowledge so that we could reach a new perspective of adolescence and school dynamics. This study was carried out in a public school located in the southern zone of Porto Velho/RO with adolescents, students from the 7th, 8th, 9th grades of elementary school and 1st and 2nd years of secondary school, aging from 14 to 18 years old. Hence, we have developed the following Sections: Theoretical Framework - divided in two blocks: one that approaches the adolescence and sexuality in order to contextualize the theme; the other block approaches the Psychology relation with sexuality and adolescence from the adolescence perspective, based on the Historical-Cultural Psychology theoretical approach, from Vigotski studies, which assumes that every man is a social and historical active being, tearing apart from a Psychology traditional view which accepts the human development in a naturalist and biologist way. Concerning to the methodological framework, we have adopted a qualitative study and then we made use of Focus Group to collect data, which allowed a favorable environment for the adolescents' expression and participation. In order to analyze data we have opted for the Content Analysis, based on Bardin's studies (2011), which permitted us to list some categories that permeate the theme and, therefore, conduct the analysis. We conclude bringing up some data which may subsidize the school when it comes to dealing with the adolescents' sexuality, amongst them the school omission and silencing towards sexuality. In their speech, adolescents denunciate that school actions are specific, incomplete and require more clarity.

Key-words: Adolescents, Sexuality, Cultural-Historical Psychology.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	10
2 INTRODUÇÃO	12
JUSTIFICATIVA	15
OBJETIVOS.....	17
Objetivo geral	17
Objetivos específicos	17
3 REFERENCIAL TEÓRICO	18
Adolescência e sexualidade.....	18
As relações da Psicologia com a sexualidade e a adolescência na perspectiva Histórico-Cultural	27
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36
Abordagem metodológica.....	36
Grupos focais	37
Local do estudo.....	44
Participantes	44
O ambiente dos encontros	47
Critérios para a transcrição	48
PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS: ANÁLISE DE CONTEÚDO..	50
Pré-análise.....	51
Exploração do material	52
Tratamento dos resultados e interpretações.....	52
5 UM OLHAR SOBRE OS DADOS: O DISCURSO DOS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE	54
5.1 O lugar da escola na relação com a sexualidade dos adolescentes.....	54
5.1.1 A escola como agente de formação social.....	55
5.1.2 A escola como lugar de atividade sexual	59
5.1.3 O lugar da escola e da família.....	60
5.2 O lugar da família na formação sexual do adolescente	61
5.3 As pressões vivenciadas pelos adolescentes.....	65
5.4 As contradições no discurso dos adolescentes.....	67
5.5 Vínculos e comprometimento na adolescência	71
5.6 O cuidado consigo e com o outro	74
5.7 O lugar dos amigos	78
5.8 Conceitos presentes nos seus discursos dos adolescentes	79
5.9 O lugar dos multimeios	81
5.10 A apropriação da cultura e do social	82
5.11 Manifesto dos adolescentes	85
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS.....	90
APÊNDICE A – Autorização para realização da pesquisa	94
APÊNDICE B – Autorização dos pais	95
APÊNDICE C – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	96

APÊNDICE D – Roteiro dos Grupos Focais.....	97
ANEXO A – Carta de Autorização do CEP/NUSAU	98
ANEXO B – Transcrições dos Grupos Focais	99

1 APRESENTAÇÃO

Meu interesse em participar do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – MAPSI-UNIR/RO, na linha de pesquisa Psicologia Escolar e Processos Educativos se deve ao fato de ser uma temática que perpassa minha história de vida e também de estar ligada ao meu foco de pesquisa desde a graduação.

Em minha graduação acadêmica em Psicologia, tive experiências significativas no contato com adolescentes em ambiente escolar e isso foi o que me levou a optar pela linha da Psicologia Escolar, devido ao meu interesse ao que se refere ao ambiente escolar e a todos os aspectos que o envolvem. Há mais de dez anos tenho desenvolvido trabalhos voluntários em escolas, principalmente com adolescentes, ministrando palestras e participando de atividades educativas e sociais cujos temas foram: prevenção contra as drogas e a violência, dinâmica familiar, gravidez na adolescência e puberdade.

Na graduação, tais atividades se intensificaram, pois o saber científico trouxe base à experiência vivida ao longo desses anos, tendo em vista que minha formação tinha ênfase também na Psicologia Escolar.

No Instituto Luterano de Ensino Superior em Porto Velho (ILES/ULBRA), instituição onde fiz o curso superior, como experiência prática, vivenciei dois estágios em duas escolas da cidade de Porto Velho/RO: EEEFM Orlando Freire e EEEFM Cap. Cláudio Manoel da Costa, com duas experiências significativas. Na primeira, com uma abordagem qualitativa, realizamos oficinas com alunos de cinco turmas do Ensino Médio, visando promover uma maior interação dos adolescentes entre si, com a escola e com a família.

Na segunda, tivemos discussão sobre a temática namoro e gravidez na adolescência, com alunos de doze turmas do Ensino Fundamental, a partir de respostas a questionários e, na sequência, palestras. Tal procedimento nos permitiu coletar dados qualitativos e quantitativos quanto ao tema abordado, uma vez que haviam questões abertas e fechadas.

Além disso, de forma complementar, participei, como palestrante, de projetos de extensão e de eventos educativos nas escolas EEEFM Roberto Duarte Pires,

EEEF Prof. Herbert de Alencar e EEEFM Cap. Cláudio Manoel da Costa, nos quais fui enriquecido pelo convívio com os adolescentes e com maior conhecimento da dinâmica escolar vigente.

No Programa de Pós-Graduação em Psicologia, várias disciplinas vieram contribuir com esse processo. Pude ampliar a minha compreensão sobre a adolescência.

Deste modo, espero, com o aprendizado e com a experiência vivenciada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, com a construção desse trabalho, ampliar a compreensão dos temas relacionados à adolescência e à influência educacional dos fenômenos que a envolvem.

Vemos que a Psicologia, numa atuação interdisciplinar, pode contribuir com os Processos Educativos, por ter um olhar que lhe é peculiar no que se refere ao estudo das relações do homem no contexto social e histórico no qual está inserido e suas implicações, contribuindo, assim, para a construção do saber científico e para a estruturação de uma sociedade mais justa e humana.

2 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi realizada na perspectiva de contribuir para uma melhor compreensão sobre o modo como a escola lida com a temática da sexualidade, a partir do ponto de vista de adolescentes de uma escola pública de Porto Velho/RO.

Assim, buscamos aprofundar os conhecimentos teóricos, com base nos estudos já existentes sobre adolescência, com o desenvolvimento de uma pesquisa de campo sobre o modo como os adolescentes concebem a sexualidade e sobre o modo como a escola lida com ela.

Este trabalho teve como objetivo geral, ampliar, considerando a fala dos adolescentes, a compreensão sobre a concepção dos adolescentes de uma escola de Porto Velho sobre a sexualidade, com a utilização da técnica de Grupo Focal. Com ela, foi possível criar condições para que os adolescentes se expressassem a respeito da sexualidade na escola, para que, tendo como referência os seus discursos, pudéssemos analisá-los, buscando compreendê-los nas suas múltiplas interfaces bem como os fatores que são relevantes nesse processo.

Além disso, vemos também a importância de explicitar o contexto no qual a sexualidade dos adolescentes ganha espaço, ao estabelecerem relações com as pessoas com as quais eles convivem e que, de alguma maneira, estão envolvidas no seu processo de desenvolvimento e de aprendizagem, fazendo emergir elementos contidos na fala dos próprios adolescentes.

Considerando as relações estabelecidas contemporaneamente, outros aspectos perpassaram a temática, tais como as relações familiares, a saúde, e as questões sociais e culturais de modo geral; tais aspectos foram considerados na análise.

Com o conhecimento desenvolvido nesta pesquisa, pudemos ampliar nossa compreensão do lugar que a escola ocupa na educação sexual de adolescentes e desejamos contribuir com dados que possam melhor orientar a escola, no sentido de desenvolver ações que possibilitem uma melhor relação entre ela, os adolescentes e as questões relativas à sexualidade.

Com o intuito de concretizar nossas intenções de pesquisa, organizamos o trabalho, apresentando na sequência, as justificativas, os objetivos, o referencial teórico no qual nos inspiramos e que nos embasou.

No referencial teórico, organizamos os dados em dois grandes blocos.

Um, no qual enfatizamos a adolescência e a sexualidade, apresentando as pesquisas desenvolvidas no Brasil sobre a sexualidade, seus aspectos educacionais, históricos e culturais e questões relativas à legislação. Por ser um tema transversal, atravessado por questões legais, nos reportamos à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº. 9.394 de 20/12/96, lei vigente há mais de 15 anos, que prevê a inclusão da educação sexual nas escolas; aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)¹, que pontuam questões sobre a Orientação Sexual nas escolas; e ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Outro, no qual enfatizamos as relações da Psicologia com a sexualidade e a adolescência na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, que propõe que as características presentes em determinadas etapas do desenvolvimento não são naturais; não consistem na diferenciação de formas inatas da atividade psíquica; são historicamente produzidas: o indivíduo interioriza determinadas formas de funcionamento dada pela cultura, mas, ao apropriar-se delas, transforma-as em instrumento e ação; ele é, ao mesmo tempo, sujeito e produtor das relações sociais.

Deste modo, a Psicologia Histórico-Cultural busca, numa perspectiva crítica, compreender a subjetividade humana como uma junção de múltiplas relações, estabelecida de forma dialética, na qual o indivíduo se constrói no contexto histórico e a educação se torna um instrumento de mediação de transformação social.

Tal ênfase dada à Psicologia Histórico-Cultural vem ao encontro das nossas concepções de homem, de relações e de adolescência.

Na sequência, apresentamos o referencial metodológico e, nele, explicitamos os procedimentos de pesquisa: o local, os participantes, a opção pelo método de Grupos Focais² para a coleta de dados e a Análise do Conteúdo para a análise dos dados.

¹ Doravante, PCN.

² Doravante, GF.

Em seguida, trazemos a seção da análise dos dados, na qual estabelecemos um diálogo entre os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, os dados da pesquisa – os discursos dos adolescentes, e os dados obtidos com o estudo das pesquisas sobre adolescência e sexualidade, atendendo aos procedimentos da análise do conteúdo; e por fim, as Considerações Finais.

JUSTIFICATIVA

O desenvolvimento desta pesquisa justifica-se, por experiências significativas desde a graduação em Psicologia, tanto em projetos de extensão quanto em estágios desenvolvidos com adolescentes numa aproximação com a Psicologia Escolar, a partir de atividades educativas e sociais através de palestras, questionários e dinâmicas de grupo, com temas tais como: prevenção contra as drogas e violência, dinâmica familiar, gravidez na adolescência, DST e puberdade.

Pudemos detectar, nessas duas experiências significativas, a demanda relacionada à sexualidade na vida dos adolescentes e a dificuldade encontrada por professores e diretores em lidar com a temática. Nestas situações acima citadas, tanto de palestras quanto de estágios, utilizamos uma abordagem teórica, com a qual tínhamos contato até então, que enfatiza as mudanças biológicas pelas quais o adolescente passa, dessa forma naturalizando a adolescência. Dentre alguns autores, temos Aberastury (1959, p.3) que propõe uma visão biologizante da adolescência conforme abaixo:

As mudanças psicológicas que se produzem nesse período, e que são a correlação de mudanças corporais, levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. Isto só é possível quando se elabora, lenta e dolorosamente, o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância.

Com a inserção no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (MAPSI), pude ampliar minha compreensão sobre a questão, na perspectiva Histórico-Cultural, aliando a teoria que embasava a minha prática na graduação às novas perspectivas no MAPSI.

O desenvolvimento de uma pesquisa desta natureza se justifica também, em função de as questões relativas à sexualidade ainda serem tratadas numa perspectiva naturalista; mesmo na academia, nos cursos de Psicologia, impera uma visão tradicional, biológica que enfatiza a adolescência como fase de turbulência, em virtude dos hormônios; visão que também é ratificada pela mídia.

Nesta perspectiva, compreendendo a adolescência como um processo histórico e social, os dados desta pesquisa podem contribuir no sentido de possibilitar reflexões sobre o modo como certas disciplinas, por exemplo, Psicologia do Desenvolvimento são desenvolvidas na academia, e iniciar um movimento no qual se possa perceber o homem como um ser ativo, social e histórico, para além de uma percepção reduzida, que considera a dimensão biológica, comportamental, o normal e o anormal.

Além das razões anteriormente explicitadas, propomos que a sexualidade, na sua complexidade, pode representar uma questão de promoção da saúde em algumas situações tais como: gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis etc.

Segundo o IBGE (2006), em 1996, 6,9% das garotas de 15 a 17 anos já eram mães. Esse número subiu para 7,6% em 2006. Por isso, essa pesquisa se justifica pela possibilidade de ampliar esse conhecimento, identificando a influência dos fenômenos ligados à sexualidade na vida dos adolescentes e apresentando propostas sobre como a escola bem como a sociedade em geral podem/ poderiam lidar com isso.

OBJETIVOS

Com base nos dados obtidos nesta pesquisa, pretendemos ampliar nossa compreensão acerca do ponto de vista dos adolescentes sobre a sexualidade e, dessa forma, contribuir para o processo educativo quanto à sexualidade do adolescente a partir da sua própria fala, como destaca Ozella (2008, p.122), “a própria forma de os adolescentes compreenderem as questões formuladas é reveladora das diferenças existentes entre eles, diferenças que expressam diversas formas de pensar, sentir e agir.”

Sendo assim, esperamos que a pesquisa possa promover crescimento pessoal e social de todos os envolvidos no processo, com uma maior compreensão dos adolescentes sobre a sexualidade, uma vez que teremos ele próprio como participante da pesquisa.

Com essa percepção da pesquisa, definimos os objetivos a seguir.

Objetivo geral

Analisar, a partir do ponto de vista dos adolescentes, como a escola tem abordado a temática da sexualidade.

Objetivos específicos

- Investigar, a partir da fala dos adolescentes, as suas concepções sobre a sexualidade;
- Compreender qual tem sido o lugar da educação sexual nas escolas;
- Possibilitar reflexões na escola a lidar com a sexualidade dos adolescentes, a partir dos dados obtidos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Nessa seção, apresentamos o referencial teórico que embasou a pesquisa, organizando-o em dois grandes blocos, conforme o explicitado na Introdução.

No primeiro bloco, apresentamos questões sobre a sexualidade e adolescência e, no segundo, o aporte à Psicologia Histórico-Cultural.

Adolescência e sexualidade

Recorremos, para dar suporte teórico a esta pesquisa, aos bancos de teses e dissertações de universidades ligadas ao Projeto de Cooperação Acadêmica – PROCAD, aprovado pela CAPES em dezembro de 2009, dentre elas: a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Estadual de Maringá (UEM) e também de outras universidade como a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)³. Foram pesquisados, ainda, artigos disponibilizados na rede mundial de computadores, especialmente o portal scielo.com, percebemos que ainda é escasso o número de trabalhos sobre a temática. E, como aponta Mascagna (2009, p. 12), quando aparecem, muitas vezes, vêm carregados de uma visão naturalista e biológica da adolescência:

A maioria dos adolescentes acredita que ser adolescente é ser rebelde. Essa visão é introjetada pelos indivíduos por meio da mídia e da educação em geral. Superar tal perspectiva é uma luta da qual poucos estão participando, porque, ao pesquisar no site www.scielo.br, pudemos observar que poucos pesquisadores estudam a adolescência pela teoria crítica. A maioria dos estudos da adolescência são voltados para a área da saúde, como, por exemplo, o artigo sobre a percepção corporal dos adolescentes em relação à alimentação (Branco Hilário & Cintra, 2006) e o artigo sobre as políticas públicas voltadas para a drogadicção na adolescência (Raupp & Milnitsky-Sapiro, 2005).

No banco de teses e dissertações da UNESP, encontramos a tese de Doutorado cujo título é: Sexualidade e orientação sexual na formação de

³ Doravante, USP, UEM, UNICAMP e UNESP.

professores (2010), que tem como autora a professora Dra. Lúcia Rejane Gomes da Silva, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Este trabalho nos serviu de suporte para compreendermos a sexualidade no contexto educacional e ao mesmo tempo local, pelo fato de ter sido realizada em Porto Velho/ RO.

Tivemos acesso também à dissertação de mestrado de Gisele Cristina Mascagna, da UEM, que nos mostra a adolescência numa visão Histórico-Cultural tendo como referência a escola de Vigotski⁴, e que nos serviu de base para uma ampliação do saber acerca do adolescente construído histórica e socialmente, ao qual nos reportaremos na seção da Análise dos dados.

Alguns aspectos históricos e culturais indicam como vem ocorrendo a construção da sexualidade e sua influência sobre as pessoas. Vamos abordar alguns momentos históricos como o advento da agricultura, comércio, industrialização, expansão religiosa, globalização até os dias atuais, que influenciaram tal construção.

A compreensão que se tem de sexualidade pode variar muito dependendo do contexto histórico e cultural no qual a população está inserida, influenciando a formação sexual das pessoas ao longo dos tempos. Tais questões são consideradas importantes para a localização, no tempo e no espaço, do adolescente que vive no século XXI, no Brasil, e mais especificamente, em Porto Velho/ RO.

Com base em Stearns (2010), podemos dizer que, na história da humanidade, a agricultura trouxe mudanças para a maneira de as pessoas se relacionarem, porque, com o surgimento da mesma, as pessoas passaram a viver mais em comunidade e mais próximas; com isso, o acompanhamento de comportamentos sexuais era contemplado por todos, inclusive pelas crianças que viam seus pais mantendo relações sexuais. Além disso, passou-se a se observar também o comportamento sexual dos animais, o que possibilitou aliar a sexualidade ao instinto animal. Naquele momento de surgimento da agricultura também percebeu-se a necessidade de gerar filhos, principalmente homens, para o trabalho e para a perpetuação da linhagem familiar.

⁴ Para sermos fiéis aos autores que nos embasaram, optamos pela grafia utilizada pelos mesmos - Vigotski, em função de haver diversas possibilidades de escrita deste nome.

Embora, ao longo da história, a sexualidade sempre tenha tido o seu lugar de importância na vida do ser humano, vemos uma mudança significativa da visão que se tinha sobre a sexualidade, conforme Stearns (2010), o principal autor que nos norteia na compreensão da história da sexualidade, quando ele explicita alguns períodos significativos da sexualidade antes da época moderna, marcada pelo advento da agricultura e o impacto da religião na sexualidade até o século XV; a sexualidade na modernidade, destacada pela sociedade ocidental do século XVII ao XX, a revolução sexual e, por fim, expõe a sexualidade até os dias atuais.

Stearns (2010) ressalta períodos históricos que tiveram influências no comportamento sexual da humanidade, apoiadas por sistemas culturais, financeiros e religiosos; é o período do surgimento das grandes civilizações no Oriente Médio, Mediterrâneo, China e Índia. Além disso, a influência da cultura grega (2010, p. 54) que, com seus deuses e suas artes, evidenciava em suas imagens uma “sexualidade franca e aberta, e por vezes devassa, dos deuses gregos”, que contrastava com as relações de repressão que vivenciavam os homens comuns.

Também houve a influência religiosa, frisada por Stearns (2010), e seu impacto é considerável, principalmente com o crescimento de grandes religiões missionárias, como o Cristianismo e o Budismo, que vão se alastrando e conquistando grandes massas pelo mundo à fora, exaltando o celibato como forma de regulação dos perigos que pudessem ser causados pelo sexo, uma vez que crescia o comércio em nível mundial, modificando radicalmente o comportamento sexual das pessoas, principalmente nas cidades portuárias e nas rotas comerciais.

A Revolução industrial, em meados do século XVIII, proporcionou, segundo Goellner, (2010, p.34), uma mudança também em relação ao corpo humano como produtivo:

A ciência do século XIX que classifica e analisa o corpo no seu detalhe é aquela que vai legitimar uma educação do corpo visando torná-lo útil e produtivo. Como base deste pensamento está a crença de que o corpo é uma máquina reprodutora de energia [...]

Já no século XX, como explicita Stearns (2010), percebe-se um outro tipo de exploração do corpo humano, a saber, a violência sexual, quando questões como

abuso sexual, pedofilia, estupro, dentre outras, eram vistas, em certas culturas, como normais, passaram a ser concebidas de outra forma e até mesmo a serem criminalizadas.

Como postula o Conselho Federal de Psicologia (2009), embora a violência sexual seja identificada como fenômeno antigo, só passa a ser considerada como problema social no século XX, quando foi inserida no contexto dos direitos humanos e considerada responsável por sérias conseqüências ao ser humano, como o comprometimento do desenvolvimento físico, psicológico e social de suas vítimas.

A fecundidade feminina sempre foi objeto de controle, tanto para aumentar quanto para diminuir, o que, quase sempre, significou violência contra a mulher, como, por exemplo, a mutilação como forma de controle, detectada na passagem do século XX para o século XXI, como relata Goldberg (1988, p.34):

A prática da mutilação sexual feminina cresce de maneira alarmante no mundo árabe e na África negra, segundo denúncias que a Organização das Nações Unidas (ONU), acaba de receber em Genebra, onde esteve reunido o “Grupo de Especialistas em Escravidão” da Comissão dos Direitos Humanos.

Vale ressaltar que o contexto de nossa pesquisa é o Brasil, um país predominantemente cristianizado, onde valores e conceitos morais cristãos permeiam a cultura da população brasileira. Porém, nossa pesquisa se propõe a partir não necessariamente dessas construções sociais e culturais, mas sim da própria experiência dos adolescentes que, influenciados pela cultura vigente, se expressaram de maneira livre e espontânea.

Também na época da expansão do comércio e das colônias, tem-se, mais uma vez, um período marcado por mudanças comportamentais, devido a novos encontros de povos, como vemos Stearns (2010, p.110) a seguir:

Comerciantes europeus e autoridades coloniais começaram a formular concepções sobre a sexualidade em outras regiões. A dominação européia e a mudança populacional tiveram enorme impacto sobre os padrões sexuais nas Américas, com alguns efeitos duradouros. Novas formas de escravidão tiveram óbvias conseqüências nas avaliações da sexualidade e nos comportamentos sexuais efetivos. De maneira hesitante e com variadas implicações, o sexo começou a ser entremeado pelas apreciações de

diversos povos e sociedades, chegando até mesmo a ser vinculado a idéias sobre raça.

A sexualidade no mundo moderno compreende um período marcado por mudanças significativas, como postula Stearns (2010, p.133):

[...] a criação dos dispositivos contraceptivos, que trazem a conotação do sexo não mais apenas para procriação, mas também para prazer, a medicina se colocando no discurso da importância de sua intervenção no processo de saúde e informação, o avanço da indústria pornográfica, posturas mais rígidas do Oriente enquanto que mudanças drásticas no Ocidente quanto ao homossexualismo e a tão divulgada “revolução sexual” em 1960 que preconizava um número cada vez maior de pessoas cada vez mais jovens se envolvendo sexualmente.

No mundo contemporâneo, a sexualidade é expressa pela globalização e pelos meios de comunicação que, segundo o autor, vai sofrendo mudanças consideráveis.

Movimentos populares, conforme historia Stearns (2010, p. 225, 226), em 2003 na Nigéria, o protesto à penalização de morte de uma mulher por ter praticado adultério, pois segundo sua cultura, seria enterrada até a cintura e apedrejada até a morte, despertaram a mobilização de organizações de direitos humanos e a opinião pública demonstrou sua indignação, pela internet, pressionando o governo nigeriano que não executou a sentença. Em 2008, os atores do filme “Caçador de pipas”, dois meninos do Afeganistão, tiveram que se retirar de seu país devido a possíveis perseguições por causa de cenas sexuais no filme.

Dentro da contemporaneidade, temos ainda a globalização que, na proposta de Stearns (2010, p. 228), exerce forte influência, pois, a partir da mesma, muitos valores e costumes de diversas culturas se misturam, ora influenciando, ora causando resistências. Para o autor, a sexualidade na globalização contemporânea é marcada por três fatores. Primeiro, na Europa, nos Estados Unidos, no Japão e em outros países do mundo, uma nova cultura mais aberta quanto à sexualidade, inclusive no cinema sem censura; segundo, a apreciação à nudez e à beleza feminina, através de concursos de miss, exposição do corpo – banho de sol de *topless*, estimulados pelo turismo internacional e pela comunicação; terceiro, diversas reações regionais extremadas em relação à sexualidade, uns mais

conservadores outros mais abertos às mudanças, que fizeram com que “o sexo na era global”, estivesse longe de ser um fenômeno uniforme.

Em culturas mais globalizadas e abertas às mudanças, nas décadas de 1980 e 1990, a sexualidade era difundida de maneira mais acelerada, e os métodos contraceptivos iam aumentando e, ao mesmo tempo, alcançando mais pessoas, também como Stearns (2010, p.234) explicita:

Nas últimas décadas do século XX, de maneira mais plena na Europa do que nos Estados Unidos, a disponibilidade de vários métodos se estendeu até mesmo aos adolescentes, facilitando a prática do sexo pré-marital sem risco significativo de gravidez. Por fim, principalmente para os adultos, os procedimentos cirúrgicos, incluindo a vasectomia para os homens e a laqueadura ou amarração (ou ligadura) de trompas de Falópio para as mulheres, promoveram esterilizações que evitavam a concepção com um grau de confiabilidade sem precedentes.

Mudanças continuaram acontecendo nas últimas décadas do século XX, principalmente marcadas pelo estupro, pelo aborto, cada vez mais difundido e pelo uso de preservativos devido a doenças, como a AIDS, sexualmente transmissíveis, como Stearns (2010, p.237) aponta:

Na década de 1990 os casais casados usavam fartamente DIUS e pílulas, e a esterilização também era comum; o uso de pílulas foi refreado pelas ansiedades e a exagerada ênfase (para os padrões ocidentais) das mulheres nos efeitos colaterais. Casais não casados ficavam na dependência do aborto e dos preservativos, e o uso de camisinha avançou por volta do ano 2000, em meio a novos temores de doenças.

Com todas essas questões emergentes e em ebulição, o comportamento das pessoas, bem como sua expressão sexual sofrem mudanças significativas.

Vale salientar que essa pesquisa se localiza no Estado de Rondônia, que se encontra numa condição regional amazônica, gestada e marcada por ciclos migratórios como os da borracha, do ouro e, mais recentemente, a construção das hidrelétricas de Jirau e de Santo Antônio, no rio Madeira, grandes obras de interesses econômicos que trazem impacto cultural e social no comportamento humano, inclusive sexual.

Tendo, portanto, como os dados anteriormente relatados, colhemos, ao longo desta pesquisa, informações que nos trouxeram luz sobre a maneira como, em nossa cultura e contexto histórico, o adolescente em Porto Velho, capital do estado de Rondônia, norte do Brasil, tem percebido e compreendido, no início do século XXI, a sexualidade, especialmente com o foco educacional, e os apresentaremos e os discutiremos na seção da análise dos dados.

Com relação aos aspectos ligados às propostas educacionais, no que diz respeito à maneira como as escolas podem desenvolver a temática sexualidade com os adolescentes, lançamos um olhar à legislação, partindo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei nº. 9.394 de 20/12/96, que propõe uma educação integral, visando preparar as pessoas para o exercício da cidadania conforme vemos na LDB (Brasil, 1996) nos artigos 2º, 3º e 27º:

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o **pleno desenvolvimento** do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - **liberdade de aprender**, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III - **pluralismo** de idéias e de concepções pedagógicas;
- IV - **respeito à liberdade** e apreço à tolerância;

Art. 27. Os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes:

- I - a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de **respeito ao bem comum** e à ordem democrática;

Conforme preconiza a LDB, o educando tem o direito de receber tanto da família quanto da escola condições para o seu desenvolvimento pleno, isso aponta para um conceito fundamental na Psicologia Histórico-Cultural que é a mediação proposta por Vygotski (1995) onde é fundamental o que se aprende na relação com o outro e o convívio social. Por isso a escola é de suma importância nessa formação para que haja essa liberdade de aprender apontada acima e isso de forma plural sendo respeitadas as diferenças visando então o exercício da cidadania e a preparação para o trabalho.

A Resolução da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CEB) Nº 2, de 7 de abril de 1998, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, (Resolução, 2012) propõe que:

IV - Em todas as escolas deverá ser garantida a igualdade de acesso para alunos a uma base nacional comum, de maneira a legitimar a unidade e a qualidade da ação pedagógica na diversidade nacional. A base comum nacional e sua parte diversificada deverão integrar-se em torno do paradigma curricular, que vise a estabelecer a relação entre a educação fundamental e:

a) a vida cidadã através da articulação entre vários dos seus aspectos como:

1. a saúde
2. **a sexualidade**⁵
3. a vida familiar e social
4. o meio ambiente
5. o trabalho
6. a ciência e a tecnologia
7. a cultura
8. as linguagens.

Louro *et al.* (1999, p.80-81) também reforçam a importância de voltarmos nossa atenção a essa questão dentro das escolas, quando dizem que:

[...] se deixarem de tratar desses ‘problemas’ a sexualidade ficará fora da escola. É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam a sociedade, mas que ela própria as produz.

A sexualidade é proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como um dos temas transversais, que foram selecionados de acordo com os critérios de urgência social, abrangência nacional. Segundo Silva (2010, p.15), “Na proposta dos PCN, seis temas foram eleitos para um tratamento transversal ao currículo: ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual, e trabalho e consumo.”

A referida autora, no livro “Sexualidade e orientação sexual na formação de professores: uma análise política educacional”, que representa a sua tese de Doutorado defendida na área de Educação Escolar na UNESP de Araraquara/SP, contribui com nossa pesquisa contextualizando historicamente a temática e trazendo

⁵ Grifo nosso.

dados bem atuais e evidenciou o quanto a temática precisa ser revista e mais valorizada na rede de ensino tanto na formação de docentes quanto na transmissão desse conhecimento às escolas.

Ainda Silva (2010) ressalta que, por se tratar de um tema transversal para as escolas, incluso nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1996 pelo Ministério da Educação (MEC) com publicação pela Secretaria de Ensino Fundamental (SEF/MEC) em 1998 (BRASIL, 1998) deve ser incorporado nas disciplinas existentes e em todo o trabalho educativo.

Vale ressaltar que, atualmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS), conforme Ministério da Saúde (2005), apresenta o conceito de sexualidade como uma construção baseada nas relações sociais, experiências, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, condutas e práticas. Dessa forma, esse conceito corrobora a perspectiva Histórico-Cultural.

A temática da adolescência tem, no Brasil, legislação específica: o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990)⁶, que prevê no Art. 2º “Considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.”

Esse estatuto tem, como efeito pretendido, a proteção da criança e do adolescente, representa avanços no cuidado à criança e ao adolescente e reflete um anseio da população brasileira, pois conforme diz Paiva (2004) o ECA surge de uma manifestação pública, com o peso de mais de um milhão de assinaturas que não deixavam sombra de dúvida quanto ao desejo da população por mudanças. Mais que uma mudança pontual na legislação, expressa um novo paradigma sobre a adolescência.

Deste modo, uma mudança de paradigma é proposta com a chegada do ECA, no dizer de Paiva (2004) inaugurou-se uma forma nova de se perceber a criança e o adolescente da que vinha sendo defendida pela sociedade e pelo Estado, pois a realidade não se altera num único momento, ainda mais quando o que se propõe é uma profunda mudança cultural que, certamente, não se produz rapidamente, mas de forma paulatina.

⁶ Doravante, ECA.

Até a criação do ECA, no Brasil, havia o Código de menores - Lei 6688 de 1979 que, como afirma Veronese (1998), favorecia uma política que fomentava a criação e a proliferação de grandes abrigos e internatos, onde ocorriam violações dos direitos humanos, uma estrutura verdadeiramente desumana e perversa. Via-se, na concepção de Ardigó (2007), a divisão entre duas classes de crianças e adolescentes: a dos filhos socialmente incluídos e integrados, a que se denominava “crianças e adolescentes”. A outra, a dos filhos dos pobres e excluídos, genericamente denominados “menores”, como a própria lei nomeava.

A partir da criação do ECA, a criança e o adolescente passaram a ser amparados pela lei de uma forma mais integral e indiscriminada, conforme preconiza o ECA (1990):

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais referentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Portanto, conforme vemos, a legislação vigente propõe uma proteção em todos os âmbitos do desenvolvimento da criança e do adolescente, apesar de ainda, numa perspectiva apenas biológica, determinar peremptoriamente a idade cronológica para definir quem é criança e quem é adolescente.

As relações da Psicologia com a sexualidade e a adolescência na perspectiva Histórico-Cultural

É importante analisarmos que, no decorrer da história da educação no Brasil, a Psicologia Escolar adentrou as portas do ensino, com a função de colaborar com o processo educativo e lançar alicerces firmes para a compreensão das dimensões psicológicas do processo educacional. A partir da década de 1970, inicia-se um movimento crítico da Psicologia Escolar, ganhando mais força a partir de 1980, com a publicação dos livros de Maria Helena de Souza Patto: Introdução à Psicologia Escolar, em 1981, e Psicologia e Ideologia: uma introdução à Psicologia Escolar, em

1984 que propõem uma desconstrução da hegemonia na prática psicológica até então difundida.

Cabe aos que produzem, ensinam e praticam a psicologia, tomar consciência do modo pelo qual teorias, métodos e técnicas que naturalizam os homens, isto é, tornam-no coisa cuja compreensão prescinde de sua inserção no processo histórico, têm contribuído para esse estado de coisas. (...) A Psicologia quase toda move-se nos limites estreitos do senso comum. Por achar desnecessário o contato com o conhecimento gerado por outras Ciências Humanas – já que elas tratam da 'sociedade', enquanto a Psicologia centra-se no estudo do 'indivíduo' – continua a não perceber que o que lhe parece natural é social, que o que parece a-histórico é histórico. (PATTO, 1987, p. 439, 464).

Vemos que, cada vez mais, têm havido discussões no sentido de aproximar o conhecimento psicológico da Educação, e isso num olhar crítico, dando ênfase à constituição social e histórica do ser humano. A exemplo disso, o Congresso Nacional de Psicologia Escolar (CONPE) realizado pela Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRABEE), vem trazendo contribuições da Psicologia Escolar para a Educação, ao divulgar pesquisas, pois trata-se de um evento de âmbito nacional que reúne, bienalmente, cerca de dois mil pesquisadores, professores, profissionais e estudantes de Psicologia e áreas afins.

Sobre o papel do psicólogo como pesquisador, aponta Bardon *apud* Patto (1987, p.7):

Tipicamente o psicólogo educacional realiza pesquisas sobre inúmeras variáveis susceptíveis de influenciar a aprendizagem, com o rigoroso controle dos elementos estranhos às variáveis que estiverem sendo investigadas.

Ainda sobre a Psicologia no contexto escolar, Patto (1987) mostra-nos que cabe à Psicologia Escolar o não deter-se aos limites do senso comum, mas ampliar-se, conhecendo, assim, a história de seus instrumentos de utilização e, com eles, interligar a Psicologia ao âmbito escolar da melhor forma, atentando para as dificuldades encontradas no lugar de atuação, além de elucidar os processos que estão aparentes na vida diária da escola, nas suas relações e nas várias dimensões

que a cercam, sejam elas político, econômicas e culturais da sociedade brasileira, atendendo, assim, ao educando, mas também aos educadores.

Segundo Barroco (2007, p.74), em estudos sobre a atuação de docentes sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, cabe ao professor ensinar, isto é, levar o aluno a se apropriar do conhecimento que a humanidade já produziu. Por isso, a escola terá que se preparar para vencer os desafios que aparecem para tirar o foco do seu principal objetivo que é ensinar e educar, compreendendo esse indivíduo em sua totalidade.

Em relação ao papel formador do professor, é importante que haja uma relação de comunicação como uma via de mão dupla, pois, na era da informação, há muitos apelos externos, há os meios de comunicação de massa que representam grande influência no âmbito educacional, os multimeios e, com o apelo midiático, afeta-se, diretamente, o processo de formação das pessoas, modificando o aprendizado.

Por isso é imprescindível o papel do professor nesse processo através do vínculo que se estabelece, conforme destaca Bohoslavsky em Patto (1997, p.10):

Em todas as relações resquícios destes vínculos podem ser encontrados, mas, tratando-se da relação ensino-aprendizagem, o vínculo “naturalmente” estabelecido é o de dependência, o que muitas vezes, leva o professor a achar que pode e deve julgar o aluno. Nesse sentido, o vínculo pedagógico consiste em um vínculo de submissão, o que dificulta o desenvolvimento de uma reflexão crítica no aluno e de uma aprendizagem criativa, capaz de promover a individualidade do aluno e o seu resgate enquanto sujeito individual.

Deste modo, o papel do educador e o vínculo que o mesmo estabelece com o aluno na mediação, é fundamental no processo de aprendizagem e desenvolvimento educacional, sendo também extremamente significativa na adolescência por ser um período de novas experiências e conceitos para o adolescente. Pois como explicitado anteriormente, esta pesquisa propõe a compreensão da adolescência numa perspectiva social e cultural, pois entende a adolescência como uma categoria historicamente construída. Tal ponto de vista subsidiou a análise dos dados, pois muito se tem falado sobre a adolescência como uma fase natural do desenvolvimento humano, mas de acordo com a teoria Histórico-Cultural, na qual

estamos nos embasando, a adolescência representa um processo cultural e social que varia de pessoa para pessoa, de acordo com sua vivência.

De acordo com Vygotski (1995), o desenvolvimento das funções psicológicas superiores tem seu início na infância. Para o autor, à época em que produziu suas pesquisas, a Psicologia não dava o devido valor a essas funções ignorando a sua importância para se compreender a personalidade do homem. Porém, contemporaneamente pesquisadores inclusive alguns sucessores de Vygotski têm trazido novos estudos sobre a importância das funções psicológicas superiores.

Para Vygotski, embora haja o desenvolvimento biológico, é preciso considerar o processo histórico e social, conforme afirma Vygotski (1996, p. 36) “Os cientistas biólogos esquecem com grande frequência que o adolescente não é tão somente um ser biológico, natural, senão também histórico, social”.

Segundo Vygotski (1996), na adolescência, o desenvolvimento dos interesses coincide com o processo de maturação biológica, ou seja, o desenvolvimento orgânico impulsiona o desenvolvimento dos interesses do adolescente.

Sendo assim, tem-se, como conceito, que, para a teoria Histórico-Cultural, o desenvolvimento humano não é separado por fases cronológicas, senão que o ser humano traz no seu corpo e na sua mente as marcas da sua época e cultura.

Para teóricos históricos críticos, a adolescência, como é hoje conhecida, pode ser considerada como uma produção cultural, haja vista que, até recentemente, vários grupos tribais e alguns povos ocidentais apenas separavam a criança do adulto pelas maturações e alterações biológicas ligadas à capacidade de reprodução e que, normalmente, celebravam a chegada do novo “adulto” com um ritual de passagem, o que poderia ser até precedido por um período de recolhimento e reflexão.

É, contudo, a partir do século XVII, segundo Ariés (1981) que a Igreja separa a criança dos assuntos considerados adultos, em especial daqueles relacionados diretamente ao sexo, evidenciando o mal que tal proximidade poderia causar tanto na formação do caráter quanto da moral do indivíduo. Naquele momento, instituiu-se as chamadas “escolas” que visavam a ensino da religião e também da moral, além dos ensinamentos didáticos (Matemática, Gramática etc).

Esta ruptura entre o ser criança e o tornar-se adulto passaria, então, a ser denominada como puberdade, palavra que vem do grego *puber* significando pêlos, ou o aparecimento dos pêlos. Representada como período da organização final de todas as aquisições, a adolescência têm como característica principal, o reflexo das crises e dificuldades enfrentadas no processo de desenvolvimento e a passagem entre deixar de ser criança e tornar-se adulto.

Neste processo, configura-se a delineação da identidade na qual o sujeito pode perceber-se em conflitos porque necessita efetuar escolhas dentro de seu universo interno e externo. Sendo o marco principal, na visão naturalista e biologicista, a mudança biológica, ao contrário da perspectiva Histórico-Cultural que entende o contexto histórico e cultural. Na concepção de Aguiar *et al.* (2001), a adolescência é criada historicamente pelo homem, nas relações sociais, como um fato, e passa a fazer parte da cultura como significado. Portanto, a adolescência não é um período natural do desenvolvimento e, sim, um momento significado e construído pelos homens.

Na perspectiva vygotskiana, o adolescente não é pura expressão hormonal e biológica, cheio de rebeldias e contrariedades. Passa pelo período de puberdade, que não podemos negar, uma vez que há transformações visíveis no físico, mas vai além de um período natural, é um produto histórico-social e fundamental no desenvolvimento psíquico, porque é nesse período que avança no desenvolvimento das funções psicológicas superiores e na formação dos verdadeiros conceitos científicos. (MASCAGNA, 2009 p.127)

As mudanças que ocorrem nessa fase são influenciadas por uma época e uma cultura e são acompanhadas por transformações físicas e também por descobertas emocionais. Essa sociabilidade se dá em decorrência do fenômeno social e cultural, como propõe Pino (2000, p.53):

[...] o social é um fenômeno mais antigo que a cultura pois é um dos atributos de certas formas de vida, o que nos permite falar de uma sociabilidade biológica, natural. Anterior à cultura, o social adquire dentro dela formas de existência. Sob a ação criadora do homem, a sociabilidade biológica adquire formas humanas, tornando-se modos de organização nas relações sociais dos homens. Neste sentido, o social é, ao mesmo tempo, condição e resultado do aparecimento da cultura. É condição porque sem essa sociabilidade natural a sociabilidade humana seria historicamente impossível e a emergência da cultura seria impensável. É porém resultado

porque as formas humanas de sociabilidade são produções do homem, portanto obras culturais.

Sobre essa formação social e cultural, Schmidt (2001, p.186) aponta que:

Os conceitos de juventude e adolescência indicam fenômenos históricos e sociais (não existem do mesmo modo em todas as épocas históricas e em todos os meios de uma determinada sociedade), com diversidades internas (os segmentos juvenis de uma mesma geração podem ser, em algumas dimensões, tão diferentes entre si quanto de uma geração para outra), mas cujos componentes compartilham elementos culturais e atitudinais comuns, próprios da sua geração.

Nessa perspectiva, a adolescência não é vista, portanto, como um período natural do desenvolvimento humano, mas como um produto do social e cultural. Aguiar et al. (2001, p.168), aponta que

[...] o jovem não é algo “por natureza”. Como parceiro social, está ali, com suas características, que são interpretadas nessas relações; tem, então, o modelo para sua construção pessoal. Construídas as significações sociais, os jovens têm a referência para a construção de sua identidade e os elementos para a conversão do social em individual.

Essas mudanças se dão juntamente com as descobertas sociais pelas quais passa o adolescente. E, conforme diz Mascagna (2009, p.27),

[...] a adolescência, estabelecida como uma fase da vida do homem, não se faz naturalmente e/ou biologicamente, pelo contrário, está intrinsecamente inserida na vida material e social.

Para a autora, a adolescência não está relacionada diretamente ao desenvolvimento biológico; acontece socialmente e culturalmente. Inclusive, Aguiar et al. (2001) postula que a adolescência é um período de latência social constituída numa sociedade capitalista, gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, além da necessidade de preparo técnico. Estas questões sociais e históricas vão constituindo uma fase de aproximação do trabalho e de preparo para a vida adulta. O desenvolvimento e o aparecimento de

transformações no corpo vão sendo tomados como marcas do corpo, que sinalizam a adolescência.

Para Vygotski (1995), a Psicologia tradicional explicita o desenvolvimento das funções específicas como algo natural e maturacional, ao contrário dessa corrente, a Psicologia Histórico-Cultural discorre sobre tais funções como resultantes do desenvolvimento histórico da humanidade. Para essa abordagem, o desenvolvimento psicológico está atrelado ao desenvolvimento orgânico e ao sócio-histórico. Considerando portanto, o desenvolvimento biológico, porém não atribuindo exclusivamente a estes fatores o desenvolvimento psíquico humano.

Conforme Vygotski (1996), o desenvolvimento do pensamento do adolescente, que ocorre durante a maturação sexual, no contato do jovem com a cultura e outros seres humanos, dá um salto qualitativamente novo, ou seja, ocorre o aprendizado da formação de conceitos, que é um avanço importante no desenvolvimento intelectual do jovem. “O pensamento em conceitos é uma nova forma de atividade intelectual, um modo novo de conduta, um novo mecanismo intelectual” (Vygotski, 1996, p. 60). Todavia, esse novo conteúdo não é incorporado mecanicamente ao pensamento, mas por meio de um complexo e longo processo de desenvolvimento que está relacionado à vida prática dos homens.

Segundo Facci e Meira (2007), as mudanças históricas na sociedade produzem mudanças psíquicas no homem. Portanto, não são mudanças biológicas que produzem a personalidade do adolescente e, sim, a sua nova forma de pensar e construir relações com o mundo e os que o rodeiam.

Todavia, estas mudanças, para Vygotski (1996), não advêm de questões biológicas e não são necessariamente negativas; elas dão um novo impulso ao desenvolvimento psíquico do indivíduo. O comportamento do adolescente pode ser considerado até negativo, mas a crise em si, não; com ela, o adolescente forma novas funções psíquicas.

E ainda a crise vivenciada, conforme Vygotski (1996), pelo adolescente, é evolutiva, ocorre juntamente com as novas necessidades, com os motivos e com as qualidades psicológicas que surgem. Essas crises, em cada etapa da vida, não representam somente a idade de transição, são imprescindíveis no desenvolvimento cognitivo, na superação dos conteúdos velhos por novas qualidades psicológicas.

Com o desenvolvimento pleno das funções psicológicas superiores, com a apropriação dos conhecimentos e a formação dos “verdadeiros” conceitos e, ainda, com a capacidade de reflexão, o adolescente se sente com potencialidade para executar mais do que o meio e as condições objetivas de vida disponibilizam para ele.

Ainda nesta perspectiva da influência social no desenvolvimento do adolescente Bock *et al.* (2001, p. 291) apontam que:

A adolescência então é uma fase típica do desenvolvimento do jovem de nossa sociedade. Isso porque uma sociedade evoluída tecnicamente, isto é, industrializada, exige um período para que o jovem adquira os conhecimentos necessários para dela participar. Porém, ocorre que nem todo adolescente de nossa sociedade passa pelo mesmo processo, já que uma boa parte das tarefas do adulto não exige um tempo muito longo de preparação, além do que muitos jovens não fazem curso de nível superior, deixando a escola antes de terminar o primeiro grau, entrando direto no mercado de trabalho.

Numa sociedade capitalista, o processo maturacional e educacional do adolescente é marcado pelas necessidades e pelas influências do mercado de trabalho e isso afeta diretamente o acesso e a permanência na escola.

Aguiar *et al.* (2001) acreditam que a adolescência é um período de latência social constituída a partir da sociedade capitalista, gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, além da necessidade de preparo técnico. Estas questões sociais e históricas vão constituindo fase de aproximação do trabalho e de preparo para a vida adulta. O desenvolvimento e aparecimento de transformações no corpo vão sendo tomadas como marcas que sinalizam a adolescência.

Na visão Histórico-Cultural, a mudança na forma de pensar, os interesses e as descobertas subjetivas do adolescente nessa idade de transição conforme mostra Mascagna (2009, p.124) a seguir:

O desenvolvimento e a reestruturação de novos interesses não dependem exclusivamente de processos maturacionais do organismo, mas estão atrelados à vida prática dos homens, isto é, o psiquismo humano se desenvolve conforme as condições históricas e os meios de produzir a vida. O jovem vive dois momentos e que estão correlacionados, o subjetivo e o objetivo. Com o surgimento de novas necessidades internas, a quantidade

de objetos que o atrairão também é ampliada. Atividades que antes eram ignoradas passam a conduzir sua vida e seu comportamento, surgindo um mundo inédito para o adolescente.

Com o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e a inserção em um contexto capitalista, no qual a educação não é igual para todos, verifica-se o papel fundamental da escola como mediadora para que este aluno, agora adolescente, tenha acesso ao tema transversal – sexualidade – para que possa apropriar-se de conhecimentos que possam contribuir para o desenvolvimento de sua sexualidade de forma plena.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentaremos o percurso metodológico de forma detalhada: a abordagem metodológica, a técnica de coleta de dados, o local, os participantes, o ambiente dos encontros, os critérios para transcrição, o procedimento de análise dos dados: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados e interpretações.

Abordagem metodológica

Nesta pesquisa, fizemos uso do método qualitativo. Segundo Bogdan e Biklen, citados por Turato (2005, p. 509), “[os pesquisadores qualitativistas] procuram entender o processo pelo qual as pessoas constroem significados e descrevem o que são estes.”

Para Turato (2005, p.509) através do método qualitativo se aborda uma concepção das Ciências Humanas onde não se busca “estudar o fenômeno em si, mas entender seu significado individual ou coletivo para a vida das pessoas.”

O autor apresenta algumas características da pesquisa qualitativa, dentre elas: busca do significado dos elementos envolvidos porque este tem um papel organizador nos seres humanos, o campo é o próprio ambiente do sujeito onde ocorre a observação sem o controle de variáveis, o pesquisador é o próprio instrumento de pesquisa, usando diretamente seus órgãos do sentido para apreender os objetos em estudo, pelo fato de a observação ser acurada e a escuta em entrevista profunda; isso aumenta o grau de validação levando o pesquisador bem próximo da essência da questão em estudo e a possibilidade de generalização tendo como referência os pressupostos iniciais.

A pesquisa qualitativa atende aos requisitos para a busca e análise dos dados de maneira eficaz, tendo em vista sua importância no estudo de fenômenos sociais por trabalhar de forma empírica e sistêmica, conforme explicitam os autores Bogdan e Biklen (1994, p.64), a seguir:

Parte significativa da atitude científica, como a entendemos, passa por uma mente aberta no respeitante ao método e às provas. A investigação científica implica um escrutínio empírico sistemático que se baseia em dados. A investigação qualitativa preenche estes requisitos e, no presente livro, procedemos à descrição de algumas convenções desta tradição científica, que explicitam aquilo que implica a investigação rigorosa e sistemática.

Grupos focais

Como técnica de coleta de dados, utilizamos Grupos Focais⁷, por melhor atender nosso contexto de pesquisa, as falas dos encontros foram gravadas e transcritas para análise, com registro de anotações de campo que auxiliaram na organização dos dados, especialmente sobre o perfil dos grupos, que será apresentado posteriormente.

A técnica do GF teve sua origem em decorrência de experiências relacionadas à emissão de mensagens, *marketing* e relações públicas durante a Segunda Guerra Mundial e também em Londres na área de desenvolvimento organizacional a partir de 1940, para depois alcançar as áreas de saúde e social. De acordo com Barbour (2009, p. 24),

Grupos focais são geralmente vistos como tendo emergido nos anos 1940, quando foram inicialmente utilizados por Paul Lazarsfeld, Robert Merton e colegas na Agência de Pesquisa Social Aplicada da Universidade de Colúmbia para testar as reações às propagandas e transmissões de rádio durante a Segunda Guerra Mundial.

A utilização do GF se tornou uma importante abordagem nas pesquisas qualitativas em diferentes áreas, de pesquisas de mercado a pesquisas de saúde, conforme destaca Barbour (2009). Nessas áreas, encontramos formas mais pragmáticas e mais sistemáticas de usá-lo para a coleta de dados. Normalmente, os grupos focais são usados como única técnica, mas, em algumas situações, são integrados em um modelo de múltiplos métodos juntamente com outros que podem ser qualitativos e, às vezes, quantitativos.

Conforme Souza (2005, p.52) afirma:

⁷ Doravante, GF.

Vale esclarecer que o termo 'grupo' se refere às questões relacionadas ao número de participantes, às sessões semi-estruturadas, à existência de um *setting* informal e à presença de um moderador que coordena e lidera as atividades e os participantes.

Como técnica de coleta de dados em pesquisa qualitativa, o GF, segundo Minayo (2009), vem sendo utilizado como técnica por pesquisadores de diversas áreas no campo das ciências sociais e humanas, principalmente no que diz respeito à compreensão de aspectos ligados a inter-relação grupal.

Conforme Cruz-Neto et al. (2002, p.5) tem-se a definição de GF como:

[...] uma técnica de Pesquisa na qual o Pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico.

No âmbito das abordagens qualitativas, o GF situa-se como instrumento de levantamento de dados para pesquisas em ciências sociais e humanas. Isso se deve ao fato de a abordagem teórica de pesquisa qualitativa melhor se adequar com essas temáticas no que tange à compreensão do processo que as envolvem bem como a descrição dos mesmos, como dito antes por Bogdan e Biklen (1994). O que coaduna com a temática proposta, uma vez que nosso objetivo principal é compreender melhor a sexualidade no ponto de vista dos próprios adolescentes, ou seja, como se dá essa construção de significados para o adolescente.

Vemos, portanto, que o GF na abordagem qualitativa, tem como proposta o estudo sistêmico do fenômeno a ser estudado, dando assim subsídios necessários para uma aproximação maior do objeto de estudo e suas implicações, tendo como instrumento principal o grupo e as dinâmicas que o envolvem.

Dentre algumas vantagens que o GF apresenta, temos: conseguir boa quantidade de informação em um período de tempo mais curto; a captação de processos de conteúdos cognitivos, emocionais, ideológicos e representacionais, mais coletivos e ainda propiciar a exposição mais ampla de idéias e perspectivas.

Sendo uma técnica de coleta de dados, o GF, conforme aponta Souza (2005), possui características que favorecem a captura de informações necessárias por se tratar de um método de coleta de dados favorece o trabalho com pequenos grupos, permitindo um ambiente de conhecimento de: pontos de vista, experiências, sentimentos, percepções, preocupações e preferências.

Outra vantagem que esse método apresenta é o que nos diz Flick, em Barbour (2009):

A vantagem aqui é que eles não somente permitem análises de declarações e relatos sobre experiências e eventos, mas também do contexto interacional em que essas declarações e esses relatos são produzidos. Esse método acompanha demandas práticas e metodológicas específicas para a documentação e análise de dados.

Dentre as dificuldades no desenvolvimento da técnica de GF, segundo Flick (2009), uma diz respeito à forma de registrar os dados, por serem numerosos e relativamente não-estruturados e, por isso, nada fáceis de analisar; outra, é o modo de identificar o interlocutor e as falas que o interpelam durante seu discurso.

O autor diz ainda que a escolha dessa técnica deve ter uma razão específica, uma vez que é mais complexa que as entrevistas. E, no que diz respeito aos motivos da escolha, devem estar relacionados quando o motivo principal da pesquisa busca interação entre pessoas acerca de determinado assunto. Desse modo, o grupo favorece a discussão mais natural e aproximada do cotidiano dos mesmos. O que, no caso dessa pesquisa, deve-se ao fato de os participantes serem adolescentes; desse modo, o grupo favorece a discussão mais natural, espontânea e próxima do cotidiano dos mesmos.

Também encontra-se limitação em relação à definição da técnica, devido as muitas definições que a envolvem, mas que, segundo Barbour (2009), qualquer que seja a discussão em grupo pode ser chamada de grupo focal desde que o pesquisador esteja ativamente atento e estimulando as interações do grupo.

Como exposto anteriormente, uma das áreas que tem muito se utilizado de GF, conforme nos aponta Barbour (2009), é a pesquisa com serviços de saúde, na qual existe uma grande quantidade de estudos com grupos focais que está voltada ao fornecimento de *insights* das experiências de pessoas com várias doenças

crônicas, sendo a Psicologia uma das ciências que entra nessas intervenções multidisciplinares, conforme cita Barbour (2009, p.28) a seguir:

[...] grupos focais viabilizam uma nova forma de ampliar a base de evidências existente. Um subproduto do envolvimento de profissionais médicos e clínicos na pesquisa com grupos focais tem sido o ponto em que isso tem exigido um trabalho conjunto com pesquisadores qualitativos de outras disciplinas (principalmente sociologia médica, psicologia da saúde e antropologia médica).

Além disso, o GF na Psicologia tem sua origem com diferentes formas de trabalho com grupos, desenvolvidas na Psicologia Social, possibilitando uma melhor compreensão do processo de interação social do ser humano em pesquisas científicas se valendo de métodos qualitativos.

Como ciência humana, a Psicologia pode se utilizar de GF, de acordo com Barbour (2009, p.46), pelo fato dessa técnica ter como características: “capturar respostas e eventos enquanto se desenrolam”, com as trocas realizadas no grupo, conceito, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações.

A escolha por essa técnica deve ser criteriosa e coerente com os propósitos da pesquisa; e, uma vez que tem sido utilizada grandemente pelas ciências humanas e sociais, a Psicologia também tem feito uso dessa técnica em pesquisas por favorecer a interação entre os participantes que permite uma compreensão maior de aspectos ligados ao comportamento humano.

No que diz respeito ao funcionamento, alguns fatores se apresentam como norteadores para a orientação e o direcionamento das discussões no grupo, de forma que haja uma fluidez nas falas, sem, contudo, se fugir do foco em si. Um desses fatores é o roteiro para orientação do processo de discussão e outro fator também importante é o papel do moderador ou coordenador que se torna um facilitador nesse contexto.

Sobre essas questões, temos o posicionamento de Gatti (2005, p.17), que diz:

O roteiro elaborado como forma de orientar e estimular a discussão deve ser utilizado com flexibilidade, de modo que ajustes durante o decorrer do trabalho podem ser feitos, com abordagens de tópicos não previstos, ou deixando-se de lado esta ou aquela questão do roteiro, em função do

processo interativo concretizado. O próprio processo grupal deve ser flexível, embora sem perder de vista os objetivos da pesquisa.

Quanto ao papel do moderador ou coordenador, temos o posicionamento de Flick (2009), segundo o qual sua atuação na discussão é importante para o desempenho do grupo, mas varia de acordo com a abordagem. Há casos em que se acredita tanto na própria dinâmica do grupo, que se abandona essa função para evitar qualquer inferência tendenciosa sobre a discussão e, por isso, tem-se um roteiro para orientação.

Deste modo, o papel do coordenador é fundamental e acontece em torno de algumas ações e habilidades tais como: introduzir o assunto; propor algumas questões; ouvir com atenção; garantir, de um lado que os participantes não se afastem do tema e, de outro, que todos tenham a oportunidade de se expressar; fazer ligações entre as seqüências; elaborar o roteiro para a discussão e intervir o mínimo possível.

Além do roteiro, é importante também a pergunta disparadora que aponta para a temática da pesquisa. Nesta pesquisa, utilizamos a fala disparadora: Fale sobre a sexualidade, num primeiro momento, para os grupos A e B, e após, na proposta de aprofundar o tema, conforme orientações na qualificação, com o grupo C tivemos a seguinte pergunta: Como a sexualidade se faz presente na escola?

Quanto ao contexto do grupo, deve haver uma interação, um ambiente permissivo e não-constrangedor que possibilite a captação de significados; o local dos encontros deve ter um ambiente acolhedor (iluminação, silêncio, espaço físico adequado, climatização confortável). Também se pode usar materiais de estímulo como: recortes de tablóides, excertos da televisão e quebra-gelos, como diz Barbour (2009), para propiciar lembranças sobre os temas em discussão.

Em relação aos participantes, a composição do grupo deve ser feita de pessoas que conheçam a temática que será abordada; os mesmos devem ser convidados, devem sentir-se livres para compartilhar seus pontos de vista, devem se dispor de forma que fiquem face a face, sendo a discussão totalmente aberta em torno da questão proposta pelo coordenador e entre eles. O número de participantes, conforme Flick (2009), deve ser em torno de quatro (04) a doze (12) pessoas. Para o autor, de acordo com revisões feitas em pesquisas de grupo focal

em Psicologia revela-se cerca de nove (09) participantes como convenção, com variação até doze (12) pessoas. Em nossa pesquisa optamos pela quantidade de dez (10) pessoas, considerando a formação de quatro (04) grupos, para garantir a manutenção do processo, inclusive considerando perdas devido a possíveis desistências.

O tempo de duração e o número de encontro grupal dependem da natureza do problema em questão, do estilo de funcionamento do grupo e da avaliação do pesquisador sobre a suficiência da discussão quanto aos seus objetivos. Segundo Flick (2009, p.289), “o número de sessões de grupo focal será uma função tanto do tamanho da amostra quanto do tamanho do grupo. Alguns pesquisadores observam que os dados gerados após cerca de 10 sessões são amplamente redundantes.”

Para Flick (2009) recomenda-se que se tenha um tempo mínimo de uma (01) a duas (02) horas para adultos e no máximo uma hora para grupos envolvendo pessoas jovens, pois se estima que para cada hora de gravação se tem três horas de transcrição. E pelo fato de nossos participantes serem adolescentes, seguimos esta orientação com sessões de uma (01) hora de duração.

Na abertura do grupo, é importante se valer do que a Psicologia propõe através do estabelecimento do contrato, para que se tenha um ambiente de empatia e segurança, facilitando a expressão do grupo. Na posição de Flick (2009), duas situações são fundamentais quanto ao local e ambiente: conveniência e conforto. Por isso, esse momento inicial deve ser um momento de criação de condições favoráveis à participação de todos; informações quanto ao que se espera dos participantes, rotina do encontro (definir como se conduzirão para permitir boa gravação) e a duração, objetivos do encontro, o porquê da escolha dos participantes, a forma de registro do trabalho (obtenção da anuência de cada um é imprescindível) e a garantia do sigilo dos registros e dos nomes, que nesta pesquisa se estabelece conforme orientações e autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (ANEXO A, p. 94).

Por entendermos ser fundamental esse ambiente empático, ao iniciarmos o trabalho com os grupos, explicitamos todas as orientações de forma clara e acessível aos adolescentes e, fizemos uso de uma dinâmica de grupo de apresentação para que pudesse ser gerado um ambiente mais aberto, amigável e

espontâneo durante os encontros; apresentaremos, ainda nesta seção, dados sobre o ambiente no qual se deram os nossos encontros.

Local do estudo

Esta pesquisa foi realizada em uma escola pública da Rede Estadual de Ensino localizada, na zona sul, uma região periférica da Cidade de Porto Velho/RO. Para tanto, foi solicitada a autorização do diretor da escola, conforme Termo de Autorização para Pesquisa (APÊNDICE A, p. 90).

De acordo com a Secretaria de Educação do Estado de Rondônia (2009), a escola foi fundada há 20 anos. Atualmente, conta com 18 salas de aulas em funcionamento nos três turnos de funcionamento, além de laboratório de informática, biblioteca com internet, sala de leitura, laboratório de ciências, auditório, refeitório, sala de reforço, TV Escola e quadra esportiva coberta.

Participantes

Participaram da pesquisa, os alunos do Ensino Médio da escola que aceitaram colaborar. A seleção dos alunos foi estabelecida após autorização para pesquisa, autorização dos pais e assinatura do TCLE (APÊNDICES A, B e C, respectivamente) e se deu da seguinte forma: Falamos sobre a pesquisa nas salas de aula e, de acordo com manifestação voluntária dos interessados, tomamos nota dos nomes de cada um deles e dados para contato, de acordo com a manifestação dos interessados.

Inicialmente, nossos participantes de pesquisa foram alunos do 7º ano, 8º ano, 9º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio, com os quais formamos quatro grupos, sendo um de cada série.

A forma de seleção dos alunos foi estabelecida após autorização para pesquisa e se deu da seguinte forma: Falamos sobre a pesquisa nas salas de aula e, que precisaríamos da participação de dois alunos de cada turma sendo um menino e uma menina para formação de um grupo para realização da pesquisa.

De acordo com manifestação voluntária dos interessados, tomamos nota dos nomes de cada um deles (preenchimento de ficha de dados para contato), fizemos a

composição de quatro grupos de dez alunos, levando em consideração que tínhamos cinco turmas de cada série.

Foram realizados inicialmente três encontros com os quatro grupos, mencionados (7º ano, 8º ano, 9º ano e 1º ano). No final do ano letivo de 2011, finalizamos esses encontros. Devido ao período de férias e à qualificação do Mestrado, tivemos que dar uma pausa para retornarmos às atividades no ano seguinte.

Nesse ínterim, tivemos a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Núcleo de Saúde CEP/NUSAU da Universidade Federal de Rondônia – UNIR/RO, conforme carta de aprovação (ANEXO A, p. 94).

Nessa nova fase, ao verificarmos o material coletado, tivemos a perda do material dos grupos do 7º ano e 8º ano devido à falha na gravação dos encontros. Ficamos, então, com os dados dos grupos do 9º ano e 1º ano, o que nos levou a preferir dar continuidade ao processo com esses dois grupos.

No primeiro momento, como dissemos no método, a intenção era fazermos quatro (04) grupos, em função das mudanças ocorridas e do tempo que ainda tínhamos para a realização da pesquisa, com receio de que os novos grupos retomassem a mesma discussão, cujo registro nós já tínhamos, optamos por especializar, retomar a conversa com o grupo porque já tínhamos feito contato anterior, e assim, eles estavam com mais liberdade para falar, sendo possível aprofundar a discussão.

Ao recomeçarmos, atestamos a seguinte realidade, alguns alunos haviam saído da escola, mas a grande maioria permanecia, outros estavam repetindo o ano. Deste modo, considerando a perda de alguns e as possíveis faltas, optamos por fazer um único grupo composto por esses alunos. Então, formamos um novo grupo de onze alunos de turmas do 9º, 1º e 2º ano com variação de idade entre 14 e 18 anos.

Nessa perspectiva, avançamos na discussão de alguns aspectos que ficaram em aberto nos encontros anteriores, tais como: o papel da escola na educação sexual, o seu lugar na família, amigos; inclusive, acatando orientações da Banca de Qualificação, em busca de especializar o discurso e focalizar no objetivo principal e linha de pesquisa.

Portanto, os grupos que aparecem nas transcrições são identificados de acordo com a seguinte composição: Grupo A, alunos do 9º ano de 2011; Grupo B, alunos do 1º ano 2011 e Grupo C, alunos do 9º, 1º e 2º ano de 2012.

Foram previstos três encontros com cada grupo e em cada um deles houve a perda de um encontro, pelos motivos que se seguem:

Grupo A - O primeiro encontro não ocorreu devido à falta de energia na escola, mas conversamos com os alunos e ficou firmado compromisso para o próximo encontro conforme data prevista.

Grupo B – O segundo encontro não ocorreu devido à liberação dos alunos mais cedo, porque os tempos das aulas estavam reduzidos, mas conversamos com os alunos e ficou firmado compromisso para o próximo encontro conforme data prevista.

Grupo C – O segundo encontro não ocorreu devido à imprevisto de cancelamento das aulas devido reunião do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Rondônia (SINTERO), mas conversamos com supervisora da escola e ficou firmado compromisso para o próximo encontro conforme data prevista.

Ficando registrados portanto, dois encontros de cada grupos, os quais são identificados nas transcrições.

Nas transcrições, cada aluno foi identificado por gênero e número, de forma que nos encontros de um mesmo grupo, o aluno correspondente ao número 1, por exemplo “Aluno 1”, é o mesmo em todos os encontros daquele grupo.

Falaremos sobre o perfil e as características dos grupos a seguir, para a compreensão da dinâmica de cada um deles. Definimos os grupos por letras: A, B e C, considerando a ordem de formação dos mesmos.

Perfil do Grupo A:

Formado por dez alunos de 14 a 17 anos, do 9º ano de 2011, composto por alunos de três turmas diferentes.

Dinâmica do grupo: Os alunos se apresentaram alegres e festivos, ao mesmo tempo competitivos entre si, mas a discussão nos encontros ocorreu de forma bem participativa.

Perfil do Grupo B:

Formado por sete alunos de 15 a 17 anos, do 1º ano de 2011, composto por três turmas diferentes.

Dinâmica do grupo: Mostraram-se tímidos ao falarem sobre o tema, mas depois de se sentirem mais seguros, falaram abertamente sobre as questões abordadas.

Perfil do Grupo C:

Formado por onze alunos de 15 a 18 anos, do 9º, 1º e 2º ano de 2012, composto por turmas variadas.

Dinâmica do grupo: Como era um grupo formado por alunos do ano anterior, muitos já se conheciam e tinham certo nível de amizade. Em geral, estavam mais amadurecidos, inclusive percebendo mudanças em si mesmos. Mas ainda foi percebida uma diferença de postura, na qual os alunos mais velhos se apresentavam mais maduros na discussão.

O ambiente dos encontros

Consideramos relevantes destacar o nosso olhar, como pesquisadores, sobre a dinâmica dos encontros, as nuances da relação entre os participantes, limitações e interesses do grupo, das percepções que só aqueles que estão presentes e vivenciam o momento podem registrar com integralidade. Tal opção se justifica pelo fato de que, assim, podemos localizar melhor o leitor nesse contexto.

A escola que nos acolheu conta com uma estrutura física e humana acolhedora que nos deu condições para a execução da pesquisa. Chegamos na escola e mantivemos o primeiro contato com a supervisora, que se mostrou solícita a colaborar conosco nesse processo da formação dos grupos focais e coleta dos dados.

Fizemos, então, um cronograma de visita às salas de aula para que apresentássemos nossa proposta e tema de pesquisa. E, assim, compusemos grupos com aqueles que se voluntariaram em participar da pesquisa, sendo dois

participantes por turma, e quando necessário solicitávamos mais até a composição de cada grupo.

Tivemos uma participação satisfatória nos encontros e coletamos com qualidade a fala de dois grupos sendo um de 9º ano e outro de 1º ano. Infelizmente, tivemos perdas de parte do material no processo devido a gravações que não foram aproveitadas por falha no equipamento, que comprometeu a qualidade das gravações, na execução dos encontros de dois grupos, sendo um de 7º ano e outro de 8º ano. Por esse motivo, retomamos os GF, realizando novas gravações em 2012.

No geral, os participantes se mostraram bem animados e participativos. Havia um ambiente de expectativa, ansiedade e, ao mesmo tempo, de timidez. Porém, ao nosso ver e perceber, prevalecia um interesse por conhecer mais de uma área muito falada mas ainda pouco conhecida e clarificada principalmente nas relações.

Tivemos também interrupções devido a alguns imprevistos; mas, apesar disso, tivemos participação e assiduidade por parte dos membros dos grupos com poucas ausências nos encontros.

Crerérios para a transcriço

Finalmente, temos a preparao do material, a edio. Para tanto, para a padronizao das transcrioes da conversao dos GF's e tratamento dos dados, fizemos uso da Anlise de Conversao conforme Marcuschi (2003) com um sistema de sinais que se adequa a nossa realidade de pesquisa.

Ao propor a anlise da conversao, Marcuschi (2003, p.9) fala da importncia da clareza da transcrio para que a mesma possa atingir os objetivos da pesquisa:

No existe a melhor transcrio... O essencial  que o analista saiba quais seus objetivos e no deixe de assinalar o que lhe convm. De um modo geral, a transcrio deve ser limpa e legvel, sem sobrecarga de smbolos complicados.

Considerando a formulação de Marcuschi (2003) e também o fato de que, para nossa pesquisa, focalizaremos mais o conteúdo das falas do que a estrutura lingüística em si, estabelecemos alguns sinais que condizem com nossa realidade de pesquisa.

Os turnos começaram com a especificação de cada aluno ou aluna identificado por números de acordo com a numeração que cada um recebeu durante os encontros. Optamos por começar cada turno com letras maiúsculas para identificar melhor a fala de cada um, com exceção das falas interrompidas que serão continuadas com reticências e letra minúscula indicando a continuação da fala.

Seguem alguns sinais estabelecidos e adequados a nossa pesquisa:

- Indicação de transcrição parcial ou de eliminação: ... ou (...).

O uso de reticências no início ou no final de uma transcrição indica que se está escrevendo apenas um trecho. Por exemplo: quando as falas são interrompidas.

Reticências entre parênteses indicam um corte na produção de alguém.

- Pausas: indicadas pelo sinal (+).

- Comentários do analista: entre parênteses. Indicando um fato relevante no ambiente durante a conversação do grupo. Por exemplo: (risos do grupo) ou (todos falam ao mesmo tempo).

Esses sinais nos ajudaram a nortear e organizar melhor as transcrições, ao refinar o tratamento dos dados, de forma que pudemos identificar de forma clara a fala de cada interlocutor e separá-la de acordo com cada categoria proposta e eleita por nós durante a análise.

PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS: ANÁLISE DE CONTEÚDO

O procedimento para a análise dos dados se deu através das transcrições da gravação dos encontros e posterior Análise de Conteúdo conforme sugere Flick (2009), por permitir certo grau de interpretação, a partir das transcrições e categorização da fala de cada interlocutor, tendo como base os estudos de Bardin (2011), sua autora mais importante.

Como uma importante contribuição para a história do desenvolvimento dessa técnica, Minayo (2004) destaca Lasswell (1952) e sua obra *Propaganda Technique in the World War*, publicada em 1927. A partir da década de 1940, os departamentos de Ciências Políticas das universidades americanas tornaram-se o local de desenvolvimento das técnicas de Análise de Conteúdo, tendo como material privilegiado as comunicações provenientes da Segunda Guerra Mundial. A partir dos anos 1950, e, sobretudo na década de 1960, a questão da análise de conteúdo ressurgiu dentro de um debate mais aberto e diversificado. A Antropologia, a Sociologia, Psicologia, a Psicanálise e o Jornalismo retomam problemáticas anteriormente intocadas.

De acordo com os nossos objetivos da pesquisa se deu a elaboração da análise, na qual as questões, os dados e os argumentos explicitados nos discursos dos adolescentes foram entrelaçados, estabelecendo diálogos com a Psicologia Histórico-Cultural.

Como método de análise, a Análise de Conteúdo permite a formulação de inferências entre a fala do sujeito e o objeto de pesquisa. Segundo Bardin (2011), a intenção da Análise de Conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção. Tal inferência pode recorrer a indicadores qualitativos ou quantitativos. O analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula para inferir, deduzir de maneira lógica, conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio.

Atendendo ao que Bardin (2011) propõe, a Análise do Conteúdo organiza-se em três pólos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados fazendo uso da inferência e interpretação, as quais explicitaremos a seguir.

Pré-análise

É a fase de preparação e organização propriamente dita. Um plano de análise e um programa de ação é estabelecido. Algumas missões são importantes nessa primeira fase:

Como primeira atividade, a leitura flutuante consiste em estabelecer contato com documentos para análise e em conhecer o texto, deixando-nos invadir por impressões e orientações. Pouco a pouco, a leitura se tornará mais precisa, em função das hipóteses emergentes, da projeção das teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação das técnicas utilizadas sobre materiais análogos.

A escolha dos documentos que serão submetidos à análise, nesse caso, o corpus da pesquisa, é o conjunto de documentos, os dados que serão analisados; no caso dessa pesquisa, são os discursos captados nos encontros de GF.

Fizemos, então, uma leitura geral do material, deixando emergir questões e pontos-chaves ligados ao objetivo principal da pesquisa que se destacaram na relação com a temática proposta para análise da pesquisa.

Fomulamos hipóteses ou objetivos, que foram estabelecidos desde o projeto e reformulados na qualificação, também na releitura do material e ainda na vivência de campo, como pontua Bardin (2011, p.128) ao dizer que:

Levantar uma hipótese é interrogarmo-nos: “será verdade que, tal como é sugerido pela análise *a priori* do problema e pelo conhecimento que dele possuo, ou, como as minhas primeiras leituras me levam a pensar, que...?”

Para a autora, hipótese é uma resposta provisória a um determinado problema de pesquisa que nos propomos a verificar, recorrendo aos procedimentos de análise. Podemos dizer que é uma suposição cuja origem é a intuição e que permanece em suspenso enquanto não for submetida à prova de dados seguros. O objetivo final é a obtenção de dados que foram submetidos à prova e serão os resultados que serão utilizados.

Temos também, a elaboração de indicadores ou categorias que se destacam na leitura acurada do material analisado. Optamos por estabelecer categorias nas

quais nós vamos agregando trechos dos discursos dos alunos, que são coincidentes da temática proposta. Nessa pesquisa foram estabelecidas onze categorias. Eleger categorias é ler o *corpus*, ler o seu dado que, nesse caso é o discurso, e fazer emergir as recorrências, aquilo que se repete ou aquilo que é público e aparece mais de uma vez, e de alguma forma tentar compreender, como esse discurso se organiza, que questões aparecem que merecem atenção e que são dignas de discussão.

Exploração do material

Uma vez que a pré-análise foi concluída, essa fase de análise propriamente dita é a aplicação prática e sistemática do que foi programado na fase anterior. Bardin (2011, p.131) “afirma que a exploração do material consiste essencialmente de operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas.”

Também sobre a exploração do material, Minayo (2004) comenta que consiste essencialmente numa operação classificatória que visa a alcançar o núcleo de compreensão do texto. Para isso, o investigador buscará encontrar categorias que são expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado.

Tratamento dos resultados e interpretações

A Análise de Conteúdo permite a formulação de inferências entre a fala do sujeito e o objeto de pesquisa. Para Bardin (2011, p. 131),

O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos – ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas.

Por fim, em relação ao tratamento dos resultados obtidos e interpretação, Bardin (2011) afirma que os resultados brutos serão analisados e tratados de maneira que se tornem significativos e válidos.

Nesta pesquisa, isso ocorre com base nos pressupostos teóricos da Psicologia Histórico-Cultural que propõe uma compreensão histórica, cultural e social da construção do ser humano e da adolescência, uma vez que temos como sujeitos de pesquisa o adolescente.

5 UM OLHAR SOBRE OS DADOS: O DISCURSO DOS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE

Nesta seção, faremos a análise dos dados, o corpus da pesquisa, que foram coletados com base no discurso de adolescentes de uma escola pública de Porto Velho/RO em encontros de GF. Deste modo, procedemos às transcrições das gravações dos encontros dos GF, estabelecemos contato com os discursos dos adolescentes, de modo a deixar-nos “invadir por impressões e orientações” (BARDIN, 2011, p.126), etapa da análise denominada na Análise do Conteúdo como leitura flutuante e, na sequência, estabelecemos categorias que nos permitiram interpretar os dados.

Tais categorias, com o nosso olhar e com a nossa interpretação, são apresentadas a seguir, com o estabelecimento de um diálogo, de uma reflexão à luz da Psicologia Histórico-Cultural, das pesquisas que já foram produzidas sobre a sexualidade as quais apresentamos na seção da teoria, adotando como procedimento para a análise dos dados a Análise do Conteúdo, tendo como base os estudos de Bardin (2011).

Consideramos relevante antecipar ao leitor nossa opção por selecionar, também, trechos de falas do pesquisador, apresentado como coordenador dos encontros dos GF, como forma de contextualizar a dinâmica dos diálogos estabelecidos com os adolescentes.

5.1 O lugar da escola na relação com a sexualidade dos adolescentes

Optamos por iniciar a seção da análise com a discussão sobre o lugar que a escola ocupa nos discursos dos adolescentes sobre a sexualidade; em outras palavras, como comparecem, nas suas falas, as ações da escola, como ela tem contribuído (ou não) para que eles tenham não só informações, mas também conhecimentos sobre a sexualidade; e como, na visão deles, a escola poderia agir. Tal opção se justifica pelo destaque dado ao lugar da escola nos objetivos e na fidelidade à linha de pesquisa à qual nos filiamos – Processos Educativos.

Para Vigotski (1998, p. 74), mediação é fundamental no processo educativo, uma vez que para ele a aprendizagem se dá na relação social: “[...] chamamos de internalização a reconstrução interna de uma operação externa”.

A escola exerce forte papel de mediação diante de todo este processo de construção e transformação do adolescente; o mesmo pode se perceber frente a uma dificuldade no processo educacional e na sua vivência escolar, haja vista que o processo educativo também interfere nos processos internos que, simultaneamente, vêm ocorrendo neste processo de constituição desta fase da sua vida. Mascagna (2009, p.13) reforça esse conceito ao afirmar que:

Para a abordagem Histórico-Cultural, o desenvolvimento humano está intimamente ligado ao desenvolvimento cultural da humanidade. O aspecto cultural sobressai sobre o biológico e os homens se apropriam ativamente dos conhecimentos produzidos historicamente que são transmitidos de geração a geração, por meio da mediação entre os homens, tornando-os parte de sua natureza.

Portanto, nessa perspectiva, o processo educacional exerce forte papel na formação da identidade do sujeito, uma vez que o conhecimento e o desenvolvimento do ser humano se estabelecem nas relações entre os sujeitos, como atesta Vigotski (1998, p.18) “O verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individualizado para o socializado, mas do social para o individual.”

5.1.1 A escola como agente de formação social

Para os adolescentes, as ações da escola sobre a sexualidade são raras, parciais e não têm clareza nos objetivos e nos propósitos. Além dessas limitações, outra condição da escola que permeia o discurso dos adolescentes, que a nosso ver é mais grave, é o fato de as ações serem pontuais, ou seja, não são políticas e ações cotidianas, mas apenas aparecem, num dado momento, como conteúdo escolar, como na disciplina Biologia, num bimestre específico, no qual a sexualidade é apresentada numa perspectiva naturalizante e biologicista. Algumas vezes, há algumas palestras, mas que não atendem as necessidades dos adolescentes. Tal prática não atende ao que propõe os PCN Brasil (1997), porque, como veremos, as

maiores dificuldades dos adolescentes não são relativas a saberes da Biologia tais como anatomia dos órgãos sexuais, a reprodução humana etc, mas são relativas à dimensão social, ao universo das relações.

A redução do espaço da sexualidade na escola a uma disciplina nos leva a identificar uma correspondência com os dados de Silva (2011, p.131) quando, ao eleger, como categoria de análise, na sua pesquisa com professores experientes, “[...] responsáveis por ministrar ou de alguma forma desenvolver os conteúdos referentes à sexualidade e à orientação sexual nos cursos de pedagogia [...]”, a sexualidade ausente ou negada, afirma:

[...] pretende-se que a sexualidade esteja ausente ou não apareça nas relações sociais, no cotidiano das escolas, em sala de aula, e na formação dos professores.
O sexo e suas questões, nessa categoria de análise, devem estar confinados aos espaços privados e íntimos e nunca assumir lugar de destaque e precedência [...] (SILVA, 2011, p.133-134)

Vemos abaixo um trecho, onde os alunos explicitam essa realidade:

Grupo B, Encontro 01:

Coordenador: Como você vê a sexualidade aqui na escola?

Aluno 2: Eles não explicam sobre sexualidade, eles não dão palestras sobre sexualidade. Eles não tiram tempo para conversar com os alunos sobre a sexualidade.

Aluna 3: A professora de Biologia uma vez passou isso pra gente, mas é raramente...

Aluno 2: Tá passando agora.

Aluna 3: ...mas todo ano ela passa de vez em quando. Mas é raramente.

Aluna 1: Ano passado teve.

Aluna 3: ...às vezes tem palestra, mas são rápidas, falam mais de doenças transmissíveis, o que pode ocorrer entre um homem e uma mulher numa relação sexual. Agora não são direto, né, tipo umas três palestras ou (...) são poucas as palestras sobre isso.

Aluno 4: São poucas as explicações (...).

Aluna 3: Só que tem muitos alunos que não participam, porque ficam bagunçando.

Aluna 1: Não vêm, vão pra casa. São muitos que não pegam essa experiência na escola.

Grupo C, Encontro 01:

Coordenador: E a escola tem alguma proposta sobre a sexualidade, trabalhos?

Aluna 5: Tem, mas, assim, quando a professora de Biologia fala sobre esse assunto, umas três aulas durante o ano.

Grupo C, Encontro 01:

Aluna 3: Tem que ter acompanhamento com cada sala.

Grupo C, Encontro 01:

Coordenador: Outra questão que foi falada também da outra vez, vocês até citaram hoje novamente, a questão de, às vezes, é, passando em Biologia, falado sobre sexualidade, mas é muito pouco, e não constante. Até um de vocês usa a expressão assim: A professora de Biologia tá passando! Ou seja, tá passando um conteúdo. O que vocês querem dizer, o que vocês acham que dá pra entender, quando dizem que tá passando o conteúdo?

Aluna 7: Tá passando o básico, que todo mundo já sabe, tá falando, explicando, mas que agente já viu muitas vezes, mas nunca é aprofundado no assunto, é a mesma coisa todo ano.

É interessante constatarmos quando a escola comparece: apenas na aula de Biologia, como a escola fazia há muitos anos, sem considerar que esta sociedade se movimentou, se transformou: nós não somos mais uma sociedade que um homem e uma mulher iniciam uma vida sexual quando se casam. Nós somos uma sociedade na qual meninos e meninas, iniciam uma vida sexual muito cedo.

Além disso, tivemos a AIDS, temos os PCN que norteiam as ações a serem desenvolvidas com os conteúdos transversais etc.

Os dados das pesquisas indicam que a escola não tem atendido ao seu papel mediador e socializador, como vemos na fala de Duarte (2007, p. 19):

Se [...] refletirmos um pouco sobre a educação escolar e sobre a história da psicologia da educação, será impossível não deixar de notas que a psicologia da educação tem dedicado pouquíssima atenção aos conteúdos escolares como mediações sociais na constituição da subjetividade de professores e alunos. Creio que já é tempo de educadores e psicólogos dedicarem mais esforços para compreenderem a psicologia objetivamente existente nos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos que se

tornaram patrimônio da humanidade e que deveriam fazer parte do currículo escolar de todas as nossas crianças e nossos jovens.

As mudanças da sociedade merecem reflexões e ações por parte da escola. Dentre elas, nas questões da sexualidade, as relações que nós, seres humanos, mantemos com o nosso corpo e com o corpo do outro mudaram. É como se a escola não tivesse incorporado as novas normas e as novas leis, ou seja, não considera, não leva em conta a LDB, os PCN, os discursos todos sobre a inclusão e sobre diversidade de gênero, cultural, enfim, os discursos dos adolescentes mostram que tais transformações não movimentaram a escola, porque o fato de a sexualidade se fazer presente apenas na aula de Biologia ainda nos remete ao passado.

Com relação à legislação, flagramos a Resolução nº 02/2012 CNE/CEB que trata das Diretrizes Curriculares do Ensino Médio, explicita acerca do importante papel social que a escola deve exercer na formação do adolescente, considerando a cultura e as relações sociais nas ações de orientação sexual.

Art. 5º - § 4º A **cultura**⁸ é conceituada **como o processo de produção de expressões** materiais, símbolos, representações e significados **que correspondem a valores éticos, políticos e estéticos** que orientam as normas de conduta de uma sociedade.

Art. 6º O currículo é conceituado como a proposta de **ação educativa** constituída pela seleção de conhecimentos construídos pela sociedade, expressando-se por práticas escolares que se desdobram em torno de conhecimentos relevantes e pertinentes, **permeadas pelas relações sociais, articulando vivências e saberes dos estudantes** e contribuindo para o desenvolvimento de suas identidades e condições cognitivas e sócio-afetivas.(...)

Art. 16 - XV - valorização e promoção dos direitos humanos mediante temas relativos a gênero, identidade de gênero, raça e etnia, religião, **orientação sexual**, pessoas com deficiência, entre outros, bem como práticas que contribuam para a igualdade e para o enfrentamento de todas as formas de preconceito, discriminação e violência sob todas as formas;

Conforme os discursos dos adolescentes, temos uma escola ainda muito distante do exercício destas atribuições previstas em lei e também em sua função social como “instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado”, como aponta Saviani (2000, p. 18 e 19), e ainda, ao dizer que “A escola existe, pois,

⁸ Optamos por dar destaque em negrito a trechos de citações que consideramos relevantes, bem como, a trechos dos discursos dos adolescentes.

para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitem o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber [...]”.

E realmente, infelizmente, temos visto, a partir da escola pesquisada, a necessidade de avançar nesse sentido de promover a aquisição do saber sobre a sexualidade.

5.1.2 A escola como lugar de atividade sexual

Nos discursos dos adolescentes, a escola comparece como o lugar em que se pratica a atividade sexual. Podemos nos perguntar o quanto os gestores – diretores, professores, supervisores, psicólogos escolares, merendeiras etc. – dão conta de perceber esta realidade.

Quando perguntados sobre como é a sexualidade na escola, tínhamos em mente a forma como ela é abordada, mas, para nossa surpresa, a pergunta foi entendida como a escola sendo o lugar da prática da atividade sexual.

Fica explicitado, que a escola dá pouca atenção à essa atividade sexual que ocorre na escola, pelo simples fato de ela ocorrer dentro do ambiente escolar. E chama-nos a atenção a naturalização dessa atividade, a partir da perspectiva dos adolescentes.

Grupo B, Encontro 02:

Coordenador: Como é a sexualidade na escola?

Aluna 1: Acho que rola mais que devia.

Aluno 4: Só a prática, vem aqui para o senhor ver o que rola nesses escuros aqui.

Aluna 1: Pegaram de tarde dois. No treino de futebol, menino e menina no banheiro, daí foi proibido menino no nosso treino...

Grupo C, Encontro 01:

Todos: Acontece!! (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 6: A tarde, até de manhã acontece. Não coloca a culpa só nos outros não, que todo mundo faz. Não vem com graça não (...). (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 7: Não, nesse fato de transar com todo mundo da escola, não. Todo mundo fica aqui na escola, vem com esse papo não, de dizer que ninguém ficou aqui na escola. (Todos falam ao mesmo tempo).

Neste trecho, ficar significa manter relação sexual descomprometida. Vamos abordar, nos próximos itens, a questão do comprometimento, do estabelecimento de vínculos.

Grupo B, Encontro 02:

Coordenador: Para vocês, o que é o ficar?

Aluna 3: É só momento de curtidão da gente, porque nem todos querem compromisso.

Aluna 1: Hoje em dia, esse ficar é curtir aquela noite e, no outro dia, já esquecer (...) justificar nossa carência assim, só isso, mas a pessoa não quer aquele compromisso.

Coordenador: E namorar?

Aluna 3: Namorar é compromisso sério.

Grupo C, Encontro 01:

Coordenador: Teve alguém que falou da outra vez, que quando a gente perguntou sobre a escola, se acontece a sexualidade e disseram: Rola mais do que devia! A noite tem e à tarde também. O que você acha que significa: **Rola mais do que devia?**

Aluna 3: Não estão só ficando, mas como fazendo relações dentro da escola. (Todos falam ao mesmo tempo).

Percebemos que além da pouca informação sobre o tema sexualidade, há também uma postura omissa diante da situação presente no cotidiano escolar.

5.1.3 O lugar da escola e da família

Os adolescentes, ao serem chamados a falar sobre a escola, trouxeram, na relação, a família, intercambiando as responsabilidades que, segundo eles, caberiam a elas. Neste caso, haveria uma responsabilidade maior da família na

orientação quanto à sexualidade dos filhos. Tal postura indica um esvaziamento das funções e responsabilidade dos atores escolares relativas a educação sexual.

Grupo C, Encontro 01:

Coordenador: Há algo mais que a escola poderia fazer, na opinião de vocês?

Aluno 8: O Sr. está falando só em escola, mas quem deveria fazer esse papel é os pais em casa...

Aluno 10: Falar com os filhos.

Aluno 8: ...porque o diretor não tem que se preocupar com nada, quem tem que se preocupar é os pais, porque quem fica buchuda aqui? (Risos do grupo).

Aluno 8: Os culpados é os pais, nem professor, nem diretor... Só vão falar, dar a palestra e avisar as coisas que poderia acontecer (...).

Aluno 1: E prevenir.

Coordenador: Então, você acha que a responsabilidade maior é da família?

Aluna 3: Mas, às vezes, a família nem conversa mais. (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluno 9: Nem liga mais. (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 2: Às vezes, minha mãe não incentiva não, ela quebra o pau. (Silêncio do grupo).

Vemos portanto, que os adolescentes, em suas falas, deslocam a responsabilidade para a família retirando a responsabilidade principal dos atores escolares.

5.2 O lugar da família na formação sexual do adolescente

Outro aspecto que destacamos na construção do ser humano, na dimensão social, é a relação familiar como mediadora na formação psíquica, conforme atesta Mascagna (2009, p. 160),

Ao discorrer sobre a formação da personalidade dos adolescentes, pudemos verificar a importância dos **meios familiares, em especial, da mãe**, como influenciadora da construção da personalidade de seus filhos. A

visão dos adolescentes de que são os pais e/ou a mãe que mais influenciaram em sua personalidade corrobora com a teoria de Vigotski sobre a importância **da mediação na formação psíquica**.

Os adolescentes dizem que a família é fundamental na sua formação sexual e na sua orientação, pois, no discurso de muitos deles, sem a informação do pai e da mãe, já “teriam se arrebitado”. Outros disseram que, apesar da importância dos pais nessa formação, pelo fato de não ter havido esse acompanhamento, aprenderam na rua mesmo. Mas expressam a falta que faz essa orientação e apontam a dificuldade e a necessidade de comunicação entre pais e filhos.

Grupo B, Encontro 01:

Coordenador: O que a família influencia na sexualidade?

Aluna 1: Pra colocar camisinha, meu pai, ele fala: pede pro cara colocar uma camisinha, mas não é qualquer cara não, então abre o olho e não é qualquer um que fala que ama e vai assumir o filho depois. Apesar que não tenho idade ainda. (+).

Grupo A, Encontro 02:

Aluna 5: Minha mãe, meus irmãos levavam pessoas lá pra casa, e eu perguntava o que eles estavam fazendo e ela dizia que estavam transando.

Grupo A, Encontro 01:

Aluna 3: Tem família que não conversa com os filhos, como é que é, os detalhes, aí os filhos não sabem, né, como é que é.

Vemos que no Grupo B também aparece essa realidade da ausência do diálogo com os pais. Vejamos a seguir a fala que expressa essa ausência de diálogo com os pais:

Grupo B, Encontro 02:

Aluna 3: Ela falou que conversa muito com o pai dela, né? Agora lá em casa não, com ninguém, eu e minha irmã mais nova a gente nunca, ninguém lá em casa chegou para conversar esse tipo de coisa com a gente.

Coordenador: E você mora com seu pai e sua mãe?

Aluna 3: Minha mãe nunca chegou pra conversar, nem a madrasta. E o que sei é pela escola, amigos que me contam, né? Mas, assim, influência de família não tenho nenhuma não...

Aluno 2: Eu tenho conversa assim com meu pai com a minha mãe.

Aluna 3: ...muita gente acha estranho, né, que já vou fazer dezessete (17) anos e ninguém nunca falou comigo sobre isso. Assim, nem a minha primeira menstruação que veio, assim, eu me virei sozinha, porque eu fiquei assustada no começo, porque ninguém me avisou nada, assustei porque ninguém nunca chegou para conversar comigo sobre esse tipo de assunto.

Coordenador: E com sua irmã?

Aluna 3: Com minha irmã, eu já converso. Não sei se é vergonha deles. Minha irmã mais velha fala que a gente já sabe é coisa demais nas escolas. A gente já sabe coisa que nem velho sabe, ela diz. Mas, na verdade, eu não sei, mas aí, eu não vou falar para ela, senão vai ser uma confusão dentro de casa, eu não vou pedir pra ela me explicar isso aí, deixa quieto. (+).

Vemos que no discurso da Aluna 3 aparece a escola como fonte de aprendizado, seja ele formal ou informal, suficiente ou não. E até mesmo a família que responsabiliza, se tranquiliza ou “se acomoda” ao dizer/pensar que, na escola, a orientação sexual está sendo feita a contento.

Aparece, ainda, em outro trecho, a falta de conversa com os filhos, na qual, segundo os adolescentes, está presente o pensamento de que eles são inocentes e não sabem sobre o assunto:

Grupo B, Encontro 02:

Aluna 1: A maioria dos pais não ajudam a gente entender. Fica mais na deles, pensa que a gente não sabe, fica “Ah meu filho não sabe”.

Aluno 4: Pensa que é inocente.

Aluna 1: Pensa que é inocente, porque, na maioria das vezes a gente, né, principalmente eu, são uma pessoa na frente dos pais e por trás somos outra, aí escondemos muitas coisas.

Aluno 4: A máscara né, mas um dia cai.

Aluna 1: É a máscara, então, assim eu sou uma coisa aqui e atrás dele eu sou quase um demônio.

Aluno 5: Tipo, parece que eles nunca passaram por essa idade porque chega nessa idade não conversa nada.

Aluna 3: Porque não adianta esconder da gente e depois a gente fazer e se arrepender pro resto da vida. Melhor sentar, conversar e explicar como são as coisas.

Grupo C, Encontro 01:

Aluna 1: Acho, pelo fato da gente não confiar na família, e a gente querer confiar nos amigos, a gente começa a contar as coisas pra eles, por amizade, por poder confiar no próximo.

Grupo C, Encontro 01:

Coordenador: Qual a influência da família na sexualidade?

Aluno 9: Muitos falam pras meninas, só pra não ter filhos. Pra menino, dificilmente fala, só falam pra usar camisinha.

Aluno 10: Acho que é muito falta de conversa com o filho, tipo assim: meu filho querido...

Aluna 3: Esses menino de hoje em dia, a mãe fala uma coisa, daqui a pouco tá transando com a menina, e não tá nem aí pro que a mãe disse.

Grupo C, Encontro 01:

Coordenador: Qual seria a melhor forma pra isso acontecer?

Aluna 5: O diálogo com os pais. Porque a maioria dos pais, acho que já passaram por alguma coisa, então eles sabem. Então tem o conhecimento deles.

Os adolescentes explicitaram também, que a família interfere, com relação aos meninos, para definir sua sexualidade. O pai está muito mais preocupado em localizar um filho homem: Meu filho é homem, porque transa, não importando como transa, se está feliz, se está tendo cuidado. É o que nós vemos no próximo item, na conexão com outras pressões vivenciadas na relação com os pais, com os amigos e com as meninas.

5.3 As pressões vivenciadas pelos adolescentes

O adolescente tem que lidar com discursos e com práticas contraditórios, que refletem pressões que incidem mais sobre os meninos relativas à sua masculinidade, mas que afetam também as meninas, especialmente no tocante à virgindade e à gravidez na adolescência.

É possível perceber nas falas a seguir, que há uma pressão sobre os meninos, para que eles tenham uma vida sexual ativa, sob pena de não serem considerados homens, caso recusem um convite, ao passo que as meninas, pelo menos em casa, ainda são protegidas.

Grupo A, Encontro 01:

Aluno 6: Quando vai menina lá em casa, **papai fica é alegre.**

Aluno 1: Se meu **pai me ver com uma menina, fica alegre**, mas se ver minha irmã com um menino é diferente.

Aluno 6: Mas o camarada chega lá pra ti e fala: vamos fazer? Pra ti que é mulher é fácil dizer: Não vou, é fácil porque é mulher. Agora, se chegar uma menina pra mim e falar: Vamos fazer? E aí? Eu não vou chegar e dizer não vai, porque eu não tenho preservativo. Eu **não sou doido** de dizer uma coisa dessa.

Com relação à virgindade, vimos, nos comentários dos adolescentes, que assim como o menino é pressionado a ter a sua sexualidade exercida cada vez mais cedo, há também uma pressão, hoje em dia, para que a menina não seja mais virgem, um movimento diferente do que ocorria antigamente, quando a mesma era valorizada e incentivada a se manter virgem até o casamento. Havia, portanto, pressão e expectativa para que a menina se mantivesse como tal.

Ao questionarmos sobre: O que vocês acham sobre a virgindade? Também há mais pressão também pro homem não ser virgem? Pra mulher ser? Ela sofre mais pressão social? Como é que é isso? Vejamos seus posicionamentos:

Grupo C, Encontro 01:

Aluna 7: Acho que, hoje em dia, a menina que não é, o pessoal já começa a criticar. Antigamente, se fosse virgem, todo mundo zelava por ela, pra ela ser a pessoa mais pura. Hoje não.

Grupo B, Encontro 1:

Aluno 1: Muitas meninas perdem a virgindade cedo por influência dos outros, né? Pela influência dos amigos...

Aluna 3: Discordo, porque a pessoa vai porque quer e não por influência.

Aluna 1: ...sim, vai porque quer, mas também por influência.

Aluno 2: As meninas perdem (...) mais cedo porque falta conversa com os pais, não tem conversa com os pais.

Grupo B, Encontro 02:

Aluna 3: Acho assim que as pessoas que são virgens são bem criticadas, porque, aí não sei. O que! Tu nunca transou?

Grupo C, Encontro 01:

Aluna 7: Porque se ele engravidar uma menina, ele não vai ter tanta responsabilidade de **carregar nove meses na barriga**. Então, os pais se preocupam mais, pelo fato de ficar com ela durante nove meses ou até ela ir embora. Até ter mais responsabilidade. (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluno 1: O pai vê o menino com a menina, diz: **meu filho é macho**. Mas se vê a filha dele com um menino é diferente.

Segundo a fala do adolescente acima, o mesmo enfatiza o peso que recai sobre a menina num relacionamento fortuito devido ao impacto da gravidez na adolescência ou da possibilidade da mesma, reforçando ainda mais o machismo. Porém, o medo aparece também no discurso dos meninos. Esse aspecto da gravidez está presente nos discursos como o maior receio, até mesmo que as Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST. Destacamos essa evidência, também, nos discursos a seguir:

Grupo A, Encontro 01:

Aluno 7 – Por exemplo, eu tenho uns quinze (15), dezesseis (16) anos e falo tal pra menina, vou lá e te espero na esquina, e vou lá num matinho, aí não sabe quais as **conseqüências**, porque **ser pai logo cedo é muito difícil**. Eu estava me lembrando, trabalhei num lugar e meu encarregado falou para mim, disse: Ei, tu tem quantos anos?; Eu, dezesseis (16), e ele queria me advertir algo: Eu sou pai desde os dezesseis (16) anos de idade. Aí, eu acho que ele quis dizer algo extraordinário

pra mim, porque ele quis me alertar de alguma coisa, né? Porque ele tem responsabilidade e...

Grupo A, Encontro 01:

Aluno 10: Tem uns que **quebra a cara, é pai cedo**. Pega uma doença.

Grupo B, Encontro 02:

Aluna 1: Numa transa pode ficar grávida.

Aluno 4: A família não apóia, às vezes, já quer mandar embora.

Aluna 1: Minha mãe disse que vai me apoiar se acontecesse comigo.

Aluno 5: Eu não falo com meus pais porque só querem brigar. Tá grávida, é menina?

5.4 As contradições e os preconceitos no discurso dos adolescentes

Além da pressão da família, dos pais em relação aos meninos, sobre as meninas, das meninas em relação aos meninos e da pressão social de modo geral, os adolescentes explicitam preconceitos, alguns de forma radicalizada. Flagramos, então, discursos preconceituosos quanto aos homens, às mulheres e aos homossexuais.

É importante ressaltar que, na constituição dos GF, não houve participação de adolescentes que se declarassem homossexuais.

O discurso masculino indica uma contradição em relação ao lugar, ao papel, às ações das adolescentes que os adolescentes aprovam, pois indicam uma dicotomia entre uma certa liberdade, uma certa liberação sexual, mas também a definição de um lugar fixo, especialmente quanto às mulheres tomarem a iniciativa para que a relação aconteça.

Isso reflete o ambiente escolar no que diz respeito a práticas excludentes, como vemos na fala de Moreira (2005, p.150) a seguir:

A identidade e a prática das alunas são, portanto, avaliadas segundo dois ângulos do olhar: em função dos modelos sociais acerca de gênero e, também, dos de sexualidade mais predominantemente aceitos. As atitudes das alunas, que são associadas com a expressão de desejo sexual, de sensualidade e sedução, são vistas como algo negativo, que espanta e assusta, e que precisaria ser mudado. Apesar de tal assombro e

reprovação, também afirmaram que não lhes competiam nem sabiam como lidar com essas situações, remetendo tal responsabilização para a fiscalização e controle dos pais. Essa postura de “lavar as mãos”, aliada aos modos de sentir e pensar referidos, tem um caráter enganoso, pois a própria “indiferença” gera efeitos sobre a subjetividade do(a)s aluno(a)s e tem implicações concretas na instituição e reafirmação de relações sociais excludentes e discriminatórias.

Vemos além do preconceito, por conta da diferença de gênero, também a idéia de precocidade, de acordo com Moreira (2005, p.151)

[...] as meninas são extremamente “assanhadas” e só pensam em meninos, apenas uma professora se referiu aos meninos, dizendo que eles “paqueram”... uma palavra mais suave e menos radical para se referir ao comportamento dos alunos, do que a não-aceitação do comportamento “assanhado” das meninas que corresponderia a uma excitação erótica e sexual mais inquieta e agitada, pois, segundo compreendem, “despertam para a sexualidade muito cedo”.

Grupo C, Encontro 01:

Aluno 8: Porque, antigamente, era o menino que chegava pra ficar com a menina, hoje é as meninas que estão fazendo esse papel, que era do homem, hoje ela que tão fazendo. A questão é que elas estão muito **assanhadas**. (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: A mulher tem que ficar esperando?

Aluna 2: Não, eu acho que se ela quiser, se ela gostar, se ela tiver coragem. Se ela quiser esperar também, pra ter certeza.

Aluno 10: Eu tô aqui com ele, e ele fala que a menina quer me conhecer. E eu falo que vai dar certo, faz aquilo que aquilo não vai fazer mal. Isso envolve a mente e influencia. Ao invés de pensar, eu vou conhecer a menina primeiro, vou esperar o momento certo, vê se pode, vê se não pode.

Grupo A, Encontro 02:

Aluna 5: Homossexualismo eu não tenho preconceito. Minha irmã já foi (...) e hoje é casada com um homem.

Aluna 9: Não existe ex-gay; uma vez gostou vai gostar de novo.

Aluno 1: Já vi um cara gay que bebeu e virou homem, lá no Três Marias, lá.

Aluna 3: Um gay ia lá pra casa; daí os meninos ficavam pegando no pênis dele; depois ele ficou com minha irmã e hoje estão casados, parece que ela está até grávida.

Grupo C, Encontro 01:

Coordenador: E sobre o homossexualismo, o que vocês acham sobre o homossexualismo?

Aluna 6: Eu acho que deveriam respeitar mais eles, é decisão deles, ninguém tem nada a ver com a vida deles ...

Aluno 8: Eles deveriam ficar no canto deles, por que ninguém é obrigado a ver aquela palhaçada de ficar se agarrando no meio da rua.

Aluna 6: Não, palhaçada não, é escolha deles, ninguém tem nada a ver com a vida deles, então não tem, tu não dá comida pra eles. (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: No caso, você acha que é uma palhaçada, né? Tá publicamente se relacionando. E se for um casal homem e mulher? Você acha que é correto?

Aluno 8: É pode, na rua. É de Bíblia né? Homem e mulher tem que ser homem e mulher só.

Aluno 10: Eu também discordo desse negócio, não aceito não, sou contra.

Aluna 6: Eu sou a favor, vou falar um palavrão, quem dá (...) é eles. O problema é deles. Porque ninguém tem nada a ver com a vida deles. Se eles escolheram, eu não posso fazer nada. E cada um aqui vem pra fazer a sua escolha. E eles estão fazendo, então, pronto.

Coordenador: Na prática, vocês procuram fazer isso, respeitar? Conhecem pessoas assim?

Aluna 6: Com certeza! Eles têm todo direito, é o que ele escolheu, eu respeito.

Coordenador: Alguém mais quis falar aqui deste lado? Qual opinião de vocês sobre isso?

Aluna 2: Eu apoio ela. Mas acho que essa é uma decisão muita burra. Já vi tanto gay bonito, gostoso, maravilhoso, com outro homem, no meio de tanta mulher no meio da rua e se agarrando. Dá vontade de pegar os dois e espocar. Mas eu acho horrível. Eu não sou contra, mas também não sou a favor. Tô fora.

Coordenador: Vocês acham que ainda hoje com tanto discurso sobre liberdade de expressão, liberdade de escolha, como a colega falou. Ainda há muito preconceito relacionado a isso? Você se considera preconceituoso, com relação à homossexualidade?

Aluna 5: Às vezes, sim. Mas não no modo de falar, mas no modo de pensar. A gente olha assim. O meu preconceito mesmo é só contra eles adotar filhos. Eu não concordo.

Aluna 6: Eu acho que cada um tem seus direitos, não é criticando vocês, mas eles têm o direito também.

Aluna 3: O filho vai nascer com o exemplo deles, vai crescer vendo eles fazer aquilo. Quando eles crescer, eles vão ser o quê? Devem ser diferentes, pelo fato de eles crescerem e, no dia da mãe e do pai lá, e chegar e falar na escola dele, alguém chegar e perguntar pra ele no meio de todo mundo: Você vai dar o que pra tua mãe? E ele responder assim pelo fato de ser dois homens: Eu nem sei quem é minha mãe, pelo fato de ele ficar com vergonha. Eu acho muito errado, pelo fato de ter o dia das mães e dos pais. (Risos do grupo).

Coordenador: Se fosse alguém da sua família, você aceitaria?

Aluno 8: Só vendo na hora mesmo professor, por que a pessoa falar é uma coisa, mas chegar na hora a pessoa faz diferente.

Aluna 7: Pelo fato de ser meu filho, eu conviveria com ele, mas mesmo não aceitando, mas respeitando.

Outro tema apareceu nos discursos dos adolescentes e é citado aqui como forma de registro: pedofilia; mesmo indicando uma visão contrária a essa prática, o discurso radicaliza a punição.

Grupo A, Encontro 02:

Aluno 6: Pedofilia, o cara tem que apanhar até a morte.

A questão da homossexualidade gerou grande discussão e refletiu as contradições pelas quais nossa sociedade passa atualmente. Os posicionamentos dos adolescentes oscilam entre a aceitação, a recusa e a aceitação com restrições, mas, na base, nos contam das suas concepções sobre a sexualidade de modo geral.

Além disso, aparece também o material que seria distribuído pelo governo. Trata-se de um kit produzido pela Coordenadoria Geral de Direitos Humanos do MEC, vinculada à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD, com o apoio da UNESCO e do Conselho Federal de Psicologia, composto por cadernos de orientação aos docentes e vídeos que abordavam a temática do preconceito, cuja distribuição para mais de seis mil escolas do Ensino Médio foi suspensa. Percebemos o quanto a escola precisa avançar nessa discussão para que consiga de fato promover a igualdade e a liberdade, que são direitos humanos, nos seus espaços.

Grupo B, Encontro 02:

Aluno 6: Aquele livrinho lá que eles proibiram de passar nas escolas, acho importante porque ajuda mais a gente.

5.5 Vínculos e comprometimento na adolescência

Ao fazermos o seguinte questionamento: Relacionar-se sexualmente na adolescência, implica em estabelecer vínculos? Verificamos que há pouca ou nenhuma vinculação nas relações estabelecidas pelos adolescentes, uma vez que comprometimento é estar responsável no ato, pois, muitas vezes, por mais que o adolescente diga que vai usar camisinha, ele está em um ato que não considera a relação com o outro, nem mesmo as consequências do mesmo, sejam elas físicas ou emocionais.

Eles explicitam a falta de compromisso nos relacionamentos, por ser uma fase na qual os adolescentes se preocupam muito mais com um certo *status* que os definem, por exemplo, se a menina ou o menino são bonitos, se têm dinheiro, se tem carro etc.

Verifica-se pouca autonomia e maturidade de escolher se sim ou se não, onde e com quem. Isso é expresso por meio dos seguintes trechos:

Grupo A, Encontro 01:

Aluno 6: O que eu penso sobre sexo, é só chegar lá, fazer, se proteger e **cair fora**. Pronto!...

Diante da pergunta: O relacionamento sexual na adolescência estabelece vínculos? Sejam eles físicos ou emocionais? Temos as seguintes respostas:

Grupo C, Encontro 02:

Aluna 7: Não.

Coordenador: Não, por quê?

Aluna 7: Porque acho que como adolescente tá na fase da adolescência, pensa mais em curtir, acho que não quer estabelecer compromisso com nenhuma garota não. Ou a menina com o garoto. Porque vai (...). Ah, essa é mais bonita, e vê lá na frente outra mais bonita(...). Acho que não tem a mente de adulto, de estabelecer um compromisso sério.

Coordenador: Você falou, “bonita” né? A relação sexual está muito mais ligada à questão da aparência? Como é que é isso, para o homem e para a mulher?

Aluna 7: Acho que hoje sim. É por querer ter dinheiro também. Por querer andar de carro.

Aluno 8: Se o feio tiver dinheiro, uma Hilux, já era.

Coordenador: É assim com vocês? (Coordenador pergunta para as meninas).

Aluna 6: É não. (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 7: Vou defender as meninas. Eu acho que, a maioria das vezes, é assim: Porque nós, mulheres, não querem andar a pé. Mas o homem pode, sim, conquistar a mulher, pelo fato de ele ser gentil e legal com a gente. Mas ele sendo sem vergonha e safado, ela não vai querer. Porque ela vai querer os feios, pelo fato de ser feio, ninguém quer, então, elas vão pegar os feios.

Aluno 11: Não é assim que vocês pensam não! (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: E pros homens, como que é, em relação às mulheres?

Aluna 6: Tem que ter tudo, bunda, peito (...).

Aluno 10: Pra mim, não muda nada. É a minha opinião, com todo respeito. Pra mim, não importa a aparência. (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 7: Os meninos só querem namorar com meninas bonitas. Quer namorar uma semana com a menina, pra dizer pros colegas: Tô pegando aquela gostosa ali. Depois pega e vai embora. (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: Não há vinculação, né?

Aluno 8: Mas as meninas só querem serrar o dinheiro dos caras e vai embora.

Aluna 5: Mas não é todas não. (Todos falam ao mesmo tempo).

Pelas falas que foram registradas, não percebemos o estabelecimento de vínculos físicos, nem de amorosidade e afetividade. No último trecho, ao se questionar sobre o comprometimento, surgiram, ainda, os fatores aparência ou beleza e, também, interesse econômico que, muitas vezes está em jogo.

Vemos que, nessa construção de seus relacionamentos, o adolescente, muitas vezes, não se dá conta do contexto que o envolve, percebendo, por vezes, só o momento que está sendo vivido, sendo necessária uma reflexão dialética no processo, como diz Facci (2007, p.36):

Uma reflexão é dialética quando busca apreender o movimento dos fenômenos, compreendendo-os como fatos sociais concretos, sínteses de múltiplas determinações e, nesse sentido, como realidades históricas que podem ser transformadas pela ação humana e por isto pode transformar o imediato em mediato; apanhar a totalidade do concreto em suas múltiplas determinações e articular essência/ aparência, parte/todo, singular/universal e passado/ presente, compreendendo a sociedade como um movimento de vir a ser.

Os adolescentes falam, algumas vezes, em terceira pessoa, o que pode ser uma forma de defesa e reflete também distanciamento e falta de comprometimento com o que é relatado.

Aluna 7: Vou defender as meninas. Eu acho que, a maioria das vezes, é assim: Porque nós, mulheres, não **querem** andar a pé. Mas o homem pode, sim, conquistar a mulher, pelo fato de ele ser gentil e legal com a gente. Mas ele sendo sem vergonha e safado, **ela não vai querer**. Porque ela vai querer os feios, pelo fato de ser feio, ninguém quer, então, **elas vão pegar os feios**.

Deste modo, o fato de eles falarem de si sem usar o “eu” e sim, “os adolescentes”: Têm adolescentes, eles estão fazendo, eles, mas não eu, os distanciam e torna a questão impessoal.

Além disso, podemos destacar ainda as conseqüências de uma sociedade capitalista que leva à competição, à posse e ao individualismo.

5.6 O cuidado consigo e com o outro

Os dados sobre o uso dos preservativos, no discurso dos adolescentes, indicam que o cuidado dos meninos se diferencia do cuidado das meninas, inclusive apontando para uma responsabilização maior das meninas, pelos meninos, com relação à anticoncepção. Há uma preocupação, mas ela não é igual, é como se os meninos responsabilizassem mais as meninas, é como se o peso de uma relação fortuita fosse menor para o menino, pois, pelo que detectamos, o cuidar para esses adolescentes está muito ligado ao fato de usar ou não camisinha.

Grupo A, Encontro 01:

Aluno 6: Chega lá na hora sem camisinha... a menina fica te perturbando: Vai, faz assim mesmo. O camarada não vai chegar e falar: Não, não vou fazer não porque sou um cara consciente e tal. O camarada chega lá na hora, velho, não pensa com a cabeça, não. É a cabeça do dedão do pé e salve-se quem puder.

Aparece, também, em muitas falas, a falta de preocupação quanto ao uso de preservativo; se tiver, é utilizado, mas se não, não será impeditivo para que ocorra uma relação sexual.

Grupo A, Encontro 01:

Aluno 10: O que eu acho sobre sexo, muito bom, nunca vou deixar de fazer isso na minha vida. Mas é claro que **vou usar camisinha. Não tendo, eu vou fazer do mesmo jeito.** É isso que eu penso.

Grupo C, Encontro 01:

Aluna 3: Tem que ter acompanhamento com cada sala (...). Não adianta não, camisinha, os meninos não gostam dessas coisas.

Coordenador: Camisinha resolve a questão?

Aluna 3: Não!! Faz é aumentar. Eu vou se prevenir por causa da camisinha.

Aluno 10: Não concordo com isso também não.

Coordenador: Qual a importância ou não da camisinha, na opinião de vocês?

Aluna 7: Pra cuidar, pra não ter doenças transmitidas. Acho que é. (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluno 8: Camisinha, sentir aquele negócio agonizando, a pessoa não sente nada, na verdade, vai lá na farmácia, toma uma injeção pra não engravidar. (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 6: Eu conheço pessoas que diz a mesma coisa, que diz que não usa camisinha de jeito nenhum.

Nas questões relativas ao cuidar, foram elencados: prevenir doenças, com quem, o lugar, risco de gravidez e saúde.

Vemos que ao tocarem no assunto sobre o cuidado, eles falam sobre esses aspectos:

Grupo C, Encontro 01:

Coordenador: Foi falado, nos textos anteriores, sobre se cuidar; há pais que cuidam, há pessoas que se cuidam, e falamos um pouco ainda agora sobre preservativo. O que é se cuidar na opinião de vocês?

Aluno 4: Se prevenir de doenças.

Aluno 10: Também não aceitar muitas opiniões dos outros, prevenir nem tanto, todo mundo se previne.

Coordenador: O que mais envolve a sexualidade? Porque o preservativo é basicamente pra não engravidar ou pra não adquirir doenças. O que mais está em jogo em uma relação?

Aluna 7: Se uma menina transar com um menino, e ele é um fofoqueiro, ele fala pros amigos tudinho, e aí ela vai passando e eles falam: olha essa vagabunda aí.

Grupo C, Encontro 02:

Coordenador: Foi falado em situações anteriores, sobre o cuidar. Como que vocês veem a questão do se cuidar? Eu me cuido! Você se cuida? Como se cuida? Como você acha que deve ser o cuidado, nessa área da sexualidade?

Aluno 11: Usar camisinha.

Coordenador: Só usar camisinha resolve?

Aluno 11: Não, porque estoura. (Risos do aluno).

Coordenador: Vocês acham que, usando camisinha, estão se cuidando?

Aluno 11: Eu acho que estou. Se não estourar, eu acho que estou.

Coordenador: Vocês acham que o cuidado é só nessa área física, no órgão genital?

Aluno 1: Não.

Aluna 7: Como a menina falou, no discurso passado. A gente tem que ver com quem vai namorar.

Aluno 10: Tem que ver o lugar também.

Aluna 5: O momento, a hora certa. (Todos falam ao mesmo tempo).

Grupo B, Encontro 01:

Coordenador: Quais os aspectos positivos e negativos da sexualidade?

Aluna 3: Negativo, não usa camisinha, engravida e pega doenças.

Grupo C, Encontro 02:

Coordenador: E meninas o que vocês acham? O que vocês fazem para dizer assim: Eu estou me cuidando!

Aluna 7: Indo ao médico. Vendo com quem eu faço relações, vendo com quem eu tô ficando, quais as pessoas que estão perto de mim, acho que isso é uma forma de se cuidar também.

Aluna 6: Buscando informação também.

Aluna 7: Muita informação.

Aluna 6: Acho que tem que ir ao médico mensalmente, de mês em mês.

Coordenador: É importante isso, né? Os homens já fogem mais do médico!

Aluna 6: É, fogem. (Todos conversam ao mesmo tempo).

Aluna 7: Acho que todas as adolescentes fogem, pelo motivo de algumas não ser virgem, por vergonha da mãe, com medo de descobrir.

Coordenador: Então, mostra que há pouca comunicação com os pais mesmo, como vocês vem falando?

Aluna 6: Minha mãe vai comigo, sim, no médico, de boa.

Coordenador: E sobre, ainda, o se cuidar. Vocês falaram das doenças sexualmente transmissíveis, mas foi pouco falado, e a própria AIDS. Como é isso hoje em dia, a AIDS. E como que é hoje isso nas relações que, até por conta da camisinha, ficou mais tranquilo e tal. Mas tá rolando, não tá? Vocês conhecem pessoas que já tiveram ou têm, ou AIDS ou outras doenças? Isso é preocupante pra vocês? Como é que é isso das doenças?

Aluno 1: Não conheço ninguém que tem AIDS não. Pelo menos ninguém falou nada não.

Aluno 9: Às vezes, as pessoas têm, e fica com vergonha de falar. (Todos falam ao mesmo tempo).

Grupo C, Encontro 02:

Aluna 7: Começa a aparecer um monte de verruguinha. E se for mulher, queima, e na parte de dentro, e no homem não, é na parte de fora. E por isso, quando a menina se torna mulher, ela vai ter vergonha de se relacionar, por que ela vai se sentir mal. (Todos conversam ao mesmo tempo).

Aluno 11: Vai que eu vou chegar lá, e a menina não me deixa ciente, não me fala que ela tem doença.

Aluna 7: Ela pode muito bem chegar e falar: eu vou ferrar aquele ali. Aí te ferro. (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: Por isso, que a gente falou do cuidado, né? Saber com quem, conhecer o histórico.

Aluno 10: A única coisa que pode acabar com essas coisas, é conhecendo a menina, e dizer: Eu não conheço você, não conheço sua saúde, nem sua família...

É importante considerarmos o quanto essa visão explicitada pelos adolescentes, da qual eles se apropriaram num processo histórico, cultural e social, é reduzida, excludente e limitada e não dá conta da abrangência que envolve uma relação, seja ela física ou emocional e o quanto uma está ligada a outra.

Muitas vezes, como visto anteriormente, os pais falam para os filhos, no caso dos homens, terem atividade sexual para afirmarem sua sexualidade e masculinidade; no caso das mulheres, para se protegerem; só que eles acabam não se preocupando tanto com a qualidade dessas relações.

Na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, essa visão é construída na relação. Mascagna (2009, p.13) reforça esse conceito ao afirmar que:

Para a abordagem Histórico-Cultural, o desenvolvimento humano está intimamente ligado ao desenvolvimento cultural da humanidade. O aspecto cultural sobressai sobre o biológico e os homens se apropriam ativamente dos conhecimentos produzidos historicamente que são transmitidos de geração a geração, por meio da mediação entre os homens, tornando-os parte de sua natureza.

As discussões levadas a efeito até o momento nos possibilitam inferir que, se as práticas dos adolescentes na relação com a sexualidade são preocupantes, elas foram e estão sendo construídas num processo histórico e cultural que envolve família e escola, principalmente; portanto, qualquer movimento nesse sentido implica, antes, um movimento nas posturas e nas ações da família e da escola.

5.7 O lugar dos amigos

Para Góes e Pino (1991, p.89), a interação entre os diferentes elementos que formam “os processos mentais (neurológicos, psicológicos, linguísticos e culturais) e o contexto histórico da atividade social do ser humano é a grande contribuição da Psicologia Histórico-Cultural”.

Inclusive tal interação fica expressa no discurso dos adolescentes, ao falarem do quanto apreendem na relação com seus pares e afirmarem que a influência dos amigos é intensa na aprendizagem da sexualidade na escola, o que comprova que as gerações “dão ouvidos” aos seus pares mesmo; a geração anterior sempre será errada.

Grupo B, Encontro 01:

Aluna 1: Muitas meninas perdem a virgindade cedo por **influência dos outros**, né? Pela influência dos **amigos**...

Grupo B, Encontro 02:

Aluna 1: Aí, perguntamos para **um colega que já sabe**.

Grupo C, Encontro 01:

Aluna 1: Acho, pelo fato da gente não confiar na família, e a gente querer confiar nos amigos, a gente começa a contar as coisas pra eles, **por amizade**, por poder confiar no próximo.

Grupo C, Encontro 01:

Coordenador: Qual a influência dos amigos na sexualidade?

Aluno 4: Outros falam pra não usar camisinha. (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 5: Mulher não tem muita essa influência não.

Aluna 6: Tem sim, pelo fato de dizer: Eu tô gostando daquele menino, mas ele quer tal coisa, mas pelo fato dela ficar me falando, que ele é legal, é de boa, vai lá. (todos falam ao mesmo tempo).

5.8 Conceitos presentes nos discursos dos adolescentes

Identificamos conceitos que marcam o discurso dos adolescentes, que nos contam, também das suas concepções a respeito da sexualidade.

Com relação à adolescência, há uma visão naturalizante, que aponta o componente biológico, da transformação do corpo, dos hormônios, mas eles também concebem uma visão mais ampla e social do seu desenvolvimento, relativo às mudanças interiores, às mudanças no pensamento e à maneira de ver o mundo e as pessoas.

Da mesma forma, a postura da Psicologia, tradicionalmente, foi marcada pela naturalização do desenvolvimento humano, o que está expresso na fala dos adolescentes. Embora apareçam falas quanto a mudanças no modo de pensar, a adolescência ainda é marcada pelas transformações fisiológicas. Esse distanciamento da compreensão do ser humano como um ser constituído histórica e socialmente é ratificado por Facci (2007, p.84),

No exato momento em que a psicologia poderia ter encontrado nessa nova visão de filosofia, um segundo ponto de apoio para se definir como ciência da vida concreta dos indivíduos, ela vinculou-se a outras ciências particulares ou adotando uma atitude radical, permaneceu atrelada à filosofia idealista. Isto, em qualquer dos casos, levou à **naturalização do fenômeno humano**, desconsiderando suas bases histórico-sociais. A psicologia distanciou-se da possibilidade de compreender a real dimensão do seu objeto de estudo e de situá-lo além de suas determinações

exclusivamente psicológicas, o que criaria as condições para a definição de sua especificidade, sem, contudo caracterizar-se por uma abordagem reducionista.

Grupo B, Encontro 01:

Coordenador: O que é adolescência para vocês?

Aluna 3: Nem é adulto nem é criança, está numa transição. (+).

Coordenador: O que mudou?

Aluna 3: Jeito de pensar e agir, e mudou outras coisas. (risos da aluna).

Aluno 4: Quando é criança, não pensa muito nas conseqüências. Só faz por diversão. Já adolescente, pensa mais nas conseqüências.

Grupo B, Encontro 01:

Aluna 1: Ciclo menstrual, pensamentos, jeito de viver, compreensão da família.

Aluno 2: Quando começa a crescer, você vê que tudo vai ser diferente, começa a pensar que tem que mudar, não tem jeito, tem que mudar.

No discurso dos adolescentes, apareceu também uma palavra até então desconhecida por nós: Bumba, que para eles é sexo, é ficar, é transar.

Grupo B, Encontro 01:

Aluna 1: Os caras só querem fazer bumba. (risos do grupo).

Coordenador: O quê?

Aluna 1: Bumba, é sexo, na língua dos adolescentes.

Grupo C, Encontro 01:

Coordenador: E foi falado, não sei a fala de quem da vez passada, tem muita gíria no meio de vocês. E usaram a expressão bumba. Quem conhece essa expressão? O que que é bumba? Eu passei pra minha orientadora os textos, e ela falou: Bumba, olha que palavra diferente! O que que é pra vocês? (Risos do grupo).

Aluno 9: Pode ser ficar, e tem o outro também de transar, na hora H.

Coordenador: Então, pode ser o ficar, mas pode ser algo mais! (todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 2: Mas existe essa palavra?

Aluna 7: Se a gente terminou de falar, é porque existe. Mas se tem no dicionário a gente não sabe informar. (Todos falam ao mesmo tempo).

5.9 O lugar dos meios de comunicação

As informações veiculadas via televisão, mídia impressa ou pela internet, tantos nos programas de cunho jornalístico, informativo quanto nas novelas ou em programas de entretenimento, aparecem nos discursos dos adolescentes como os principais meios de acesso às questões relativas à sexualidade. Há um julgamento, por parte deles da qualidade dessas informações, mas, mesmo assim, a referência a certos programas já indicam o acesso.

Grupo A, Encontro 02:

Coordenador: Onde ouviram sobre sexo a primeira vez?

Aluno 1: Na TV.

Aluno 6: Pânico só tem pornografia.

Aluna 3: Uns programas são bons, outros é só imoralidade mesmo.

Ao perguntarmos sobre a influência dos meios de comunicação na sexualidade, é unânime a resposta de que há uma grande influência dos mesmos. Conforme diálogo a seguir:

Grupo B, Encontro 02:

Coordenador: Qual influência dos meios de comunicação?

Aluna 3: Cara, tá cada vez mais difícil, porque uma criança assiste uma novela e daqui a dois dias ela tá perguntando o quê que é aquilo. Está bem influenciado mesmo os meios de comunicação esse assunto.

Grupo B, Encontro 02:

Aluna 3: Acho que, nas cenas românticas das novelas, tem bem coisa assim, né? Não é todas as novelas que cortam algumas partes, né? Tem muitas novelas que passam (...).

Aluno 4: Pra mim, não só a novela também, né? MSN, né, é o que mais rola, né? O cara já é maior lá, aí fica perguntando coisa, aí vai só perguntando pra pessoa, querendo saber como é que é (...), aí depois vai querer, né, fazer.

Grupo B, Encontro 02:

Aluna 1: Essa conversa do MSN, às vezes, acontece de a pessoa mais velha mentir a idade e marcar encontro com a pessoa e acontecer um estupro.

Aluno 4: Lan house que tem essas ondas né?

Aluna 1: Na TV passou um homem que foi até a cidade da menina e a mãe descobriu e deu confusão e ele foi preso.

Aluno 6: Essas meninas são safadas. Porque elas aceitam? (+).

Grupo C, Encontro 01:

Coordenador: E quais as influências dos meios de comunicação?

Aluna 3: Hoje, a gente liga a televisão, passa uns cinco minutos, já está falando. Ou coloca no site da internet, a gente vê. E, pelo fato de as crianças estarem aprendendo, e de acordo com o filme, aparece cenas, aí, elas vão pegar, e se estiverem crescendo, elas vão e coloca em prática. (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: Qual dos meios de comunicação vocês acham que tem maior influência?

Todos: Internet.

Coordenador: A partir de que site, das redes de relacionamento, o que vocês acham?

Aluno 4: Facebook , Orkut, MSN, tudo. (Todos falam ao mesmo tempo).

5.10 A apropriação da cultura e do social

Outro fato que podemos perceber é a apropriação como mecanismo determinante do desenvolvimento humano da cultura. Pois há uma postura ativa e não passiva no processo. Estão presentes a autonomia, a ação criativa e a transformação das aquisições, motivo pelo qual os adolescentes não sucumbem em meio aos desafios enfrentados, não se submetem, apenas, mas têm participação ativa, desenvolvem mecanismos para lidar com as questões e lançam mão de estratégias que indicam certa autonomia e a escolha de caminhos. Para (Duarte, 2004, *apud* Facci, 2007, p. 44), os indivíduos, para se formarem,

[...] além de se objetivarem nos objetos materiais e não materiais, através de sua atividade social e histórica, ainda têm que se apropriar da **cultura já acumulada**, já que esta se constitui no processo mediador e entre o processo histórico de formação do gênero humano a formação de cada indivíduo como um ser humano.

Grupo A, Encontro 02:

Aluno 6: Pânico só tem pornografia.

Aluna 3: Uns programas são bons, outros é só imoralidade mesmo.

Aluna 5: Uma coisa boa são os comerciais.

Nestes discursos, há uma apropriação da cultura e uma constituição de si, numa reflexão sobre o que há de positivo e de negativo no conteúdo produzido pela televisão.

Para a Psicologia Histórico-Cultural a apropriação é o principal mecanismo determinante do desenvolvimento do psiquismo humano.

Facci (2007, p.47) afirma:

Finalmente, é preciso destacar que para a psicologia Histórico-Cultural o indivíduo interioriza determinadas formas de funcionamento dadas pela cultura, mas ao apropriar-se delas **transforma-as em instrumentos de pensamento e ação** e por isso não pode ser apreendido como objeto e produto já que, ao mesmo tempo, **é sujeito e produtor das relações sociais**. Isto significa compreender a relação entre o sujeito psicológico e o contexto histórico, resgatando o sentido subjetivo e pessoal do homem, mas situando-o na trama complexa das relações sociais.

Grupo B, Encontro 01:

Aluna 1: Muitas meninas perdem a virgindade cedo por influência dos outros né? Pela influência dos amigos...

Aluna 3: **Discordo**, porque a pessoa vai porque quer e não por influência.

Aluna 1: ...sim, **vai porque quer, mas também por influência.**

Aluno 2: As meninas perdem mais cedo porque falta conversa com os pais, não tem conversa com os pais.

Coordenador: Na sua família, como funciona?

Aluno 2: Tem, todos temos conversas sobre isso. (+).

Nestes discursos, flagramos essa apropriação que se transforma em instrumento de pensamento de ação.

Para Pino (2000, p. 51),

A história do homem é a história dessa **transformação**, a qual traduz a passagem da ordem da natureza à ordem da cultura. Ao colocar a questão da relação entre funções elementares ou biológicas e funções superiores ou culturais, Vigotski não está seguindo, como o fazem outros autores, a via do dualismo. Muito pelo contrário, ele está propondo a **via da sua superação**. As funções biológicas não desaparecem com a emergência das culturais, mas adquirem uma nova forma de existência: elas são **incorporadas** na história humana. Afirmar que o desenvolvimento humano é cultural equivale, portanto a dizer que é histórico, ou seja, traduz o longo processo de transformação que o homem opera na natureza e nele mesmo como parte dessa natureza. Isso faz do homem o **artífice de si mesmo**.

Grupo B, Encontro 01:

Aluno 4: Quando é criança não pensa muito nas conseqüências. Só faz por diversão. Já adolescente **pensa mais** nas conseqüências. (+)

Grupo B, Encontro 01:

Aluno 2: Quando começa a crescer, você vê que tudo vai ser diferente, **começa a pensar** que tem que mudar, não tem jeito, tem que mudar.

Grupo C, Encontro 01:

Aluna 6: Não, palhaçada não, **é escolha deles**, ninguém tem nada a ver com vida deles, então não tem, tu não dá comida pra eles. (Todos falam ao mesmo tempo).

Grupo C, Encontro 01:

Aluno 8: Só vendo na hora mesmo professor, por que a pessoa falar é uma coisa, mas chegar na hora a pessoa faz diferente.

Grupo C, Encontro 02:

Aluna 5: Acho que principalmente no meio da família, é trocar a minha opinião pela do meu irmão. **Não só ficar na minha opinião**, e envolver todos.

Há uma certa autonomia no processo de transformação dos adolescentes em “artífices de si mesmos”.

Os adolescentes sujeitos desta pesquisa não são, portanto, seres passivos que sucumbem as práticas e aos valores vigentes no seu entorno; são susceptíveis

a eles, e não poderia ser diferente por serem seres sociais que se constituem na relação, mas são seres críticos e ativos no processo.

Pois, conforme Vygotski (1996), há um avanço qualitativo no desenvolvimento do pensamento do adolescente; no contato cultural e social, ocorre uma nova forma de atividade intelectual, ou seja, o aprendizado da formação de conceitos, importante no desenvolvimento intelectual do mesmo.

5.11 Manifesto dos adolescentes

No último encontro do grupo C, a leitura de Checchia (2006) nos inspirou a estimular os adolescentes a se expressarem ainda mais livremente; para tal, foi solicitado, então, que os adolescentes se dirigissem aos possíveis leitores deste texto: outros adolescentes que possam ter acesso a esta pesquisa e profissionais da educação responsáveis pela educação sexual nas escolas. Agregamos aqui os trechos em que eles se manifestam.

Grupo C, Encontro 02:

Aluno 11: Quero deixar um salve pros leitores, que meu nome é Lucas, eu sou da zona sul. (Risos do grupo).

Aluno 8: Ter esse conhecimento mesmo do que vai acontecer com ele. Ter essa preocupação mesmo.

Aluna 7: É melhor a pessoa se cuidar, ir ao médico de mês em mês, vendo com quem ela vai ficar e o que ela vai fazer. E pra quem vai ler, ter muita paciência com adolescentes. Pensar muito, se colocar no lugar dos adolescentes.

Aluna 6: Não quero falar não.

Aluna 5: Vou deixar pra eles buscar mais informação, não só dentro da escola, mas também dentro da família.

Aluno 10: Prezado leitor, senhores e senhoras, este debate foi claramente tão importante, não só pra esses alunos que estão presentes aqui. E também que a vida, ela é feita de riscos, e cada hora que nós fizemos esse debate, eu queria que você prestasse bem atenção na leitura deste texto. Basta quando uma pessoa te conhecer, basta você emprestar um livro pra ele ler, pra que tenha uma idéia, um só

conhecimento, uma reflexão sobre esse assunto, sobre a sexualidade na escola. É o caso de todos que estão presentes aqui, cada um falou uma frase declarativa, prezado leitor, e também basta conhecer a pessoa, o diálogo é muito importante; sem o diálogo, vai acontecer muitas coisas em nossas vidas, então, essa é a frase que deixo pra vocês, caro leitor.

Aluno 1: Só usar camisinha sempre, e pronto, pra todo mundo. (Todos falam ao mesmo tempo).

Vimos que, quando os adolescentes têm oportunidades, eles se posicionam e falam sobre suas práticas, seus medos e anseios. E, ao se manifestarem, eles nos fornecem dados significativos sobre como desejariam que a escola atuasse.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, ao buscarmos compreender como os adolescentes concebem a sexualidade e de que modo, nos seus discursos, a escola tem lidado com essa questão, um dado relevante é que eles consideram que as ações da escola são parciais, pontuais e, por vezes não são claras e efetivas.

Este é um dado importante da pesquisa, pois nós nos proclamamos a sociedade da informação; por conseguinte, a escola é ou deveria ser o lugar, por excelência, da informação, do conhecimento e da aprendizagem.

Deste modo, a premissa de que os adolescentes estão informados esbarra na relação entre informação e conhecimento; se estão informados, não transformam essa informação em conhecimento.

Com os dados dessa pesquisa, percebemos que a escola pode avançar na perspectiva de enfrentar essa temática, para que ela se torne política da escola e não apenas seja contemplada em algumas instâncias.

Como aparece nos discursos, a discussão da sexualidade apenas na aula de Biologia, numa perspectiva naturalizante e biologicista é insuficiente.

Este pouco tempo e este pouco espaço dedicado às questões relativas à sexualidade na escola denunciam uma omissão e um silenciamento que já está presente nos processos de formação docente, como vimos em Silva (2011), quando constatou, nos discursos de professores, a sexualidade ausente ou negada.

Ao ouvir o que os adolescentes dizem sobre o modo como nós, escola, família e sociedade, legitimamos a estes dados e, ao mesmo tempo, os tornamos relevantes socialmente, mas consideramos que os limites desta pesquisa se dão na medida em que lidamos com seus discursos. Utilizando uma categoria de Silva (2011), poderíamos afirmar que lidamos com a concepção proclamada de sexualidade dos adolescentes, ou seja, não necessariamente com os dados reais.

Marks *et al.* (2006) apontam como um fato limitante também para pesquisas sobre sexo e gênero dentre outros temas, o fato de:

[...] as pesquisas sobre sexo não podem oferecer uma gama completa de informações devido ao fato de que elas estão limitadas apenas as pessoas que concordam em realizar as pesquisas. Além disso, preconceitos culturais, de gênero e sociais podem influenciar um participante para exagerar ou relatar a informação sexual pessoal.

Apesar dos limites apontados, esta pesquisa nos leva a avançar em alguns aspectos fundamentais. Um deles, o lugar que a escola ocupa, pois os dados advindos dos discursos dos adolescentes nos contam que a escola não se movimentou nos últimos anos.

Outro, ao pensarmos na relação informação e conhecimento, com a qual a nossa sociedade tem que lidar com discursos e com práticas contraditórias, o que é percebido, típicas da contemporaneidade desse homem cindido, desse homem atravessado. É desse homem que tem outra relação com o tempo e com o espaço que precisamos localizar e entender melhor.

Os dados desta pesquisa podem/devem provocar na academia mudanças na forma de como os conteúdos da disciplina de Psicologia do Desenvolvimento são apresentadas, formando assim, um profissional que perceba que seu objeto de estudo – o Homem – é um ser ativo, social e histórico, rompendo com explicações pautadas no modelo clínico e dual que tende a entender esse Homem em termos de normalidade e anormalidade.

Ao longo dos encontros dos GF, na medida em que íamos conversando a respeito da sexualidade, foi possível identificar propostas dos adolescentes, para a escola, o modo como eles entendem que a escola deveria abordar as questões relativas à sexualidade. Passamos a apresentá-las porque consideramos relevante, em função dos objetivos dessa pesquisa.

Os adolescentes estão afirmando que a escola precisa dar mais tempo e espaço para as questões relativas a sexualidade quando dizem que o tempo e espaço dado na aula de Biologia é insuficiente, “três aulas por ano”.

A proposta dos adolescentes é que a escola desenvolva ações que considerem as peculiaridades de cada turma, de cada faixa etária, de cada turno, de cada gênero e não sejam produzidas para um grupo considerado homogêneo. Que os adultos acham que eles sabem tudo, mas eles não sabem tudo. E que, na ausência de uma ação da família e da escola, ficam susceptíveis às possíveis informações advindas de variadas fontes e que podem não ser tão contributivas para sua formação.

Por fim, vemos que foi de grande relevância termos avançado nessa pesquisa quanto ao fato de considerarmos o discurso dos adolescentes, que tantas vezes são

rotulados socialmente de problemáticos e rebeldes. Vimos ainda que a escola pode avançar muito no que diz respeito a contextualizar e considerar a temática da sexualidade na perspectiva contemporânea - na realidade dos adolescentes. Se as relações mudaram – e elas mudaram – não faz sentido a escola continuar lidando com a sexualidade de uma maneira que não contemple essas mudanças.

Sabemos, ainda, que há muito a considerar nos discursos dos adolescentes, além de relativizarmos suas afirmações; como dissemos, analisamos os seus discursos, no universo do seu saber declarativo e não as suas ações, no universo do seu saber procedimental.

Tendo convicção de que buscamos ser fiéis ao foco de nossa pesquisa, encerramos esse trabalho, felizes por termos alcançado nossos objetivos e por termos aberto novas fronteiras, ao nos sentirmos garimpando jóias preciosas nas mais profundas rochas e, acima de tudo, por termos criado condições para que os adolescentes, nas suas falas, se manifestassem e se posicionassem, a esse grupo tantas vezes estigmatizado socialmente, mas que se constrói de maneira belíssima e heróica em meio a tantas dores e sabores que a vida nos oferece.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **El mundo del adolescente**. Montevideo, Revista Uruguaya de Psicoanálisis, III, 1959.

AGUIAR, M. J. A; BOCK, A. M. B; OZELLA, S. **A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica**. In: BOCK, A. M. B; GONÇALVES, M. G. M; FURTADO, O. (orgs.). *Psicologia Sócio-Histórica (uma perspectiva crítica em psicologia)*. São Paulo: Cortez, 2001.

ARDIGÓ, M. I. F. **Estatuto da Criança e do Adolescente – Direitos e Deveres**. Santa Catarina: Cronus. 2007.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BARBOUR, R. **Grupos focais**. (Coleção pesquisa qualitativa coordenada por Uwe Flick). Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo, Edições 70, 2011.

BARROCO, S. M. S. **A educação especial do novo homem soviético e a Psicologia de L.S. Vigotski: Implicações e contribuições para a Psicologia e a Educação atuais**. Unep. Araraquara: 2007.

BOCK, A. M. B; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. L. T. **Família... O que está contecendo com ela? Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2001.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto – Portugal: Porto Editora, 1994. (p. 47-74)

BOHOSLAVSKY, R. H. **A psicopatologia do vínculo professor-aluno: o professor como agente de socialização**. In: PATTO, M. H. S. *Introdução à psicologia escolar*. 3.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

BRASIL, Lei Nº 9.394. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**, 20 de Dezembro de 1996.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CHECCHIA, A. K. A. **O que jovens alunos de classes populares têm a dizer sobre a experiência escolar na adolescência**. São Paulo, 234p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. 2006.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Serviço de Proteção Social a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência, Abuso e Exploração Sexual e suas Famílias**: referências para a atuação do psicólogo / Conselho Federal de Psicologia. – Brasília: CFP, 2009.

CRUZ-NETO, O.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M. **Grupos focais e pesquisa social qualitativa**: o debate orientado como técnica de investigação. 2002. Disponível em: < <http://www.abep.nepo.unicamp.br>>. Acesso em: 26 mar. 2003.

DUARTE, N. **A rendição pós-moderna à individualidade alienada e a perspectiva marxista da individualidade livre e universal**. In: Crítica ao fetichismo da individualidade. Org: Newton Duarte. Campinas: Autores Associados. 2004.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA). **Diário Oficial da União**. Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF. 1990.

FACCI, M. G. D.; MEIRA, M. E. M. **Psicologia Histórico-Cultural**: contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GOELLNER, S. V. **A produção cultural do corpo**. In: _____. LOURO, G. L., FELIPE, J., GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GÓES, M. C.; PINO, A. (Orgs.). **Pensamento e linguagem**: estudos na perspectiva da psicologia soviética. Cadernos CEDES, Campinas, SP, n.24, p.5-9, 1991.

GOLDBERG, M. A. A. **Educação Sexual: Uma proposta, um desafio**. 4. ed. - São Paulo: Cortez, 1988.

IBGE, Fundação. **Brasil em números: 2006**. Rio de Janeiro. 2006.

LOURO, G. L., FELIPE, J., GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MARCUSCHI, I. A. **Análise da conversação**. 5 ed. Editora Ática, São Paulo, SP, 2003.

MASCAGNA, G. C. **Adolescência**: compreensão histórica a partir da Escola de Vigotski. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2009.

MARKS, D. F., MURRAY, M., EVANS, B., WILLIG, C., WOODALL, C., SYKES, C. M. **Health psychology**: Theory, research, and practice. London: Sage. 2006.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro, Hucitec-Abrasco, 2004

MINAYO, M. C. S. **Construção de Indicadores Qualitativos para Avaliação de Mudanças**. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2009.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Secretaria de Vigilância em Saúde: Impacto da Violência na Saúde dos Brasileiros**, Brasília, 2005.

MOREIRA, Maria de Fátima Salum. **Preconceito, sexualidade e práticas educativas**. In: SILVA, D. J; LIBÓRIO, R. M. C. Valores, preconceitos e práticas educativas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

OZELLA, S. **Desmistificando a concepção de adolescência**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.

PAIVA, C. A. **Políticas Públicas e sua aplicabilidade pelo terceiro setor**. 2004. Disponível em: www.unb.br/fac/sos>. Acesso em mar. 2007

PATTO, M. H. S. **Introdução à Psicologia Escolar**. 3ª ed. Revista e Atualizada. São Paulo, SP, Casa do Psicólogo. 1987.

PINO, A. **O social e o cultural na obra de Vigotski**. Educação e Sociedade. CEDES, UNICAMP. N. 71, p. 45-78, 2000.

RESOLUÇÃO CNE/CEB 2/2012. **Diário Oficial da União**. Brasília, 31 de janeiro de 2012, Seção 1.

SCHMIDT, J. P. **Juventude e Política no Brasil: a socialização política dos jovens na virada do milênio**. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2001.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE RONDÔNIA (SEDUC). **Histórico das Escolas**. Disponível em: <http://www.seduc.ro.gov.br>. Acesso em: 15 abril 2009.

SILVA, L. R. G. **Sexualidade e orientação sexual na formação de professores: uma análise da política educacional**. 164 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2010.

SOUZA, A. M. de L. **Avaliação de aprendizagem no ensino superior na perspectiva do aluno**. 174 f. Tese. (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

STEARNS, P. N. **História da Sexualidade**. São Paulo: Contexto, 2010.

TURATO, E.R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista Saúde Pública**, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005.

VERONESE, J. R. P. **Entre violentados e violentadores**. São Paulo: Cidade Nova. 1998.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. (M. Cole, etal. Org., J. C. N. etal. Trad. 6ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (obra original publicada em 1984). 1998.

VYGOSKI, L. S. **Obras escogidas III**. Madrid: Centro de Publicaciones del M.E.C. y Visor Distribuciones. 1995.

VYGOTSKI L.S. **Obras escogidas. IV**. Madrid: Centro de Publicaciones del M.E.C. y Visor Distribuciones. (obra original publicada em 1983). 1996.

APÊNDICE A – Autorização para realização da pesquisa

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA-UNIR
PROGRAMA DE MESTRADO ACADÊMICO EM PSICOLOGIA-MAPSI

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Escola EEFM

Nesta

Ao Senhor diretor,

Venho por meio deste solicitar autorização para realização da pesquisa A SEXUALIDADE NO DISCURSO DE ADOLESCENTES: UM ESTUDO NUMA ESCOLA PÚBLICA DE PORTO VELHO, a ser desenvolvida pelo mestrando **Adegemauro de Brito Faria**, sob orientação da professora **Drª Neusa dos Santos Tezzari** - Mestrado Acadêmico em Psicologia – MAPSI da Fundação Universidade Federal de Rondônia-UNIR, cujo objetivo principal é ampliar a nossa compreensão sobre a concepção dos adolescentes de Porto Velho acerca da sexualidade.

Para que tal estudo possa ser realizado, utilizaremos a Técnica de Grupo Focal e, para tanto, precisaremos ter acesso a grupos de 12 alunos durante quatro semanas, com reuniões uma vez por semana com a duração de 2 horas a cada encontro no horário de aula.

Esclareço ainda que os encontros serão realizados com a adesão dos alunos/as e com a permissão dos pais, em função da idade. Proponho que os contatos com os participantes, por questões de comodidade, sejam realizados na própria escola. Estes, caso concordem, com a participação, assinarão um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Informo também que a pesquisa será efetuada dentro dos preceitos éticos da ciência e em conformidade com a Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), tendo seu início somente após a análise e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Rondônia (CEP) e que a divulgação dos dados será feita mantendo-se sigilo em relação aos participantes e à Instituição.

A permissão para a pesquisa é livre e pode ser retirada a qualquer momento.

Caso concorde, solicito que assine a autorização abaixo.

Atenciosamente,

Adegemauro de Brito Faria

Contato: 69.9274-2625

Autorizo a realização da pesquisa na instituição pela qual sou responsável.

Nome completo e assinatura da direção

Porto Velho, ____ de _____ de 2011.

APÊNDICE B – Autorização dos pais

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA-UNIR PROGRAMA DE MESTRADO ACADÊMICO EM PSICOLOGIA-MAPSI

Prezados Pais,

Estamos desenvolvendo uma pesquisa do Mestrado em Psicologia, da Universidade Federal de Rondônia – UNIR e gostaríamos de contar com a colaboração de vosso(a) filho (a) fornecendo dados, por meio da técnica Grupo Focal, no que se refere ao tema: “A sexualidade no discurso de adolescentes: um estudo numa escola pública de Porto Velho”. Participarão desta pesquisa, 40 adolescentes da Escola.

Os dados coletados, juntamente com a pesquisa teórica desenvolvida nesse estudo, servirão de base para a elaboração de dissertação de mestrado assim como de artigo para ser publicado em periódicos de psicologia ou educação, trazendo como resultado uma maior compreensão acerca da maneira como os adolescentes vêem a sexualidade e contribuir com a escola ao lidar com a sexualidade dos adolescentes.

Gostaríamos de esclarecer que resguardaremos o sigilo e privacidade em relação aos participantes que serão entrevistados, assim como deixamos claro que todos os pais de alunos têm total liberdade, em qualquer momento, para recusar ou retirar o consentimento para seus filhos participarem desse estudo. Esclarecemos, também, que não haverá nenhuma remuneração ou despesa para os participantes dessa pesquisa.

Colocamo-nos a disposição para prestar quaisquer informações:

Universidade Federal de Rondônia – UNIR
Campus - BR 364, Km 9,5 CEP: 78900-000 - Porto Velho - RO
Fone: (69) 2182-2100/ 9274-2625
e-mail: adegemauro@gmail.com

Agradecemos sua participação.

Atenciosamente,

Adegemauro de Brito Faria

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, após ter lido e entendido as informações e esclarecimentos de todas as minhas dúvidas, referentes a este estudo com a Professora Dra. NEUSA DOS SANTOS TEZZARI e ADEGEMAURO DE BRITO FARIA, CONCORDO VOLUNTARIAMENTE, que meu/minha filho(a) _____ forneça dados para esta pesquisa.

Assinatura do pai ou responsável
Porto Velho/ RO, ____/____/____.

APÊNDICE C – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Sr. (a) _____,

Meu nome é Adegemauro de Brito Faria, sou aluno do mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Rondônia.

Venho por meio deste, convidá-lo (a) a participar de uma pesquisa intitulada “A sexualidade no discurso de adolescentes: um estudo numa escola pública de Porto Velho”. Tendo como objetivo ampliar a nossa compreensão sobre a concepção dos adolescentes de Porto Velho acerca da sexualidade. Com os resultados dessa pesquisa, queremos contribuir com uma maior compreensão da sexualidade a partir da fala dos adolescentes.

Para participar desta pesquisa é preciso que você me autorize, por escrito, a vir conversar com você sobre o tema abordado, no local e horário combinado com o grupo. A conversa que teremos com o grupo será gravada em áudio, para que possamos rever depois e estudar melhor as informações. Tudo o que for gravado nos encontros, será confidencial, isto é, não serão divulgados nomes, endereço, ou qualquer informação que leve a sua identificação. Ressaltamos ainda que sua participação não trará nenhum risco à sua saúde física ou mental e que não haverá nenhuma remuneração pela sua participação e nem qualquer tipo de despesa.

A qualquer momento, você poderá solicitar esclarecimentos sobre o método ou qualquer outro aspecto da pesquisa.

Ao final, escreveremos um trabalho sobre o assunto e nos comprometemos a voltar, e divulgar os resultados. Gostaríamos de deixar claro que, em qualquer momento, você pode interromper a sua participação nesta pesquisa, sem trazer nenhum problema para você.

Agradeço desde já por sua confiança e colaboração.

Atenciosamente,

Adegemauro de Brito Faria
Psicólogo CRP 14.989
adegemauro@gmail.com Fone: 9274.2625

Eu _____ estou ciente da pesquisa a ser desenvolvida pelo pesquisador Adegemauro de Brito Faria, dos procedimentos de coletas de dados, não restando quaisquer dúvidas a respeito da pesquisa, aceito participar desta pesquisa.

Assinatura

Porto Velho, __/__/__.

APÊNDICE D – Roteiro dos Grupos Focais

Roteiro de Pesquisa – Grupos Focais

Mestrando Adegemauro de Brito Faria

Mestrado Acadêmico de Psicologia - MAPSI (UNIR/ RO)

A sexualidade no discurso de adolescentes: um estudo numa escola pública de Porto Velho

Pergunta disparadora:

- 1- Como a sexualidade se faz presente na escola?
- 2- Na opinião de vocês, como é a sexualidade na escola ?

Perguntas complementares:

- 1- Qual a influência dos amigos na sexualidade?
- 2- Qual a influência dos meios de comunicação na sexualidade?
- 3- Qual a influência da família na sexualidade?

Temas que surgiram e foram retomados:

- 1- O que é “se cuidar” pra vocês? É quando eu penso em ter uma relação sexual com alguém? O que eu faço pra dizer que eu estou me cuidando?
- 2- Machismo/Feminismo.
- 3- Bumba e outras gírias.
- 4- Homossexualismo.
- 5- Aula de Biologia.
- 6- Virgindade.
- 7- Na escola rola mais que devia.
- 8- DST e AIDS.
- 9- Relacionar-se sexualmente na adolescência implica estabelecer vínculos, comprometimento?

ANEXO A – Carta de Autorização do CEP/NUSAU

**Fundação Universidade
Federal de Rondônia – UNIR**



Comitê de Ética em Pesquisa do Núcleo de Saúde – CEP/NUSAU

Porto Velho, 09 de dezembro de 2011
Carta 058/2011/CEP/NUSAU
Da: Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa
Para: Adegemauro de Brito Faria
Assunto: Parecer Ético
FR: 479822
CAAE: 0027.0.047.000-11

Informo-lhe que o projeto de pesquisa de sua autoria "*A sexualidade no discurso de adolescentes: um estudo numa escola pública de Porto Velho*" **foi aprovado** em reunião do Comitê de Ética realizada em 08/12/2011. Por consequência, o estudo poderá ser imediatamente iniciado.

Outrossim, esclareço ainda que este Comitê deve ser informado do andamento da investigação, bem como receber cópia do relatório final em meio digital, quando de sua conclusão.

Atenciosamente,

A handwritten signature in blue ink, reading "Lucinda Maria Dutra de S. Moreira", is positioned above the typed name and title.

Prof.ª Ms. Lucinda Maria Dutra de S. Moreira
Coordenadora/Portaria 260 GR/2010

Prof. Ms. Lucinda M. Dutra de S. Moreira
Comitê de Ética em Pesquisa NUSAU/UNIR
Coord. Port. 260/GR/2011

ANEXO B – Transcrições dos Grupos Focais

Grupo Focal A - 9º ano

Para iniciarmos os encontros com o grupo tivemos, no roteiro proposto, como fala disparadora: Como a sexualidade se faz presente na escola? Na opinião de vocês, como é a sexualidade na escola? E a partir dela, algumas perguntas também nortearam a discussão, tais como: Como vocês veem, se relacionam ou sentem as questões relativas à sexualidade? Como vocês lidam com a sexualidade na relação com a família, os amigos e a escola? Além de assuntos que surgiram durante as sessões.

Pesquisa: A sexualidade no discurso de adolescentes: um estudo numa escola pública de Porto Velho		
Cronograma - Reunião dos grupos		
Horários	segunda-feira 07,14 e 21/2011	quarta-feira 09, 16 e 23/2011
14h40min às 15h40min	Alunos do 7º ano	Alunos do 9º ano
15h50min às 16h50min	Alunos do 8º ano	Alunos do 1º ano EM

Ficha de Contato com os alunos	
Pesquisa:	
A sexualidade no discurso de adolescentes: um estudo numa escola pública de Porto Velho	
Nome: _____	
Nasc. ____/____/____	Série: _____
End. residencial: Rua: _____ N° _____	
Bairro: _____	Telefone(s): _____
E-mail: _____	

Encontro 01

Iniciamos a sessão conforme previsto fazendo as devidas apresentações do pesquisador, da pesquisa e de seus participantes. Logo após, iniciou-se a discussão com a fala disparadora: Falem sobre a sexualidade.

Aluno 1: Muitos jovens hoje em dia só pensa nisso.

Aluna 5: Depende como cada um pensa.

Aluno 10: Tem uns que **quebra a cara, é pai cedo**. Pega uma doença.

Aluna 2: Eu, tipo sexo, hoje em dia tem muitos gay, (risos do grupo) tem homem que gosta de homem, mulher gosta de mulher e tem que ser aceito, mas não acho certo não.

Aluno 1: Falando de sexo, ela fala de gay.

Aluna 2: As pessoas também faz sexo e, na hora, num pensa sei lá. Só pensa naquilo. (risos do grupo).

Aluna 3: Não tenho o que falar não.

Aluno 4: Eu não.

Aluna 5: Acho que não é só como cada um pensa, mas age.

Aluno 6: O que eu penso sobre sexo, é só chegar lá, fazer, se proteger e **cair fora**. Pronto!... (risos do grupo). Porque chega lá na hora, porque tem muita menina safada também né? Chega lá na hora sem camisinha...

Aluna 5: Bota um saco de dindin. (risos da aluna e risos do grupo).

Aluno 6: ...a menina fica te perturbando: vai faz assim mesmo. O camarada não vai chegar e falar: não, não vou fazer não porque sou um cara consciente e tal. O camarada chega lá na hora, velho, não pensa com a cabeça não. É a cabeça do dedão do pé e salve-se quem puder.

Aluna 3: Mas tem o preservativo né?

Aluno 6: Mas o camarada chega lá pra ti e fala: vamos fazer? Pra ti que é mulher é fácil dizer: não vou, é fácil porque é mulher. Agora se chegar uma menina pra mim e falar: vamos fazer? E aí?

Aluna 5: Já fala logo vamos, onde? Agora. (risos do grupo)

Aluno 6: Eu não vou chegar e dizer não vai, porque eu não tenho preservativo. Eu não sou doido de dizer uma coisa dessa.

Aluno 7: Pois é eu tava pensando aqui agorinha que lá dos fundos da profundidade da minha mente e tava pensando que já é uma coisa que. Porque cada fase do adolescente e tem uns que ele quer logo cedo e não pensa nas conseqüências e vamos lá num sei o que. Eu te telefono ali na esquina lá do lado daquele beco lá, eu te espero lá. (risos do grupo).

Aluno 1: Mas logo beco?! (Risos do grupo)

Aluno 7: Por exemplo, eu tenho uns quinze (15), dezesseis (16) anos e falo tal pra menina, vou lá e te espero na esquina, e vou lá num matinho, aí não sabe quais as **conseqüências**, porque **ser pai logo cedo é muito difícil**. Eu estava me lembrando, trabalhei num lugar e meu encarregado falou para mim, disse: Ei, tu tem quantos anos? Eu, dezesseis (16), e ele queria me advertir algo: Eu sou pai desde os dezesseis (16) anos de idade. Aí, eu acho que ele quis dizer algo extraordinário pra mim, porque ele quis me alertar de alguma coisa, né? Porque ele tem responsabilidade e...

Aluno 6: Tá bom!

Aluno 1: Aê! (Grupo aplaude e grita cortando a fala do colega)

Aluna 8: Eu acho sexualidade pra mim já é uma coisa comum para todo mundo, todo mundo um dia vai fazer né?

Aluno 1: Ou já fez? (Risos do grupo)

Aluna 8: É ou já fez. Agora esqueci. Porque alguns até com dez (10) anos não é mais. (Risos do grupo) Alguns engravidam. Já, tá bom.

Aluno 10: O que eu acho sobre sexo, muito bom, nunca vou deixar de fazer isso na minha vida. Mas é claro que **vou usar camisinha. Não tendo, eu vou fazer do mesmo jeito**. É isso que eu penso.

Aluno 6: O que você acha de ter um filho?

Aluno 10: Sendo homem tá de boa.

Aluno 6: E se for mulher?

Aluno 10: Se for mulher eu não sei.

Aluna 9: O que você acha de ser pai tão cedo?

Aluno 10: Rapaz, tendo dinheiro pra mim criar ele tá de boa. (Risos do grupo). Mas quando completar os dez (10) já tá trabalhando já também. (Risos do grupo). (+).

Coordenador: Família influencia?

Aluno 6: Quando vai menina lá em casa papai fica é alegre.

Aluna 5: Homens são diferentes porque são grossos.

Aluno 1: Se meu pai me ver com uma menina fica alegre mas se ver minha irmã com um menino é diferente.

Aluno 7: Fica difícil também quem é criado sem mãe e pai, chega a situação e não sabe o que fazer.

Aluna 3: Tem família que não conversa com os filhos, como é que é, os detalhes, aí os filhos não sabem, né, como é que é.

Encontro 02

Iniciamos a sessão com uma dinâmica de grupo para interação do grupo e logo após iniciou-se a discussão da temática proposta. Conforme fala disparadora. Dificuldade para falar no primeiro momento, e o coordenador começa com mais uma fala proposta no roteiro.

Coordenador: Onde ouviram sobre sexo a primeira vez?

Aluno 1: Na TV.

Aluna 5: Minha mãe, meus irmãos levavam pessoas lá pra casa, e eu perguntava o que eles estavam fazendo e ela dizia que estavam transando.

Aluno 6: Pânico só tem pornografia.

Aluna 3: Uns programas são bons, outros é só imoralidade mesmo.

Aluna 5: Uma coisa boa são os comerciais.

Aluno 6: Ficar é dar um beijinho aqui outro ali e não tem compromisso. Namoro já vai na casa da menina.

Aluno 7: O cara tinha três (03) filhos com a filha dele e no presídio os caras detonaram com ele.

Aluno 6: Pedofilia, o cara tem que apanhar até a morte.

Aluna 5: Homossexualismo eu não tenho preconceito. Minha irmã já foi (...) e hoje é casada com um homem.

Aluna 9: Não existe “ex-gay”; uma vez gostou vai gostar de novo.

Aluno 1: Já vi um cara gay que bebeu e virou homem, lá no Três Marias, lá.

Aluna 3: Um gay ia lá pra casa; daí os meninos ficavam pegando no pênis dele; depois ele ficou com minha irmã e hoje estão casados, parece que ela está até grávida.

Aluna 2: Gravidez acaba sendo comum, passou ontem uma reportagem sobre isso.

Grupo Focal B - 1º ano

Encontro 01

Iniciamos a sessão conforme previsto fazendo as devidas apresentações do pesquisador, da pesquisa e de seus participantes. Logo após, iniciou-se a discussão com a fala disparadora: Falem sobre a sexualidade.

Aluna 1: Muitas meninas perdem a virgindade cedo por influência dos outros, né? Pela influência dos amigos...

Aluna 3: **Discordo**, porque a pessoa vai porque quer e não por influência.

Aluna 1: ...sim, **vai porque quer, mas também por influência.**

Aluno 2: As meninas perdem (...) mais cedo porque falta conversa com os pais, não tem conversa com os pais.

Coordenador: Na sua família, como funciona?

Aluno 2: Tem, todos temos conversas sobre isso. (+).

Coordenador: O que é adolescência para vocês?

Aluna 3: Nem é adulto nem é criança, está numa transição. (+).

Coordenador: O que mudou?

Aluna 3: Jeito de pensar e agir, e mudou outras coisas. (risos da aluna).

Aluno 4: Quando é criança não pensa muito nas conseqüências. Só faz por diversão. Já adolescente **pensa mais** nas conseqüências. (+)

Coordenador: Quais os aspectos positivos e negativos na adolescência?

Aluna 3: Negativo, adolescente dá muito trabalho.

Aluna 1: Positivo sabe o que é bom e ruim. (+).

Coordenador: Quais os aspectos positivos e negativos da sexualidade?

Aluna 3: Negativo, não usa camisinha, engravida e pega doenças.

Aluna 1: Positivo podem ter filho. (+).

Coordenador: Quais mudanças ocorrem no adolescente?

Aluna 1: Ciclo menstrual, pensamentos, jeito de viver, compreensão da família.

Aluno 2: Quando começa a crescer, você vê que tudo vai ser diferente, **começa a pensar** que tem que mudar, não tem jeito, tem que mudar.

Aluna 1: Mas não julgar pela aparência. Às vezes, olha uma mulher com jeito de macho e acha que é sapatona, mas não é. Não agir pela aparência. (+).

Coordenador: O que a sexualidade influencia no seu futuro?

Aluna 3: Uma família, né?

Aluno 2: Decidem ser uma família.

Aluna 1: Tem homens que são safados mesmo, mas outros são responsáveis e veem que vão construir uma família. (+).

Coordenador: O que diferencia você adolescente de um adulto?

Aluna 3: Boa pergunta! O adulto viveu mais, a gente não.

Aluna 1: Já construíram o caminho, nós ainda estamos construindo. Lutar pra seguir em frente.

Coordenador: Como você vê a sexualidade aqui na escola?

Aluno 2: Eles não explicam sobre sexualidade, eles não dão palestras sobre sexualidade. Eles não tiram tempo para conversar com os alunos sobre a sexualidade.

Aluna 3: A professora de Biologia uma vez passou isso pra gente, mas é raramente...

Aluno 2: Tá passando agora.

Aluna 3: ...mas todo ano ela passa de vez em quando. Mas é raramente.

Aluna 1: Ano passado teve.

Aluna 3: ...às vezes tem palestra, mas são rápidas falam mais de doenças transmissíveis, o que pode ocorrer entre um homem e uma mulher numa relação sexual. Agora não são direto, né, tipo umas três palestras ou (...) são poucas as palestras sobre isso.

Aluno 4: São poucas as explicações (...).

Aluna 3: Só que tem muitos alunos que não participam, porque ficam bagunçando.

Aluna 1: Não vêm, vão pra casa. São muitos que não pegam essa experiência na escola.

Coordenador: O que a família influencia na sexualidade?

Aluna 1: Pra colocar camisinha, meu pai, ele fala: pede pro cara colocar uma camisinha, mas não é qualquer cara não, então abre o olho e não é qualquer um que fala que ama e vai assumir o filho depois. Apesar que não tenho idade ainda. (+).

Aluna 1: Os caras só querem fazer bumba. (risos do grupo).

Coordenador: O quê?

Aluna 1: Bumba, é sexo, na língua dos adolescentes.

Aluna 3: Ela falou que conversa muito com o pai dela, né? Agora lá em casa não, com ninguém, eu e minha irmã mais nova a gente nunca, ninguém lá em casa chegou para conversar esse tipo de coisa com a gente.

Coordenador: E você mora com seu pai e sua mãe?

Aluna 3: Minha mãe nunca chegou pra conversar, nem a madrasta. E o que sei é pela escola, amigos que me contam, né? Mas, assim, influência de família não tenho nenhuma não...

Aluno 2: Eu tenho conversa assim com meu pai com a minha mãe.

Aluna 3: ...muita gente acha estranho, né, que já vou fazer dezessete (17) anos e ninguém nunca falou comigo sobre isso. Assim, nem a minha primeira menstruação que veio, assim, eu me virei sozinha, porque eu fiquei assustada no começo, porque ninguém me avisou nada, assustei porque ninguém nunca chegou para conversar comigo sobre esse tipo de assunto.

Coordenador: E com sua irmã?

Aluna 3: Com minha irmã, eu já converso. Não sei se é vergonha deles. Minha irmã mais velha fala que a gente já sabe é coisa de mais nas escolas. A gente já sabe coisa que nem velho sabe, ela diz. Mas, na verdade, eu não sei, mas aí, eu não vou falar para ela, senão vai ser uma confusão dentro de casa, eu não vou pedir pra ela me explicar isso aí, deixa quieto. (+).

Coordenador: Ok, Obrigado pela opinião de vocês e na próxima a gente conversa mais, ok?

Encontro 02

Coordenador: Falem mais sobre a sexualidade.

Aluna 1: Muito cedo, estão fazendo.

Aluno 4: Bom quando casar, (risos do grupo) mas é sério mesmo, é bom quando casar que já tem sua responsabilidade, já é de maior.

Aluna 3: Ou depois dos dezoito (18) anos.

Aluno 5: Responsabilidade.

Aluno 4: Depois engravida, não sabe nem quem é o pai fica de porta em porta querendo saber. Aí, estando casado já sabe que é dele.

Aluna 3: É! (risos do grupo). (+).

Aluno 4: Faz uma pergunta que fica melhor.

Aluna 3: É, faz uma pergunta.

Coordenador: O que é adolescência?

Aluna 2: Acredito assim eu, que é o período de criança pra adulto no meio entre eles, mas ele não é criança nem adulto.

Aluno 4: Desenvolvimento do corpo.

Aluna 3: Do corpo e a mente também, vai evoluir um pouco mais.

Coordenador: Conseguem se lembrar quando deixaram de ser crianças?

Aluno 4: Eu consigo, tem várias maneiras.

Aluna 3: Acho que com doze (12) anos a gente passa...

Aluna 1: Deixar de ser umas coisas para ser outras.

Aluno 4: Muda fisicamente, pelos pubianos, voz (...).

Aluna 3: ...meninas a primeira menarca, muda bastante o pensamento da menina assim.

Aluna 1: Começa a nascer os seios. (risos do grupo).

Aluna 3: Já falamos sobre isso.

Todos: É mesmo.

Coordenador: Qual influência dos meios de comunicação?

Aluna 3: Cara, tá cada vez mais difícil, porque uma criança assiste uma novela e daqui a dois dias ela tá perguntando o quê que é aquilo. Está bem influenciado mesmo os meios de comunicação esse assunto.

Aluno 6: Aquele livrinho lá que eles proibiram de passar nas escolas, acho importante porque ajuda mais a gente.

Aluno 4: Só ouvi na televisão só.

Aluna 3: Acho que, nas cenas românticas das novelas, tem bem coisa assim, né? Não é todas as novelas que cortam algumas partes, né? Tem muitas novelas que passam (...).

Aluno 4: Pra mim, não só a novela também, né? MSN, né, é o que mais rola, né? O cara já é maior lá, aí fica perguntando coisa, aí vai só perguntando pra pessoa, querendo saber como é que é (...), aí depois vai querer, né, fazer.

Aluna 1: Às vezes, até mesmo amizade vai influenciando. E como ele disse também a internet. (+).

Coordenador: Para vocês, o que é o ficar?

Aluna 3: É só momento de curtidão da gente, porque nem todos querem compromisso.

Aluna 1: Hoje em dia, esse ficar é curtir aquela noite e, no outro dia, já esquecer (...) justificar nossa carência assim, só isso, mas a pessoa não quer aquele compromisso.

Coordenador: E namorar?

Aluna 3: Namorar é compromisso sério.

Aluno 4: Também não pode ir na conversa dos outros, que diz tá ficando com outra ali daí vai e termina com a pessoa.

Aluna 3: Mas se você está com uma pessoa e confia nela você não tem medo de ouvir outras pessoas.

Aluna 1: Essa conversa do MSN, às vezes, acontece de a pessoa mais velha mentir a idade e marcar encontro com a pessoa e acontecer um estupro.

Aluno 4: Lan house que tem essas ondas né?

Aluna 1: Na TV passou um homem que foi até a cidade da menina e a mãe descobriu e deu confusão e ele foi preso.

Aluno 6: Essas meninas são safadas. Porque elas aceitam? (+).

Coordenador: O que a sexualidade influencia no seu futuro?

Aluna 1: Numa transa pode ficar grávida.

Aluno 4: A família não apóia, às vezes, já quer mandar embora.

Aluna 1: Minha mãe disse que vai me apoiar se acontecesse comigo.

Aluno 5: Eu não falo com meus pais porque só querem brigar. Tá grávida, é menina?

Aluna 1: Aí, perguntamos para **um colega que já sabe**.

Aluna 3: Acho assim, que as pessoas que são virgens são bem criticadas, porque, ai não sei. O que! Tu nunca transou?

Aluno 5: É, se acham, só porque já fizeram.

Aluna 1: A gente quer prever o futuro. Quer esperar a pessoa certa e hora certa.

Aluno 4: Também pegar doença cedo né?

Aluna 1: As vezes, tem pessoa que se arrepende né?

Aluna 3: Tem pessoas que são mais atiradas. Outras não.

Aluna 1: É, depende de cada um, eu só quando casar.

Coordenador: Como é a sexualidade na escola?

Aluna 1: Acho que rola mais que devia.

Aluno 4: Só a prática, vem aqui para o senhor ver o que rola nesses escuros aqui.

Aluna 1: Pegaram de tarde dois. No treino de futebol, menino e menina no banheiro, daí foi proibido menino no nosso treino... A maioria dos pais não ajudam a gente entender. Fica mais na deles, pensa que a gente não sabe, fica "Ah meu filho não sabe".

Aluno 4: Pensa que é inocente.

Aluna 1: Pensa que é inocente, porque, na maioria das vezes a gente, né, principalmente eu, são uma pessoa na frente dos pais e por trás somos outra, ai escondemos muitas coisas.

Aluno 4: A máscara né, mas um dia cai.

Aluna 1: É a máscara, então, assim eu sou uma coisa aqui e atrás dele eu sou quase um demônio.

Aluno 5: Tipo, parece que eles nunca passaram por essa idade porque chega nessa idade não conversa nada.

Aluna 3: Porque não adianta esconder da gente e depois a gente fazer e se arrepende pro resto da vida. Melhor sentar, conversar e explicar como são as coisas.

Grupo Focal C - 9º ano, 1º Ano e 2º Ano

Encontro 01 – 31/05/12

Coordenador: Como vocês acham que a sexualidade está presente na escola?

Aluna 1: Acho, pelo fato da gente não confiar na família, e a gente querer confiar nos amigos, a gente começa a contar as coisas pra eles, por amizade por poder confiar no próximo.

Coordenador: Então você acha que a sexualidade está presente na escola, por que acaba que você fala com os amigos?

Aluna 2: Às vezes, a gente fica até com vergonha (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 6: Pula essa parte.

Coordenador: E aí como a sexualidade está presente na escola?

Aluno 10: Eu concordo com ela, tipo o pai não tá presente em uma hora, pra dizer se com a menina se vai dar certo o lance.

Coordenador: E a escola tem alguma proposta sobre a sexualidade, trabalhos?

Aluna 5: Tem, mais, assim, quando a professora de Biologia fala sobre esse assunto, umas três aulas durante o ano.(Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: E como vocês veem a sexualidade dentro da escola? Ela acontece, não acontece?

Todos: Acontece!! (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 6: A tarde, até de manhã acontece. Não coloca a culpa só nos outros não, que todo mundo faz. Não vem com graça não (...). (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 7: Não, nesse fato de transar com todo mundo da escola, não. Todo mundo fica aqui na escola, vem com esse papo não, de dizer que ninguém ficou aqui na escola. (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: Algo mais da escola? O que vocês acham que a escola poderia ter como proposta?

Aluna 7: Mas não adianta! (...)

Aluno 4: Por que queria aula ao vivo é? Quer aprender na prática já? (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 7: ...não adianta a escola falar, que daqui a pouco o pessoal tá tudo lá fazendo de novo. (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 3: Tem que ter acompanhamento com cada sala (...). Não adianta não, Camisinha, os meninos não gostam dessas coisas.

Coordenador: Camisinha resolve a questão?

Aluna 3: Não!! Faz é aumentar. Eu vou se prevenir por causa da camisinha.

Aluno 10: Não concordo com isso também não.

Coordenador: Qual a importância ou não da camisinha, na opinião de vocês?

Aluna 7: Pra cuidar, pra não ter doenças transmitidas. Acho que é. (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluno 8: Camisinha, sentir aquele negócio agonizando, a pessoa não sente nada, na verdade, vai lá na farmácia, toma uma injeção, pra não engravidar. (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 6: Eu conheço pessoas que diz a mesma coisa, que diz que não usa camisinha de jeito nenhum. (+).

Coordenador: Há algo mais que a escola poderia fazer, na opinião de vocês?

Aluno 8: O Sr. está falando só em escola, mas quem deveria fazer esse papel é os pais em casa...

Aluno 10: Falar com os filhos.

Aluno 8: ...por que o diretor não tem que se preocupar com nada, quem tem que se preocupar é os pais, porque quem fica buchuda aqui? (Risos do grupo).

Aluno 8: Os culpados é os pais, nem professor, nem diretor... Só vão falar, dar a palestra e avisar as coisas que poderia acontecer (...).

Aluno 1: E prevenir.

Coordenador: Então, você acha que a responsabilidade maior é da família?

Aluna 3: Mas, às vezes, a família nem conversa mais. (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluno 9: Nem liga mais. (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 2: Às vezes, minha mãe não incentiva não, ela quebra o pau. (Silêncio do grupo).

Coordenador: Outra questão, que a gente percebe na fala de vocês no discurso de vocês, a questão do machismo e do feminismo. Às vezes, o homem pode tudo, é incentivado até pelos pais, pela família: Não, o meu filho é homem mesmo, pode tudo! Mas se é uma menina, aí não! Como que é essa pressão na família, na sociedade? O que vocês acham sobre isso?

Aluna 7: Porque se ele engravidar uma menina, ele não vai ter tanta responsabilidade de **carregar nove meses na barriga**. Então, os pais se preocupam mais, pelo fato de ficar com ela durante nove meses ou até ela ir embora. Até ter mais responsabilidade. (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluno 1: O pai vê o menino com a menina, diz: **meu filho é macho**. Mas se vê a filha dele com um menino é diferente.

Coordenador: E a questão da própria virgindade, foi tocada na vez passada. O que vocês acham? Também á mais pressão também pro homem não ser virgem? Pra mulher ser? Ela sofre mais pressão social? Como é que é isso?

Aluna 7: Acho que hoje em dia a menina que não é, o pessoal já começa a criticar. Antigamente se fosse virgem todo mundo zelava por ela, pra ela ser a pessoa mais pura. Hoje não.

Coordenador: Hoje já sofre pressão junto com os homens né, de não ser mais virgem. Algo mais sobre machismo, feminismo, virgindade? (+)

Coordenador: E foi falado, não sei a fala de quem da vez passada, tem muita gíria no meio de vocês. E usaram a expressão bumba. Quem conhece essa expressão?

O que que é bumba? Eu passei pra minha orientadora os textos, e ela falou: Bumba, olha que palavra diferente! O que que é pra vocês? (Risos do grupo).

Aluno 9: Pode ser ficar, e tem o outro também de transar, na hora H.

Coordenador: Então pode ser o ficar, mas pode ser algo mais! (todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 2: Mas existe essa palavra?

Aluna 7: Se a gente terminou de falar, é por que existe. Mas se tem no dicionário a gente não sabe informar. (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: Tem algumas outras palavras que vocês conhecem, nessa área?

Aluna 6: Não conheço nenhuma gíria. (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: E sobre o homossexualismo, o que vocês acham sobre o homossexualismo?

Aluna 6: Eu acho que deveriam respeitar mais eles, é decisão deles, ninguém tem nada haver com a vida deles ...

Aluno 8: Eles deveriam ficar no canto deles, por que ninguém é obrigado a ver aquela palhaçada de ficar se agarrando no meio da rua.

Aluna 6: Não, palhaçada não, **é escolha deles**, ninguém tem nada a ver com vida deles, então não tem, tu não dá comida pra eles. (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: No caso, você acha que é uma palhaçada, né? Tá publicamente se relacionando. E se for um casal homem e mulher? Você acha que é correto?

Aluno 8: É pode, na rua. É de Bíblia, né? Homem e mulher tem que ser homem e mulher só.

Aluno 10: Eu também discordo desse negócio, não aceito não, sou contra.

Coordenador: Aluna 6, qual a sua defesa? O que você estava falando?

Aluna 6: Eu sou a favor, vou falar um palavrão, quem dá (...) é eles. O problema é deles. Por que ninguém tem nada a ver com a vida deles. Se eles escolheram, eu não posso fazer nada. E cada um aqui vem pra fazer a sua escolha. E eles estão fazendo, então, pronto.

Coordenador: Na prática, você procura fazer isso, respeitar? Conhece pessoas assim?

Aluna 6: Com certeza! Eles têm todo direito, é o que ele escolheu, eu respeito.

Coordenador: Alguém mais quis falar aqui deste lado? Qual opinião de vocês sobre isso?

Aluna 2: Eu apoio ela. Mas acho que essa é uma decisão muita burra. Já vi tanto gay bonito, gostoso, maravilhoso, com outro homem, no meio de tanta mulher no meio da rua e se agarrando. Dá vontade de pegar os dois e espocar. Mas eu acho horrível. Eu não sou contra, mas também não sou a favor. Tô fora.

Coordenador: Vocês acham que ainda hoje com tanto discurso sobre liberdade de expressão, liberdade de escolha, como a colega falou. Ainda há muito preconceito relacionado a isso? Você se considera preconceituoso, com relação a homossexualidade?

Aluna 5: Às vezes, sim. Mas não no modo de falar, mas no modo de pensar. A gente olha assim. O meu preconceito mesmo é só contra eles adotar filhos. Eu não concordo.

Aluna 6: Eu acho que cada um tem seus direitos, não é criticando vocês, mas eles tem o direito também.

Aluna 3: O filho vai nascer com o exemplo deles, vai crescer vendo eles fazer aquilo. Quando eles crescer, eles vão ser o quê? Devem ser diferentes, pelo fato de eles crescerem, e no dia da mãe e do pai lá, e chegar e falar na escola dele, alguém chegar e perguntar pra ele no meio de todo mundo: Você vai dar o que pra tua mãe? E ele responder assim pelo fato de ser dois homens: eu nem sei quem é minha mãe, pelo fato de ele ficar com vergonha. Eu acho muito errado, pelo fato de ter o dia das mães e dos pais. (Risos do grupo).

Coordenador: Se fosse alguém da sua família, você aceitaria?

Aluno 8: Só vendo na hora mesmo professor, por que a pessoa falar é uma coisa, mas chegar na hora a pessoa faz diferente.

Aluna 7: Pelo fato de ser meu filho, e conviveria com ele, mas mesmo não aceitando, mas respeitando.

Coordenador: Outra questão que foi falada também da outra vez, vocês até citaram hoje novamente, a questão de, às vezes, é passando em Biologia, falado sobre sexualidade, mas é muito pouco, e não constante. Até um de vocês usa a expressão assim: A professora de Biologia tá passando! Ou seja, tá passando um conteúdo. O que vocês querem dizer, o que vocês acham que dá pra entender, quando dizem que tá passando o conteúdo?

Aluna 7: Tá passando o básico, que todo mundo já sabe, tá falando, explicando, mas que a gente já viu muitas vezes, mas nunca é aprofundado no assunto, é a mesma coisa todo ano.

Coordenador: Nós tivemos aquele contato com o grupo de vocês, era dois, agora estamos com um aqui. Alguma coisa serviu pra vocês, ou mudou na vida de vocês, depois daquelas discussões, alguma coisa acrescentou, que você teve que lembrar depois?

Aluno 4: Pra mim foi relevante. (+).

Coordenador: Teve alguém que falou da outra vez, que quando a gente perguntou sobre a escola, se acontece a sexualidade e disseram: Rola mais do que devia! A noite tem e à tarde também. O que você acha que significa: **Rola mais do que devia?**

Aluna 3: Não estão só ficando, mas como fazendo relações dentro da escola. (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: Qual a influência dos amigos na sexualidade?

Aluno 4: Outros falam pra não usar camisinha. (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 5: Mulher não tem muita essa influência não.

Aluna 6: Tem sim, pelo fato de dizer: Eu tô gostando daquele menino, mas ele quer tal coisa, mas pelo fato dela ficar me falando, que ele é legal, é de boa, vai lá. (todos falam ao mesmo tempo).

Aluno 8: Porque, antigamente, era o menino que chegava pra ficar com a menina, hoje é as meninas que estão fazendo esse papel, que era do homem, hoje ela que tão fazendo. A questão é que elas estão muito assanhadas. (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: A mulher tem que ficar esperando?

Aluna 2: Não, eu acho que se ela quiser, se ela gostar, se ela tiver coragem. Se ela quiser esperar também, pra ter certeza.

Aluno 10: Eu tô aqui com ele, e ele fala que a menina quer me conhecer. E eu falo que vai dar certo, faz aquilo que aquilo não vai fazer mal. Isso envolve a mente e influencia. Ao invés de pensar, eu vou conhecer a menina primeiro, vou esperar o momento certo, vê se pode, vê se não pode.

Coordenador: E quais as influências dos meios de comunicação?

Aluna 3: Hoje, a gente liga a televisão, passa uns cinco minutos, já está falando. Ou coloca no site da internet, a gente vê. E, pelo fato de as crianças estarem aprendendo, e de acordo com o filme, aparece cenas, aí elas vão pegar, estiverem crescendo, elas vão e coloca em prática. (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: Qual dos meios de comunicação vocês acham que tem maior influência?

Todos: Internet.

Coordenador: A partir de que site, das redes de relacionamento, o que vocês acham?

Aluno 4: Facebook , Orkut, MSN, tudo. (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: Qual a influência da família na sexualidade?

Aluno 9: Muitos falam pras meninas, só pra não ter filhos. Pra menino, dificilmente fala, só falam pra usar camisinha.

Aluno 10: Acho que é muito falta de conversa com o filho, tipo assim: meu filho querido...

Aluna 3: Esses menino de hoje em dia, a mãe fala uma coisa, daqui a pouco tá transando com a menina, e não tá nem aí pro que a mãe disse.

Coordenador: Informação é igual a conhecimento?

Todos: Não.

Aluna 7: Informação a gente vai obter, conhecimento é o que a gente já apreendeu sobre o assunto.

Coordenador: É que hoje, se discute muito que nos vivemos numa era em um tempo, onde muita gente, todo mundo tem muita informação, até por causa da internet, meio de comunicação, tudo é muito veloz muito rápido, só que nem sempre isso tem se transformado em um conhecimento produtivo pras pessoas. Vocês acham que os adolescentes os jovens, tem muita informação sobre a sexualidade, isso vocês já concordaram. Mas essas informações são suficientes pra se tornar conhecimento?

Todos: Não.

Coordenador: Por que não?

Aluna 5: Porque não basta, aquilo que a gente leu, que a gente viu lá no site, não basta, a gente tem que sempre aprender cada vez mais sobre esse assunto, não são poucas as doenças, não é pouco as coisas sobre isso, tem que apreender mais sobre isso.

Aluna 3: Não é só esperar alguém chegar e falar pra gente, a gente tem que buscar também essa informação. Qualquer dúvida, a gente tem que buscar.

Coordenador: Qual seria a melhor forma pra isso acontecer?

Aluna 5: O diálogo com os pais. Porque a maioria dos pais, acho que já passaram por alguma coisa, então eles sabem. Então tem o conhecimento deles.

Coordenador: Foi falado, nos textos anteriores, sobre se cuidar, tem pais que cuidam, tem pessoas que se cuidam, e falamos um pouco ainda agora sobre preservativo. O que é se cuidar na opinião de vocês?

Aluno 4: Se prevenir de doenças.

Aluno 10: Também não aceitar muitas opiniões dos outros, prevenir nem tanto, todo mundo se previne.

Coordenador: O que mais envolve a sexualidade? Porque o preservativo é basicamente pra não engravidar ou pra não adquirir doenças. O que mais está em jogo em uma relação?

Aluna 7: Se uma menina transar com um menino, e ele é um fofaqueiro, ele fala pros amigos tudinho, e aí ela vai passando e eles falam: olha essa vagabunda aí.

Coordenador: Olha só como envolve mais coisa o se cuidar. Sua imagem, às vezes está ligado só com físico, mais e a imagem social, com quem? Como? Onde?

Encontro 2 - 04/06/2012

Retomando questões anteriores a fim de aprofundar os dados colhidos até aqui e avançar na busca de mais informações.

Coordenador: O relacionamento sexual na adolescência estabelece vínculos? Sejam eles físicos ou emocionais?

Aluna 7: Não.

Coordenador: Não, por quê?

Aluna 7: Porque acho que como adolescente tá na fase da adolescência, pensa mais em curtir, acho que não quer estabelecer compromisso com nenhuma garota não. Ou a menina com o garoto. Porque vai (...). Ah, essa é mais bonita, e vê lá na frente outra mais bonita (...). Acho que não tem a mente de adulto, de estabelecer um compromisso sério.

Coordenador: Você falou, “bonita” né? A relação sexual está muito mais ligada à questão da aparência? Como é que é isso, para o homem e para a mulher?

Aluna 7: Acho que hoje sim. É por querer ter dinheiro também. Por querer andar de carro.

Aluno 8: Se o feio tiver dinheiro, uma Hilux, já era.

Coordenador: É assim com vocês? (Coordenador pergunta para as meninas).

Aluna 6: É não. (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 7: Vou defender as meninas. Eu acho que, a maioria das vezes, é assim: Porque nós, mulheres, não querem andar a pé. Mas o homem pode, sim, conquistar a mulher, pelo fato de ele ser gentil e legal com a gente. Mas ele sendo sem vergonha e safado, ela não vai querer. Porque ela vai querer os feios, pelo fato de ser feio, ninguém quer, então, elas vão pegar os feios.

Aluno 11: Não é assim que vocês pensam não! (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: E pros homens, como que é, em relação às mulheres?

Aluna 6: Tem que ter tudo, bunda, peito (...).

Aluno 10: Pra mim, não muda nada. É a minha opinião, com todo respeito. Pra mim, não importa a aparência. (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 7: Os meninos só querem namorar com meninas bonitas. Quer namorar uma semana com a menina, pra dizer pros colegas: Tô pegando aquela gostosa ali. Depois pega e vai embora. (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: Não há vinculação, né?

Aluno 8: Mas as meninas só querem serrar o dinheiro dos caras e vai embora.

Aluna 5: Mas não é todas não. (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 2: Se fosse assim, as meninas novas só pegavam tudo os velhos, que tem mais dinheiro que vocês. (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: Vocês já viram a situação em que, ou homem ou a mulher, já viram uma pessoa muito bonita mesmo, mas depois que você começa a conversar com essa pessoa, aquela beleza parece que passa?

Aluna 6: Mas às vezes nem quando aproxima, mas quando abre a boca. Pode ser lindo que for, mas quando começa a falar, estraga a pessoa, completamente.

Aluna 7: Também o que acontece, eu acho assim, que todo mundo pensa que pelo fato de ser bonito quando casa todo mundo fica assim.

Coordenador: Foi falado em situações anteriores, sobre o cuidar. Como que vocês veem a questão do se cuidar? Eu me cuido! Você se cuida? Como se cuida? Como você acha que deve ser o cuidado, nessa área da sexualidade?

Aluno 11: Usar camisinha.

Coordenador: Só usar camisinha resolve?

Aluno 11: Não, porque estoura. (Risos do aluno).

Coordenador: Vocês acham que, usando camisinha, está se cuidando?

Aluno 11: Eu acho que estou. Se não estourar, eu acho que estou.

Coordenador: Vocês acham que o cuidado é só nessa área física, no órgão genital?

Aluno 1: Não

Aluna 7: Como a menina falou, no discurso passado. A gente tem que ver com quem vai namorar.

Aluno 10: Tem que ver o lugar também.

Aluna 5: O momento, a hora certa. (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: Por que, muitas vezes, aquilo que a gente falou, pai fala pro homem: meu filho tem que ir lá e tal, porque ele é homem. Só que ele não quer saber, como? Que qualidade? Que felicidade esse filho vai ter? Os vínculos sociais? A importância disso.

Aluno 1: Falam que mulher dá muita dor de cabeça.

Coordenador: E meninas o que você acha? O que você faz pra dizer assim: Eu estou me cuidando?

Aluna 7: Indo ao médico. Vendo com quem eu faço relações, vendo com quem eu tô ficando, quais as pessoas que estão perto de mim, acho que isso é uma forma de se cuidar também.

Aluna 6: Buscando informação também.

Aluna 7: Muita informação.

Aluna 6: Acho que tem que ir ao médico mensalmente, de mês em mês.

Coordenador: É importante isso né. Os homens já fogem mais do médico!

Aluna 6: É fogem. (Todos conversam ao mesmo tempo).

Aluna 7: Acho que todas as adolescentes fogem, pelo motivo de algumas não ser virgem, por vergonha da mãe, com medo de descobrir.

Coordenador: Então mostra, que há pouca comunicação com os pais mesmo, como vocês vem falando.

Aluna 6: Minha mãe vai comigo sim no médico, de boa.

Coordenador: E sobre ainda do se cuidar. Vocês falaram das doenças sexualmente transmissíveis, mas foi pouco falado, e a própria AIDS. Como é isso hoje em dia, a

AIDS. E como que é hoje isso nas relações, que até por conta da camisinha ficou mais tranquilo e tal. Mas tá rolando, não tá, você conhece pessoas que já tiveram ou tem, ou AIDS ou outras doenças? Isso é preocupante pra vocês? Como é que é isso das doenças?

Aluno 1: Não conheço ninguém que tem AIDS não. Pelo menos ninguém falou nada não.

Aluno 9: Às vezes, as pessoas têm, e fica com vergonha de falar. (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 6: As pessoas também têm preconceito contra isso.

Aluna 7: Eu conheci um homem. A minha professora tinha me explicado que a AIDS é um vírus, o que faz a pessoa morrer é as doenças que ele pega gripe e algumas coisas. E um dia a gente estava numa rua, a gente viu um homem, e ele veio falar com a gente, que a gente estava numa rodinha evangélica, e ele pegou e falou: que ele tinha AIDS, que ninguém amava ele. Aí a gente pegou e começou a falar com ele. E deu de perceber que alguns ficaram com medo dele, pelo fato de ele ter algumas feridas, de o sangue pegar na gente. Mas na hora teve um tiroteio, e todo mundo saiu correndo. Mas é estranho. (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: E vocês tem medo, e receio de alguma doença? (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: Vocês conhecem algumas, quais? O que elas fazem?

Aluno 11: Medo eu já não tenho não. Por que tipo assim, se ele tem uma doença gravíssima, eu vou lá, não chegar tão perto assim com ele. Mas ofender também, né?

Aluno 11: Se eu tivesse um amigo que tivesse AIDS, lógico que eu não ia ter preconceito com ele, ia continuar amigo dele. Agora que eu ia me cuidar eu ia. Por que todo mundo sabe que AIDS até agora não tem cura, aí o camarada fala: há ele é meu melhor amigo! Mas não se cuida. E vai que ele pega também, e aí?

Aluna 7: Por que, tipo você tendo AIDS, e uma garota e a garota não souber, vai ter relações com ela, e a camisinha estoura e infecta ela também, e ela nem sabe que você tem. Pelo fato de ela não saber, ela estava bem mal informada, por que ela ficou com gente que ela nem sabia. (...)

Aluno 11: E agora inverte a situação, e se for à menina?

Aluna 7: Pioro, por que a mulher tem 90% tem mais chance de pegar AIDS, do que o homem.

Coordenador: E pode chegar a sete anos que não aparece sintomas algum, é a janela imunológica da AIDS. Muitos quando sabem eles começam a se relacionar com muitos outros. (Todos falam ao mesmo tempo).

Aluna 7: Começa a aparecer um monte de verruguinha. E se for mulher, queima, e na parte de dentro, e no homem não, é na parte de fora. E por isso quando a menina se torna mulher ela vai ter vergonha de se relacionar, por que ela vai se sentir mal. (Todos conversam ao mesmo tempo).

Aluno 11: Vai que eu vou chegar lá, e menina não me deixa ciente, não me fala que ela tem doença.

Aluna 7: Ela pode muito bem chegar e falar: eu vou ferrar aquele ali. Aí te ferro. (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: Por isso que a gente falou do cuidado né. Saber com quem, conhecer o histórico.

Aluno 10: A única coisa que pode acabar com essas coisas, é conhecendo a menina, e dizer eu não conheço você, não conheço sua saúde, nem sua família...

Coordenador: Por isso que tem que saber antes. (Todos conversam ao mesmo tempo).

Aluno 11: E se chegar assim, senta aqui do meu lado comigo vamos conversar: Você tem que tipo de doenças? Pra não ficar assim. (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: Mas é já saber as pessoas do seu círculo de relacionamento ser pessoas confiáveis, né?

Aluno 11: Agora tem menina que é diferente, que chega conversa com o cara. E eu conheço um monte.

Coordenador: O que é família, na opinião de vocês?

Aluno 11: Pra mim é quando tem muita gente reunida.

Aluna 7: É um conjunto de pessoas, que nós temos intimidade.

Coordenador: Qual é a importância da família pra você?

Aluno 8: Ter confiança, conversar com o filho.

Aluna 5: Acho que é o amor.

Coordenador: O que vocês levariam e o que não levariam da família atual de vocês?

Aluno 1: Uma família unida, sem brigas.

Aluno 11: Uma família feliz.

Aluna 6: Uma família que um apóia o outro, não deixa nenhum pra trás.

Aluno 11: Sem intriga entre os irmãos.

Aluna 7: Uma família onde um ajuda o outro.

Aluna 6: Porque sempre tem isso na família, mas sempre um que fica pra trás. Acho que tá na família também.

Aluna 5: Acho que principalmente no meio da família, é trocar a minha opinião pela do meu irmão. **Não só ficar na minha opinião**, e envolver todos. (Risos do grupo).

Coordenador: Mas alguma coisa sobre a família?

Aluno 9: Sempre vai haver um desentendimento, e sempre vai ter aquelas brigas, sempre vai ter desentendimento, sempre vai ter. Se você não conversar sobre isso, que experiência que nós temos então.

Aluna 6: Conversar e não criticar.

Aluno 9: Exatamente.

Aluna 5: Saber criticar e saber ouvir também. Que na maioria das vezes, a pessoa fica até sem graça de falar com a mãe ou com o pai, por motivo de ficar gritando, ou criticando entendeu.

Coordenador: E o que você levaria ou não levaria da sua família?

Aluno 11: Não levaria briga, contenda, etc.

Coordenador: E o que levaria?

Aluno 11: Felicidade, alegria, amor, paz, esperança.

Coordenador: E o que você faria de diferente na sua vida? Nessa área de relacionamento, de sexualidade?

Aluna 6: Ouvir mais os conselhos, pensar antes de fazer besteira. (Todos falam ao mesmo tempo).

Coordenador: Eu queria que cada um de vocês deixassem um recado para os adolescentes e para os leitores que um dia vão ler essa pesquisa. (Risos do grupo)

Aluno 11: Quero deixar um salve pros leitores, que meu nome é (...), eu sou da zona sul. (Risos do grupo).

Aluno 8: Ter esse conhecimento mesmo do que vai acontecer com ele. Ter essa preocupação mesmo.

Aluna 7: É melhor a pessoa se cuidar, ir ao médico de mês em mês, vendo com quem ela vai ficar e o que ela vai fazer. E pra quem vai ler, ter muita paciência com adolescente. Pensar muito, se colocar no lugar dos adolescentes.

Aluna 6: Não quero falar não.

Aluna 5: Vou deixar pra eles buscar mais informação, não só dentro da escola, mas também dentro da família.

Aluno 10: Prezado leitor, senhores e senhoras este debate foi claramente tão importante, não só pra esses alunos que estão presentes aqui. E também que a vida, ela é feita de riscos, e cada hora que nós fizemos esse debate, eu queria que você prestasse bem atenção na leitura deste texto. Basta quando uma pessoa te conhecer, basta você emprestar um livro pra ele ler, pra que tenha uma ideia, um só conhecimento, uma reflexão sobre esse assunto, sobre a sexualidade na escola. É o caso de todos que estão presentes aqui, cada um falou uma frase declarativa, prezado leitor, e também basta conhecer a pessoa, o dialogo é muito importante, sem o dialogo, vai acontecer muitas coisas em nossas vidas, então, essa é a frase que deixo pra vocês, caro leitor.

Aluno 1: Só usar camisinha sempre, e pronto, pra todo mundo. (Todos falam ao mesmo tempo).